Aprenda como se tornar um herói com KICK ASS

SET

CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

aver editora

23 ANOS

50+ Personagens SENSACIONAIS da (nossa) HISTÓRIA

ECLIPSE
vampiros entram em guerra

ESQUADRÃO CLASSE A
Charutos, moicanos e explosões na adaptação da série de TV

Rodrigo Santoro + Futebol + Dennis Hopper

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Junho 2010 - Ed. 270 - Ano 23 - R$ 9,90

Um belo dia você resolve mudar. E fazer tudo o que queria fazer. Começa com a viagem dos seus sonhos. No primeiro dia, você e seus novos amigos saem para passear. De tarde, conhecer a cidade. À noite, um bailinho, porque ninguém é de ferro. Amanhece, o sol brilha, a vida ainda mais. Você lembra dos amigos que ficaram em casa e não puderam vir. Dá vontade de cantar: "Agora só falta você". Só falta você aproveitar as vantagens do Viaja Mais Melhor Idade.

Pacotes especiais para a melhor idade.
E 50% de desconto nos hotéis cadastrados.

MUDE SUA ROTINA.
O PRAZER DE VIAJAR
NÃO TEM IDADE.

ViajaMais
MELHOR IDADE

Quem tem mais de 60 anos tem
também mais vantagens
na hora de viajar.

Para saber mais,
ligue **0800 770 7202**
ou procure uma agência de viagens.
www.viajamais.com.br

Ministério
do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Quando lançamos o Jornal quinzenais, teve gente que

Tudo sobre teatro em um só jornal

de Teatro com edições pensou que faltaria assunto...

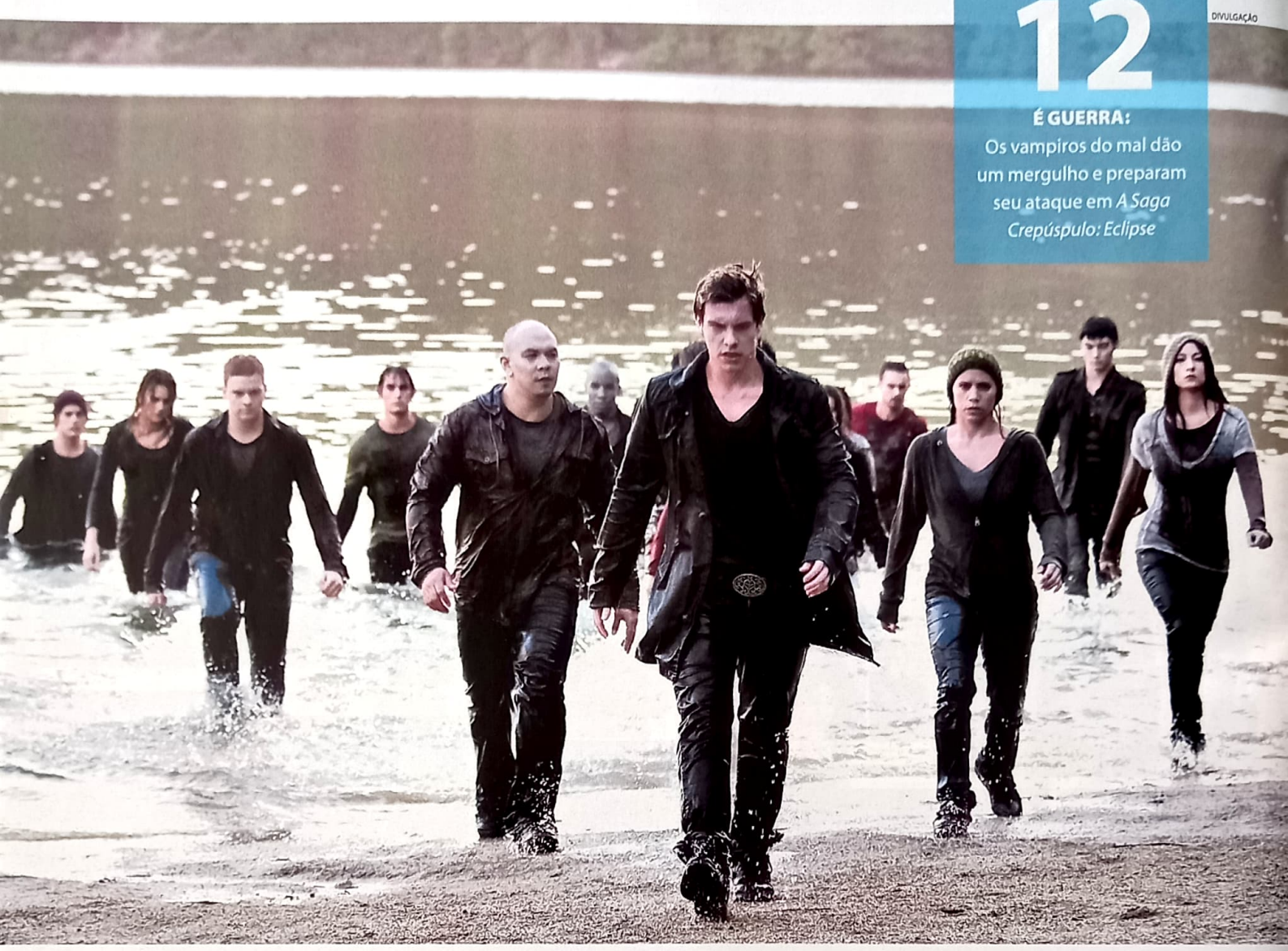
JORNAL de Teatro

Leia e assine:

www.jornaldeteatro.com.br

Uma publicação aver editora

NESTA EDIÇÃO



DIVULGAÇÃO

12

É GUERRA: Os vampiros do mal dão um mergulho e preparam seu ataque em *A Saga Crepúsculo: Eclipse*

21 50 PERSONAGENS MAIS SENSACIONAIS DE (NOSSA) HISTÓRIA
De John McClane a McLovin, lembramos quem nos levou para o cinema nos últimos 23 anos.

32 COMANDOS EM AÇÃO
A série ESQUADRÃO CLASSE A ganha os cinemas em um filme acelerado – e que por pouco não saiu do papel

40 NÃO É BRINQUEDO!
TOY STORY 3 marca os quinze anos de supremacia da Pixar na animação

44 RECEITA PARA NÃO FAZER UM HERÓI
O polêmico KICK ASS revela como fazer um filme independente com cara de cinemão

44 O ÚLTIMO AMERICANO
SET lembra a vida e a carreira de DENNIS HOPPER, o grande rebelde de Hollywood

48 BOLA NA REDE
Um cardápio com os grandes filmes (e algumas bombas) no universo do futebol

56 SET ENTREVISTA RODRIGO SANTORO
O ator fala sobre como namorou Jim Carrey na comédia O GOLPISTA DO ANO

SEÇÕES

8 EDITORIAL **10** CARTAS **12** TAKES **64** CINEMA **70** DVD & BLU-RAY **78** TV PAGA **80** LIVROS & HQs **81** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **82** HQ HUMOR

NA CAPA: *Montagem sobre fotos de divulgação*

EXPRESSE LIBERDADE.
MIAMI
EXPRESS YOURSELF
Cada interesse. Cada experiência. Cada ação. Nenhum lugar o deixa tão livre quanto Miami.
Explore MiamiExpressions.com e receba um plano de férias gratuito.

Editorial

Não é fácil uma revista especializada alcançar duas décadas de publicação ininterrupta no Brasil. Ok, ultimamente SET tem experimentado sua cota de soluços, mas segue firme como a principal publicação sobre cinema no Brasil desde um já distante junho de 1987, quando Mickey Rourke estampou nossa capa. Neste período, testemunhamos ascensão e queda de artistas, vimos o "poder" saltar de produtores para diretores, para astros – finalmente se estabilizando neste novo milênio no elemento que realmente arrasta multidões aos cinemas: os personagens. Em nossos 23 anos de história, testemunhamos a criação de milhares de ícones que deixaram sua marca. Muitas vezes, eles se tornam maiores que seus intérpretes; muitas vezes, transcendem até o filme que os revelou. Para comemorar nosso aniversário, escolhemos os 50 personagens que deixaram o cinema mais rico, que cumpriram sua função como entretenimento, que muitas vezes deixaram sua vida em celulóide para ganhar identidade e reconhecimento em outras mídias. Foi uma viagem no tempo divertida – e contida, já que os Darth Vaders e os Vitos Corleones da vida fizeram história muito antes do nascimento de SET. Ah, e não esqueça de nos dizer se você achar que ficou alguém de fora: afinal, você também faz parte dessa história. Que, assim como o prazer de ver um bom filme, está bem longe de terminar.

Roberto Sadovski
Editor-Chefe

BRUNO LOBO

Um editor com duas caras: Roberto Sadovski depois da maquiagem aplicada pelo diretor Rodrigo Aragão durante o Trash – Mostra Goiana de Filmes Independentes. Que beleza...

Afogando em números

30 minutos foi o tempo da transformação do Sadovski

1 criança chorou de medo ao ver o editor-chefe com visual de Harvey Dent

100 personagens tinha a lista original da matéria de capa

0 foi o consenso na hora de cortar (um dia a gente publica os outros 50...)

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski
Editor Christian Petermann

ARTE
Editor de Arte Fabiano Spadari
Designers Keila Casarin e Fernando Rodella
Tratamento de Imagens Daniel Freire

FOTOGRAFIA
Pesquisa de Imagens Marilene Bucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alfredo Sternheim, André Barcinski, Edu Fernandes, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Marcelo Forlani, Maria Fernanda Menezes, Rodrigo Salem, Rudy Landucci
Arte Vendo Editorial
Ilustração Yuri Moraes, Fábrica de Quadrinhos

PUBLICIDADE
Live Group
Representante exclusivo:
Live Group - Fone (11) 3151.3818
contato@livegroup.com.br
Direção geral: Luis Carlos Borges (borges@livegroup.com.br)

aver editora
www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes
Hélcio Estrella, Anderson Espinosa

CIRCULAÇÃO E OPERAÇÕES
Wagner Pinheiro

ASSISTENTE DE DIRETORIA
Jorge Aquino

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo: Rua da Consolação, 1992, 10º andar,
CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3257-0577.
De segunda a sexta-feira, das 9 às 18h.
assinanteset@avereditora.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.

TOM CRUISE
CAMERON DIAZ
ENCONTRO EXPLOSIVO
TM & © 2010 FOX
WWW.ENCONTROEXPLOSIVO.COM.BR
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
16 DE JULHO NOS CINEMAS

BEM-VINDOS DE NOVO

A-há! E vocês pensavam que eu tinha ido embora! Tomado chá de sumiço, ido nadar com os peixes, ver a grama pela raiz... Nada disso! Estava hibernando, esperando o momento de mostrar minha cara feia para o mundo. Mas nada pode me afastar de minhas obrigações: trazer luz a este mundo marcado pelas trevas da ignorância cinematográfica... Conto com você para me ajudar na peleja contra o mal, as adversidades e os fãs de Madonna! E o prêmio "Valeu Aí" vai para o leitor Danilo Cunha, que tirou um tempo para digitalizar TODAS as capas de SET e as disponibilizou no Orkut (*www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=27827007&tid=5476389610879650899*). Uma belezura!

TUDO AZUL

Quais as chances de termos as versões estendidas de *O Senhor dos Anéis* em Blu-Ray ? E *Superman 2 – The Richard Donner Cut*?

Davi Queiroz

Santo André - SP

A estendida de O Senhor dos Anéis *não tem previsão de chegar em Blu-Ray nem na gringa. Já* Superman 2... *bom, eu não esperaria com o fôlego preso.*

VALEU AÊ

É prazeroso ver SET dando a volta por cima e contrariando as previsões sombrias que a crítica tinha para esse monstro do jornalismo cinematográfico! Welcome back, SET!

Mauricio Leandro da Cruz

por email

E valeu aê mesmo, Mauricio!

AMIGOS PARA SEMPRE

Quais as chances do seriado *Friends* virar filme?

Kim Peterson Coenen

por email

Poucas. Courteney Cox (a Monica, né) disse recentemente que ela e Jennifer Aniston estão em campanha para levar Friends *ao cinema, mas não existe esforço por parte dos produtores da série. Assim, como diria vovó, fica bem difícil.*

PODREIRA TOTAL

Gostaria de saber o que faz um filme ser considerado trash e quando foi criado este termo? Além disso, quais são os melhores (ou piores) exemplos de filmes trash, sejam eles feitos nos EUA, Itália, Turquia...

Rafael Medeiros Vieira

por email

Ih, agora pegou. Bom, trash é lixo, mas não sei precisar quando o termo começou a ser usado em cinema. Paul Morrissey dirigiu Trash, *sobre um viciado em um dia de busca de mais drogas, em 1970, e é provável que tenha sido o pontapé inicial – mesmo que retroativo. A palavra é comumente associada a filmes independentes, de produção barata e que abusam do humor negro, ultraviolência, sátira social e muito, muito sangue. Para se educar na coisa, o ideal é ver filmes do Russ Meyer, Herschell Gordon Lewis, Roger Corman, Ed Wood, William Castle... Quer ir à fundo? Então encomende o livro* Videohound's Cult Flicks & Trash Pics *na Amazon e seja feliz.*

MAYBE MAYBE

Há possibilidade de lançarem no Brasil edições em Blu-Ray de clássicos como *Cidadão Kane*, *Psicose*, *Os Pássaros*, etc.? E também gostaria de saber se haveria uma melhora significativa na qualidade de áudio e imagem dos filmes.

Pedro Henrique da Silva Lubschinski

Gravataí - RS

Possibilidade sempre há (eu ainda espero um Blu-Ray de Cinderela Baiana, *mas nem). A melhora é absurda, caro gafanhoto. Mas você precisa de uma TV full HD para sentir a diferença. Um home theater também é bacana. Eu estou feliz e contente com a coisa.*

GIBIZEIRA NERVOSA

Com os holofotes sobre (o muito bom) *Homem de Ferro 2* e as inserções de Hulk, Thor e Capitão América por aí, fiquei pensando em quais outros pesos pesados da Marvel não estão sob as asas de nenhum grande estúdio e podem virar filmes pelo mesmo caminho?

Capitão Rodrigo Benevides da Silva.

por email

Em outros estúdios eu não sei, mas sob as asas da própria Marvel tem uma boa centena – é plano do estúdio começar a produzir filmes mais baratos com personagens de menor apelo, tipo Dr. Estranho, Pantera Negra e Quarteto Futuro. E você sabe que, tendo o nerd-mor como editor-chefe, SET estará sempre à frente na hora de falar das novidades. Eu mesmo adoraria ver O Cavaleiro da Lua na telona.

CHAMANDO DR. LECTER...

Por quê, revista SET, é tão complicado entender a beleza de Megan Fox? Posso passar minha vida querendo entender e nunca conseguir! E por que a sua beleza não é também um quociente de bons filmes?

João Benevides da Silva

São Paulo - SP

Eu conheci um sujeito assim antes, durante minha estadia no Juqueri. Ele passava o dia contando grãos de areia e cantando "Livin' la Vida Loca". Bons tempos. Mas quando ele quis me explicar que caroço de pitomba não é diamante, eu percebi que meu caminho era o da sanidade e vazei dali. Ah, o chefe pediu pra te dizer que a Megan Fox, suadinha no set de Transformers, *é ainda mais agradável aos sentidos. E deixe essa navalha no lugar, menino!*

INOCENTE MORDIDA

Alguma previsão de lançamento para *Deixa Ela Entrar* em DVD?

Vicente Cortez

Teresina - PI

Sim... Ah, você quer saber se eu sei? Aí não... E com toda essa simpatia, despeço-me. Até mês que vem!

Outras publicações da AVER EDITORA

Próxima Viagem

Jornal de Turismo

Aviação em Revista

Jornal de Teatro

CONVERSE COM A GENTE
Fone: (11) 3257-0577
E-mail: set@avereditora.com.br
ou acesse www.setonline.com.br
Endereço: Rua da Consolação, 1992, 10º andar
CEP 01302-000, São Paulo (SP)
ASSINATURA SET
Fone: (11) 3038-1450

ABERTA A TEMPORADA DE CAÇA.
AGORA EM TERRITÓRIO INIMIGO.
PREDADORES
23 DE JULHO NOS CINEMAS

É o amor: Bella (Kristen Stewart) e Edward (Robert Pattinson) em momento meigo

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Guerra em dois frontes

Vampiros se pegam em *A Saga Crepúsculo: Eclipse*, uma aventura que teve sua cota de sangue nos bastidores

POR ROBERTO SADOVSKI

Estava conversando com o presidente de uma *major* no Brasil, e estávamos discutindo qual seria a maior bilheteria de 2010. "*Harry Potter e as Relíquias da Morte*, claro", eu disparei. Ele coçou a cabeça, colocou a mão no queixo, e depois soltou: "É, até pode ser a primeira. Mas vai levar uma canseira de *Eclipse*". Naquela altura, o terceiro filme da saga literária bolada por Stephenie Meyer não registrava em meu cérebro. Talvez por *Crepúsculo* ser tão medíocre, e por *Lua Nova* ser tão insatisfatório; talvez por eu não ser mulher e nem adolescente; talvez porque é quase impossível criar um bom filme quando o material original não é grande coisa (não, nem li todos os livros, em dez páginas do primeiro e do segundo fica evidente que Stephenie não se dá muito bem com as letras). Mas fenômeno é fenômeno, a gente aceita, observa e abraça – ou não. Afinal, "análise científica" de algo como *Crepúsculo* é uma idéia tão estúpida que nem dá para levar a sério.

O que vale observar é que, enquanto o fenômeno (mais uma vez essa palavra) se confirmava nos cinemas, nos bastidores da saga as faíscas quase se converteram num incêndio que poderia atrapalhar o sucesso da Summit. A verdade é que, quando a torta engorda, todo mundo quer fatias maiores. Vamos aos números. *Crepúsculo*, lançado em novembro de 2008, faturou inacreditáveis 409 milhões de dólares em todo o mundo. *Lua Nova*, que chegou aos cinemas um ano depois, fechou a conta com 710 milhões em caixa. Robert Pattinson, Kristen Stewart e Taylor Lautner foram alavancados à condição de astros (eles não são, já que fora da série sua receita é insignificante). O trio, claro, fechou ótimos

Chamando Rodrigo Santoro: Frank Miller prepara a continuação de *300*, a ascensão do rei-deus (interpretado pelo brasileiro) ao poder; a Warner já

O couro vai comer: os Cullen, vampiros do bem, preparam-se para defender seu quintal

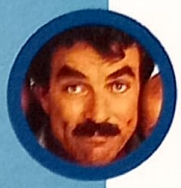
acordos para continuar em seus papéis, já que dificilmente o público aceitaria novos rostos como Edward, Bella e Jacob. O mesmo não pode ser dito do elenco coadjuvante. Rachelle Lefevre, que defendeu a vampira do mal Victoria, foi ejetada e substituída por Bryce Dallas Howard – apesar do barulhinho, os fãs deixaram quieto. Ashley Greene (Alice Cullen) e Kellan Lutz (Emmett Cullen) pediram um aumento substancial no pagamento para a conclusão da saga, *Amanhecer* – resolveram a questão amigavelmente com o estúdio.

Amanhecer, que será dividido em dois filmes, traz mais pedigree que qualquer outro capítulo da história, com Bill Condon (*Deuses e Monstros*, *Dreamgirls*) assumindo a direção. Já David Slade (*30 Dias de Noite*) teve seus momentos tensos com a Summit – ele tinha uma visão mais sangrenta, o estúdio preferiu manter a coisa asséptica para não assustar as fãs. O que é normal em qualquer filme do tamanho de *Eclipse*, é claro. E o que me deixa ainda mais curioso para ver como eles vão mostrar o "super bebê vampiro" de *Amanhecer*, provavelmente uma das criações mais trash da história da literatura. As fãs, claro, não se importam com nada disso. O que interessa é ver Edward e Bella manter seu romance açucarado vivo entre vampiros em guerra, lobisomens fofinhos e outros *plot points* menos interessantes. O trunfo de Stephenie Meyer – e dos filmes – é entregar uma pitada de "perigo" travestida em romance adolescente que defende o celibato. As famílias gostam. As meninas adoram. E *Eclipse* será um sucesso. Não é preciso nenhuma "análise científica" para prever isso. Mas *Harry Potter* terá o topo do pódio.

DIVULGAÇÃO

mas será um prequel. XERXES conta está de olho para levar ao cinema.

Isso que a gente chama de temporão: TOM SELLECK confirmou que a Disney planeja uma segunda continuação de *Três Solteirões e Um Bebê*, que Leonard Nimoy dirigiu em 1987 – e se tornou o maior sucesso daquele ano. O nome do projeto, que pode ter também Steve Guttenberg e Ted Danson, entrega o plot: *Três Solteirões e uma Noiva*.



Não é nenhuma surpresa. Com as dificuldades financeiras enfrentadas pela MGM, e o número de projetos adiados (como *Bond 23*), Guillermo Del Toro foi obrigado a seguir com a vida e está fora do comando de *O Hobbit*, que antecede a saga *O Senhor dos Anéis*. É improvável – mas não impossível – que o próprio Peter Jackson assuma os filmes.

Sem Bond no horizonte, e filmando *Cowboys & Aliens*, Daniel Craig prepara-se para cair nas mãos de David Fincher e pode protagonizar a versão ianque de *Os Homens Que Não Amavam as Mulheres*

DIVULGAÇÃO

Duplo cinquentenário de dois clássicos

Apenas um dia separou as estreias oficiais de *Se Meu Apartamento Falasse* e *Psicose*

POR ALFREDO STERNHEIM

FOTOS DIVULGAÇÃO

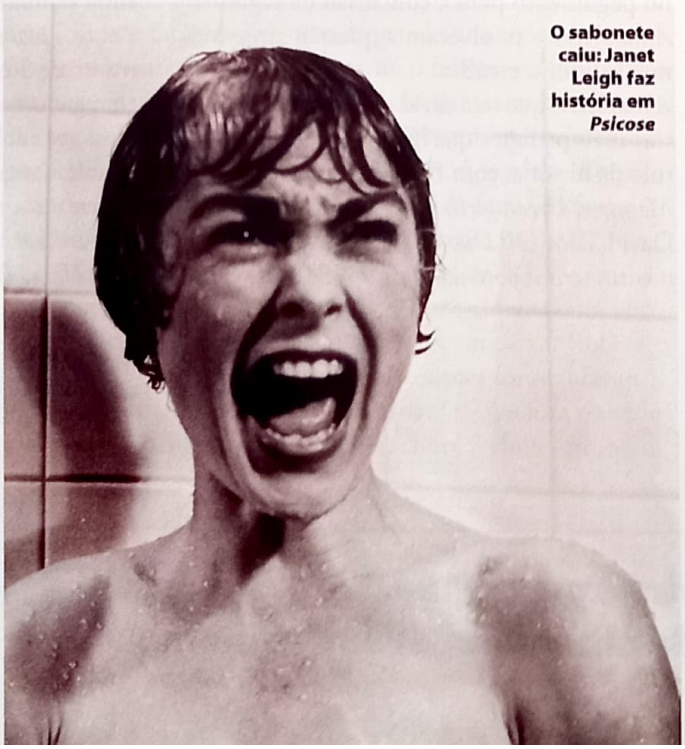
Lemmon e MacLaine: encontros carnais num clássico

Em dois dias seguidos de 1960, convidados especiais puderam assistir em Nova York às estreias de dois filmes em preto-e-branco que se tornaram clássicos: *Se Meu Apartamento Falasse* (The Apartment) e *Psicose* (Psycho). O primeiro foi apresentado em 15 de junho, e o segundo, no dia 16. Ambos confirmaram a genialidade de dois cineastas europeus radicados em Hollywood: o austríaco Billy Wilder e o inglês Alfred Hitchcock. O curioso é que ambos transitaram pelo suspense. Mas foi nesse gênero que o diretor britânico se tornou um mestre.

Já Wilder foi mais versátil e se deu bem na comédia com visão crítica da sociedade. Ousado, enfrentava a censura oficial e dos estúdios com argumentos fortes para a época. Como o de *Se Meu Apartamento Falasse*: talvez tenha sido esta a primeira ocasião em que Hollywood mostrou a força de uma "garçoniére", como se dizia então (ou matadouro, na gíria dos anos 70) – enfim, de um espaço para encontros carnais e adúlteros. E o mais grave: facilitado por alguém que, com essa atitude, visa a ascensão profissional. É o que faz o funcionário Baxter (Jack Lemmon) quando empresta seu apartamento para encontros extra-conjugais de seu chefe Shaldrake (Fred MacMurray) com a ascensorista Fran (Shirley MacLaine). Mas Baxter se apaixona pela moça desconhecendo que ela é "a outra" na vida do patrão. Com esse tema, Wilder fez um filme delicioso em seu humor e algo amargo na análise do uso do sexo de forma arrivista.

Já *Psicose* era um projeto menos ambicioso. Por obrigação contratual, Hitchcock precisava fazer um filme de orçamento modesto e em pouco tempo. Daí a escolha da história de Robert Bloch. O resultado foi surpreendente, inclusive pelo fato de matar a personagem central pouco antes da metade da trama. Janet Leigh é Marion. Depois de dar um desfalque na firma em que trabalha, ela pega a estrada e pernoita num motel. É a única hóspede. Lá é assassinada sob o chuveiro. Sob os acordes do compositor Bernard Herrmann, a sequência se tornou antológica. Concebida pelo diretor e desenhada pelo genial Saul Bass (que fez inesquecíveis letreiros de apresentação), essa parte ganhou inúmeras imitações e é sempre exibida em matérias de TV que falam do mestre do suspense. O longa gerou continuações e uma nova versão em 1998, realizada por Gus van Sant.

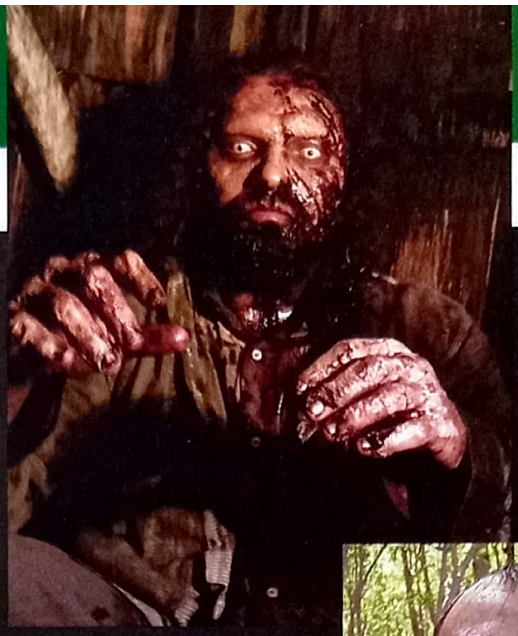
Psicose foi recebido friamente pela crítica e teve quatro indicações ao Oscar (inclusive direção e atriz, para Janet), mas não ganhou nenhum. Já *Se Meu Apartamento Falasse* obteve ampla aceitação da crítica mundial, ganhou inúmeros prêmios (até a taça Volpi no Festival de Veneza para MacLaine) e venceu em cinco categorias do Oscar, inclusive nas de filme e direção. Embora diferentes, hoje os dois continuam brilhando e, disponíveis em DVD, são requisitados com frequência pelos amantes do cinema genial. Um sucesso contínuo e merecido há 50 anos.



O sabonete caiu: Janet Leigh faz história em *Psicose*

O horror...

Goiânia é uma cidade tranquila. Por isso, foi estranho testemunhar uma centena de zumbis caminhando pela cidade. Era um *zombie walk*, uma brincadeira que fez parte do Trash - 5ª Mostra Goiana de Filmes Independentes, festival feito na raça por Márcio Mário, que convidou SET para dar uma olhada no melhor da produção underground brasileira. E pode enfatizar o *underground*: em quatro dias, longas e curtas que passam longe do circuito comercial desfilaram em um cinema no centro de Goiânia. Foi a oportunidade de descobrir pérolas e de assistir a clássicos modernos que muitos cinéfilos sequer sabem que existem. Como o seminal *Filme Demência*, que Carlos Reichenbach lançou em 1985. "Quando a lógica é assassinada, tudo é possível", disse Carlão ao apresentar o filme – mal sabia a platéia que ele estava sendo literal. Outra surpresa foi a chance de conhecer os curtas experimentais de Gurcius Gewnder (*Mamilos em Chamas* é inacreditável) e Christian Caselli – procure os dois no Facebook e peça uma amostra. Mas o que vai deixar uma marca é *Mangue Negro*, longa de estreia de Rodrigo Aragão (e que ilustra essa página), um filme de zumbis com orçamento zero, mas que traz uma força criativa que merece ser conhecida. Com ecos de *Uma Noite Alucinante* e muito George Romero, Aragão criou uma obra peculiar, que merecia um olhar dos caciques do cinemão brazuca. Por sinal, o diretor está rodando *A Noite dos Chupacabras* – e você vai acompanhar o nascimento dessa criatura abominável bem aqui em SET.



Podreira fina: as criaturas de *Mangue Negro*, filme de Rodrigo Aragão exibido no Trash em Goiânia

SESSÃO COMÉDIA

ROBOCOP (1987)

Um filme curioso com passagens INSANAS de violência. Temos um policial robô bem doidão que seiLá... Não sei direito explicar o que acontece. Ele luta com um outro robô doido no final do filme. Mas sendo bem sincero, eu entendo a história no mesmo nível que entendo a afeição dos críticos ao Verhoeven

THE GOONIES (1985)

Apesar de ser extremamente surtado, é um 80s que respeito e gosto. Um filme infantil onde os bandidos atiram em crianças e e permite um senso de humor que faz piadas com acidentes de trânsito, drogas pesadas e pedofilia bizarra.

E.T. (1982)

Uma bagunça forte cheia de ceras para emocionar o público. É a melhor forma de descrever esse filme. Eu não conseguia lembrar nada da história até ver de novo e agora não consigo de novo. Não consegui prestar atenção em 10 minutos seguidos do filme nenhuma vez durante a última sessão e derrepente estava o ET todo sujo e jogado no chão. MUITO bizarro. Até agora não sei por quê ele estava sujo e machucado no chão igual um mendigo.

CURTINDO A VIDA ADOIDADO (1986)

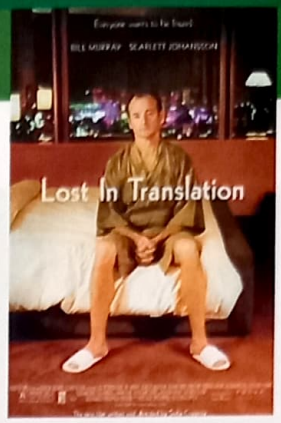
Esse é claramente um caso de filme que foi filmado sem roteiro. Eu sei que todos dos anos 80 tem um amor especial por esse filme, mas sinceramente: ELE NÃO FAZ NENHUM SENTIDO. Se eles retratam alguma juventude que já existiu, eu não faço idéia de qual seja. Desculpem aí.

OS CAÇA-FANTASMAS (1984) Esse talvez seja o filme mais surtado de todos os tempos. Sem exagero. Eu não consegui acompanhar o por quê de praticamente todos eventos do filme (e juro que tentei!). O mais estranho é que tem tipo uns 2 fantasmas no filme todo. Mas devo confessar que o personagem do Ernie, que leva o emprego como um outro qualquer, é GENIAL.

TRON (1982)

Esse filme tem umas das direções de arte mais fodas da história do cinema. Fato. Mas eu não entendi nada que acontecia no filme. Até agora acho que não sei bem quem é o TRON direito. Eu achava que era o Jeff Bridges antes de ver mas agora eu não sei realmente o que aconteceu. É um filme muito frenético que devia fazer algum sentido pra quem jogava fliperama antes de existir jogos como Street Fighter II. Muitas luzes.

YURI MORAES



Encontros e Desencontros

(Lost in Translation, de Sofia Coppola)

POR CHRISTIAN PETERMANN

É muito provável que sentidos e/ou sutilezas de expressões e frases se percam quando traduzidas para outra língua, mas com certeza nada se perdeu em termos de comunicação nas várias línguas em que *Encontros e Desencontros*, de Sofia Coppola, foi dublado ou legendado mundo afora. Afinal, este filme atingiu status cult, fez considerável sucesso comercial e é do tipo de obra que se aninha na memória do espectador, volta e meia reaparece no consciente e quase sempre é usada em alguma roda de conversa como referência, comparação ou apenas lembrança de cena. O infeliz título brasileiro, mesmo que dramaticamente até pertinente, não atrapalhou a repercussão por aqui deste segundo longa escrito e dirigido pela filha do venerável Francis Ford Coppola.

A Academia de Hollywood esteve atenta aos encantos e qualidades do filme, conferindo-lhe o justo Oscar 2004 de roteiro original e o indicando ainda para o Oscar principal, o de direção (um feito sempre raro para uma mulher) e o de ator para o transcendente Bill Murray. O eterno caça-fantasmas é a segunda alma da obra, a primeira sendo, claro, a condução de Sofia. A interpretação de Murray é introspectiva e intensa, fazendo perfeito uso de seu rosto entre pateta, irônico e indiferente. O papel foi escrito pra ele, e caso recusasse o convite Sofia não rodaria a fita.

Murray personifica Bob Harris, um ator decadente que está gravando comerciais em Tóquio, onde conhece a jovem Charlotte (a sempre bela Scarlett Johansson), entediada e sozinha na cidade desconhecida enquanto o marido fotógrafo trabalha. Dupla improvável, eles passam a flanar por essa metrópole moderna, numa relação que funciona como parábola da falta de comunicação contemporânea, do estranhamento entre culturas e tribos e, em contrapartida, de como em meio a isso opostos e diferentes sempre se atraem e se unem. Nem que seja por um furtivo momento. Quem já não viveu ou quis viver situação semelhante? É por isso que rola forte empatia do espectador com o roteiro de Coppola, repleto de citações cinematográficas (um deleite para cinéfilos), com sugestões autobiográficas e espaço para diálogos improvisados. Apesar da recomendação do paizão de filmar em alta definição digital, "por este ser o futuro", Sofia insistiu em captar em película, "por ser mais romântico". Esta relação com a obra transparece em seu tom contemplativo, de bem com a vida.

Muito ajuda a trilha sempre escolhida a dedo pela própria cineasta. Variada, ela selecionou canções de nomes como Air, Chemical Brothers, Jesus & Mary Chain, My Bloody Valentine e Peaches ao lado de hits pop japoneses e covers na voz de Murray, Scarlett e da também integrante do elenco Anna Faris.

Com todos esses elementos harmoniosamente reunidos numa obra preparada com muita paixão, Sofia Coppola fez um dos mais fascinantes retratos das relações humanas nos anos 2000, de forma que sempre dá vontade de se ver mais uma vez. Coisa de cult.

FOTOS DIVULGAÇÃO

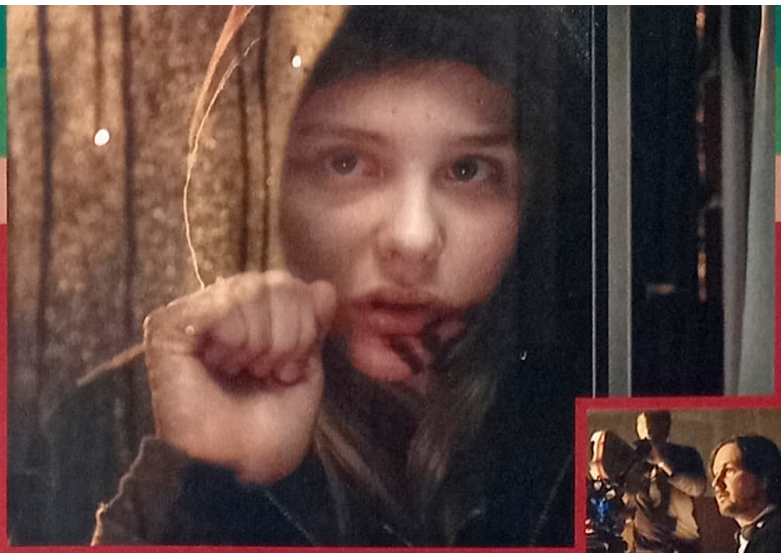
"**Bob:** Você pode guardar um segredo? Eu estou tentando organizar uma fuga de prisão aqui. E eu tô procurando por um, sabe, um cúmplice. Primeiro a gente tem que sair deste bar, depois do hotel, da cidade, e depois do país. Você tá dentro ou fora?

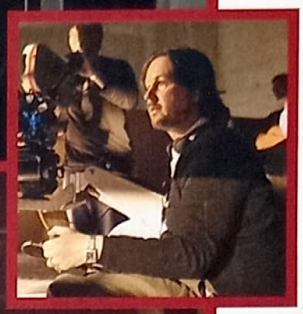
Charlotte: Tô dentro. Vou juntar minhas coisas.

Bob: Eu espero que você tenha bebido o suficiente. Vai precisa de toda coragem..."

Deixa Ela Entrar

É quase um sacrilégio imaginar que um dos melhores filmes de terror da história, o sueco *Deixa Ela Entrar*, vai ganhar uma versão americana. Afinal, sob a sombra de *Crepúsculo*, seria muito fácil transformar os protagonistas em adolescentes de mais uma história de amor vampírica. Ainda bem que o diretor do remake, Matt Reeves (*Cloverfield*), não pensa assim. "Se fosse para alterar a história, eu não o faria", diz. "Minha função é preservar a beleza do livro de John Lindqvist e do filme de Tomas Alfredson, encontrando apenas o que identifica a história em meu país." Para o papel da pequena vampira Abby, Reeves escalou Chloe Moretz, que fez barulho em *Kick Ass*. Já seu vizinho, Owen, é defendido por Kodi Smit-McPhee, que fez bonito ao lado de Viggo Mortensen em *A Estrada*.





Avante, Vingadores

Nem bem *Homem de Ferro 2* confirmou sua carreira vitoriosa nos cinemas –em uma temporada de verão decididamente morna –e a Marvel já esquenta os motores para 2011. À esquerda, Chris Hemsworth defende o martelo de *Thor*, que Kenneth Branagh está em plena produção para o lançamento em maio do ano que vem. Já à direita, um desenho conceitual para *Capitão América* –já com o rosto de seu intérprete, Chris Evans. O "primeiro vingador" chega aos cinemas depois de *Thor*, em julho, numa aventura dirigida por Joe Johnston. A aposta do estúdio nos personagens é grande, já que em 2012 eles estarão no cinema ao lado de Tony Stark/Robert Downey Jr. no ambicioso *Os Vingadores*, que deve ser comandado por Joss Whedon (*Serenity*). A Marvel já está preparando o terreno e marcando o território para o que promete ser a culminação de um projeto sem precedentes no cinemão. Jeremy Renner pode ser confirmado como mais um herói, o Gavião Arqueiro, em um elenco que deve trazer Scarlett Johansson, Samuel L. Jackson, Don Cheadle e Edward Norton.

Pretensão e desperdício

A mais recente sentença judicial em cima de *Chatô* provoca reflexões sobre os custos e lucros de nossos filmes

Em maio de 1999, a SET publicou Chatô – Uma Visita ao Set. Na reportagem de Cesar Garcia Lima feita nos primeiros dias de filmagem, o longa tinha orçamento de 8 milhões de reais (depois transformado em 10). O ator Guilherme Fontes, estreando como diretor, disse como pretendia contar a saga de Assis Chateaubriand, um falecido magnata da imprensa brasileira. "Estou tentando fazer uma tragédia musicada. É minha estratégia pessoal para, no futuro, reinventar personagens da história brasileira e construir uma nova dramaturgia". *Chatô* nunca foi concluído e, em 27 de abril de 2010, a Justiça condenou Fontes a um ano e três meses de prisão por sonegação fiscal em relação ao filme. A pena foi convertida em trabalho comunitário de sete horas semanais, além do pagamento de 12 cestas básicas de 1 mil reais cada uma, por um ano, para duas instituições beneficentes. "Que fofo", disse a respeito o dramaturgo Aguinaldo Silva. Dois anos antes, em fevereiro de 2008, a CGU (Controladoria Geral da União), após analisar processo da Agência Nacional de Cinema (Ancine), determinou que Fontes e seus sócios devolvessem cerca de 36 milhões de reais (os dez milhões atualizados) aos cofres públicos pela irregularidade das contas e o não cumprimento do objeto do contrato: a concretização do filme feito com grana vinda das várias leis oficiais de proteção ao nosso cinema, em especial a da renúncia fiscal. Com a fartura de apelações que existe em nossa lenta justiça, a vergonhosa novela está longe do fim.

REPRODUÇÃO

REPORTAGEM

CHATÔ

UMA VISITA AO SET

Guilherme Fontes dá início às filmagens de biografia de Assis Chateaubriand no mais ambicioso projeto do cinema nacional

O

MOVIMENTO INDEPENDENTE

Há onze anos SET registrava o começo das filmagens que nunca viriam a se concretizar; no destaque, Guilherme Fontes

Difícil afirmar se houve má fé na administração das verbas. Mas está claro que *Chatô* ficou inconcluso por conta de uma execução pretensiosa e canhestra. Se falta pouquíssimo para fechar a história, como disse Fontes, qualquer solução legendada com ou sem enxertos de imagens e fotografias já produzidas pode ser anexada em uma dia de sala de montagem. Parece não existir no realizador a vontade de ver o filme pronto.

DIVULGAÇÃO

A sentença de prisão chega ao mesmo tempo em que se pode examinar as rendas obtidas nos cinemas pelos filmes brasileiros em 2009. Em São Paulo, foram lançados cerca de oitenta longas. Destes, excetuando *Xuxa e o Mistério de Feiurinha*, que estreou nos últimos dias de dezembro (um sucesso, mas em 2010), apenas quatro tiveram público superior a um milhão de espectadores. E analisando a relação custo-benefício, como boa parte dessas produções alega ter custado mais de quatro milhões de reais, esses 75 filmes não conseguiram amortizar seus gastos. É só fazer as contas. Da renda bruta – é essa a que costuma aparecer no ranking –, o exibidor fica com 50 por cento. E desses 50 que sobram para o produtor, o distribuidor fica com uma porcentagem que varia de 20 a 30 por cento. Dois longas, que, como afirmam os realizadores, tiveram gastos de oito e nove milhões, ficaram no prejuízo.

Fracassar não é vergonha, mas grandes e contínuos fracassos com dinheiro público já é outra história. Os filmes estão tendo custos altíssimos, incompatíveis com a resposta média do mercado, que tem ingressos caros. Está claro que, salvo raras exceções, nossos filmes não estão alcançando o público. Seja por falhas de marketing ou por outras razões (o próprio filme). E vários cineastas, acomodados nas verbas oficiais, não se preocupam com a resposta popular. Ao contrário do que ocorria na minha fase de cinema, quando ele se auto-sustentava, só a amortização dos custos e um certo lucro garantiam o prosseguimento da carreira de um diretor. E este, diante da alta inflação, racionalizava os custos, em especial no uso do negativo, importado e caro.

Agora, temos avanços tecnológicos (o cinema digital) que agilizaram as filmagens. E os custos aumentam? Nada contra o estímulo oficial, mas é preciso criar limites para a liberação de verbas. Dar, no máximo, três milhões para um longa. Quem quiser mais, busque na iniciativa privada. O que não pode é o prosseguimento de casos de desperdício de dinheiro público, como *Chatô*. Afinal, a grana que sai da renúncia fiscal deixa de ser imposto capaz de beneficiar a saúde, a habitação popular, a educação e outras áreas de importância na vida de uma nação. Essa chocante alienação a respeito agride a nossa consciência social. E crítico e cineasta têm consciência social. Ou deveriam ter neste Brasil de tantas carências.

Cartaz em cartaz

SET

A HORA DO PESADELO

(A Nightmare on Elm Street, EUA, 2010)

Direção: Samuel Bayer **Roteiro:** Wesley Strick, Eric Heisserer **Produção:** Michael Bay, Richard Brener, Mike Drake, Andrew Form, Bradley Fuller, Walter Hamada, Michael Lynne, Dave Neustadter, John Rickard e Robert Shaye **Direção de Fotografia:** Jeff Cutter **Desenho de produção:** Patrick Lumb **Direção de arte:** Craig Jackson **Edição:** Glen Scantlebury **Música:** Steve Jablonsky **Estúdio:** New Line Cinema e Platinum Dunes

26
anos separam as duas versões da primeira aparição de Freddy Krueger

SINOPSE

Um grupo de jovens começa a sofrer misteriosas mortes enquanto dormem. Nancy e Quentin se juntam para investigar quem é o misterioso homem de rosto queimado que aparece nos sonhos das pessoas marcadas para morrer, inclusive eles mesmos. Durante a caçada a Freddy Krueger, o casal não pode cair no sono, pois certamente um perigoso encontro com o assassino acontecerá.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Freddy Krueger: Vítima de um incêndio, esse jardineiro viaja pelos sonhos de suas vítimas usando uma camiseta listrada em vermelho e preto. Ele usa sua luva com lâminas nos dedos para matar.
Nancy Holbrook: Estudante tímida que trabalha em uma lanchonete como garçonete. Parece ter uma ligação mais forte com Freddy do que os outros jovens. Expressa-se com pinturas.
Quentin Smith: Colega de escola de Nancy, ele tem uma atração por ela. Desde pequeno, usa medicamentos que agora o ajudam a ficar acordado e a salvo de Freddy Krueger.
Dra. Gwen Holbrook: Mãe de Nancy, essa médica parece ter um segredo a respeito da infância de sua filha que a liga com o misterioso Freddy Krueger.

CURIOSIDADES

■ É o primeiro filme da franquia em que o ator Robert Englund não interpreta Freddy Krueger. ■ Kyle Gallner foi tão bem em seu teste que ganhou o papel de Quentin no mesmo dia. ■ Amanda Crew fez um teste para viver Nancy e ela voltaria a contracenar com Kyle Gallner, como em *Evocando Espíritos*. ■ Antes de Jackie Earle Haley ser contratado para o papel de Freddy, Billy Bob Thornton era considerado. ■ A ideia original era que o filme fosse uma prequel, mas acabou se tornando um remake. ■ Jackie Earle Haley improvisou muitas de suas falas para pegar os outros atores de surpresa e conseguir melhores reações. ■ Kyle Gallner se feriu com a luva de Freddy durante as gravações, sofrendo um corte no abdômen. ■ Quinze versões diferentes do roteiro foram escritas, o texto final é um híbrido entre quatro dessas versões. ■ Depois de um histórico de luvas roubadas em outros filmes, a equipe de produção tomou um cuidado especial para que a arma de Freddy não sumisse. ■ Parte das filmagens aconteceu em uma igreja abandonada em Indiana.

DATA DE ESTREIA

7 de maio de 2010 (Brasil)

Jackie Earle Haley
(Freddy Krueger)

Rooney Mara
(Nancy Holbrook)

Kyle Gallner
(Quentin Smith)

Connie Britton
(Dra. Gwen Holbrook)

"Por que você está gritando? Eu ainda nem te cortei."
Freddy Krueger

OS HOMENS QUE NÃO AMAVAM AS MULHERES

(Män som hatar kvinnor. Suécia/Dinamarca/Alemanha/Noruega, 2009)

Direção: Niels Arden Oplev **Roteiro:** Nikolaj Arcel e Rasmus Heisterberg **Produção:** Anni Faurbye Fernandez, Lone Korslund, Peter Nadermann, Ole Søndberg, Søren Stærmose e Mikael Wallen **Direção de Fotografia:** Jens Fischer e Eric Kress **Desenho de Produção:** Niels Sejer **Edição:** Anne Østerud **Música:** Jacob Groth **Estúdio:** Danish Filminstitute, Danmarks Radio, Film i Väst, Filmpool Stockholm Mälardalen, Nordisk Film, Nordisk Film, Nordisk Film-&TV-Fond, Sveriges Television, Swedish Film Institute, TV2 Norge, Yellow Bird Films e ZDF Enterprises

7
meses foram necessários para Noomi Rapace se preparar para viver Lisbeth

SINOPSE

Depois de perder um processo na Justiça, o jornalista Mikael Blomkvist precisa se afastar da redação da revista Millennium. Nesse momento, ele é convidado por um homem rico para investigar um desaparecimento que aconteceu há quase quarenta anos. A sobrinha do Sr. Vanger sumiu da ilha que pertence à família, e seus parentes são os principais suspeitos de sua morte. Durante suas pesquisas, Mikael recebe a ajuda da hacker Lisbeth Salander.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Mikael Blomkvist Jornalista afastado de seu trabalho por causa de uma perda judicial que mancha sua reputação profissional. Enquanto não pode voltar para a revista Millennium, investiga um desaparecimento antigo.
Lisbeth Salander Uma empresa especializada em criar dossiês sobre pessoas tem em Lisbeth uma confiável investigadora. Depois que é contratada para levantar informações sobre Mikael Blomkvist, decide juntar-se a ele em uma investigação.
Henrik Vanger Sua família possui um império industrial, mas sua vida parece vazia desde o desaparecimento de sua sobrinha. Ele contrata um jornalista para descobrir seu assassino.
Harriet Vanger Há 36 anos, a jovem desapareceu enquanto participava de uma reunião de família. Como apenas seus parentes e os empregados tinham acesso à ilha em que ela foi vista pela última vez, há um número restrito de suspeitos de seu assassinato.

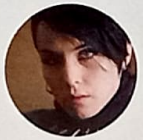
CURIOSIDADES

■ Antes das gravações, a atriz Noomi Rapace teve de tirar carteira de habilitação para dirigir motos. ■ O autor do livro que deu origem ao filme morreu subitamente logo depois de entregar os originais da trilogia da qual *Os Homens que não Amavam as Mulheres* faz parte. ■ Lisbeth usa o codinome WASP no mundo virtual. ■ Noomi Rapace fez aulas de kick boxing e colocou piercings para seu papel. ■ Em seu computador, Lisbeth usa um programa chamado Asphyxia para hackear. ■ Apesar de o filme se passar em 2005, os computadores, software e até carimbos de postagem de cartas do filme remetem a 2007. ■ A trilogia *Millennium* já vendeu mais de 30 milhões de exemplares ao redor do mundo. ■ Foi o filme europeu com maior bilheteria em 2009. ■ O título do livro é uma referência a *O Homem que Amava as Mulheres* (1977), de François Truffaut. ■ O diretor Niels Arden Oplev não queria escalar Noomi Rapace para viver Lisbeth por achar ela "bonita demais" para o papel.

DATA DE ESTREIA

14 de maio de 2010 (Brasil)

Michael Nyqvist
(Mikael Blomkvist)



Noomi Rapace
(Lisbeth Salander)

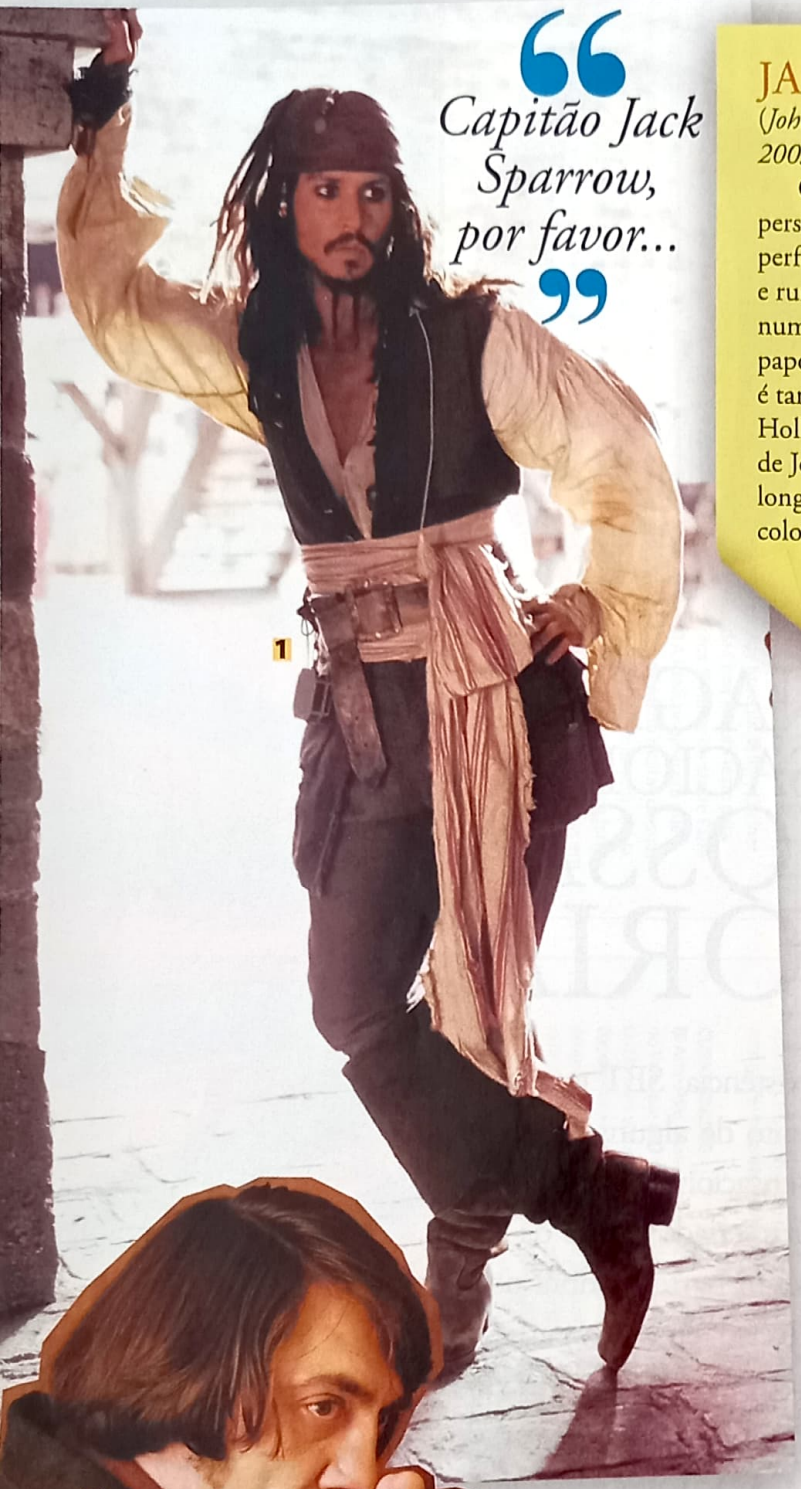
Sven-Bertil Taube
(Henrik Vanger)

Julia Sporre
(Harriet Vanger)

"Ele é um porco sádico que odeia as mulheres"
Lisbeth Salander

50 PERSONAGENS MAIS SENSACIONAIS DA (NOSSA) HISTÓRIA

Em 23 anos de existência, SET testemunhou o nascimento de alguns dos personagens mais sensacionais da história. Observou também outros, criados antes da estréia da revista, se tornarem parte da fibra pop que permeia nosso universo cinematográfico. Nas páginas a seguir, entramos num túnel do tempo para nos lembrar dos cinqüenta personagens mais memoráveis, espetaculares e inesquecíveis das últimas duas décadas (e três anos). Foi uma lista complicada (chegamos a uma centena de nomes, e daí adotamos critérios nada científicos e puramente emocionais para lapidar os escolhidos), mas que deu gosto de ver no papel. Agora é sua vez: vire a página e boa viagem!



JACK SPARROW [1]

(Johnny Depp em Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra, 2003; O Baú da Morte, 2006; No Fim do Mundo, 2007).

Ok, sem enrolação: Jack Sparrow é provavelmente o personagem mais sensacional do cinema moderno. Longe de ser perfeito, o pirata esconde sua humanidade com ironia, sarcasmo e rum – mesmo assim, é o amigo que você quer do seu lado numa luta, é o sujeito que consegue sair de qualquer encrenca no papo. Ainda que, às vezes, ele tenha de morrer e voltar. Sparrow é também a mais triunfante história de uma “volta por cima” de Hollywood, e ele não existiria sem a personalidade e o talento de Johnny Depp. Sua carreira sobrevive muito bem, obrigado, longe do capitão Jack. Mas é impossível imaginar outro artista colocando as mãos em Sparrow.

TEM MAIS? Nunca duvide do poder das franquias milionárias: um novo filme, *On Stranger Tides*, chega aos cinemas em 2011.

ACE VENTURA [2]

(Jim Carrey em Ace Ventura: Um Detetive Diferente, 1994; Ace Ventura: Um Maluco na África, 1995)

“Se eu não voltar em cinco minutos... espere um pouco mais.”

O personagem que fez a fama de Jim Carrey é também uma das criações mais geniais da comédia moderna.

AMELIE POULAIN [3]

(Audrey Tautou em O Fabuloso Destino de Amelie Poulain, 2001)

“Eu tive dois ataques do coração, um aborto, fumei crack... enquanto grávida. Fora isso, tô ótima!”

Ela, sozinha, fez a França voltar ao mapa cinematográfico mundial.

ANTON CHIGURH [4]

(Javier Bardem em Onde os Fracos Não Tem Vez, 2007)

“Qual foi o máximo que você já perdeu no cara ou coroa?”

O vilão mais espetacular dos últimos anos é também o mais frio e insano.

ASH [5]

(Bruce Campbell em A Morte do Demônio, 1981; Uma Noite Alucinante, 1987; Uma Noite Alucinante 3, 1992)

“Me devolva a minha MÃO!”

Embora tenha surgido em 1981, foi em *Uma Noite Alucinante* que Ash, o matador de demônios mais implacável do cinema, ficou gravado no inconsciente coletivo – e em quadrinhos, brinquedos, videogames...

BUZZ LIGHTYEAR [6]
(*Tim Allen em Toy Story, 1995; Toy Story 2, 1999; Toy Story 3, 2010*)
"Ao infinito... e além!"
O brinquedo que não sabe que é um brinquedo se tornou o personagem-símbolo da ideologia da Pixar.

CHIHIRO [7]
(*Rumi Hiragi em A Viagem de Chihiro, 2001*)
"Eu estou transparente!"
Nunca uma garotinha de 10 anos de idade havia protagonizado uma aventura tão mágica e inesquecível.

CORONEL HANS LANDA [8]
(*Christoph Waltz em Bastardos Inglórios, 2009*)
"Oooh, é um bingo!"
Landa conseguiu o impossível: fez a platéia torcer para um... nazista!

O CORVO [9]
(*Brandon Lee em O Corvo, 1994*)
"Tenho algo para você que não quero mais: trinta horas de dor, de uma vez só, só pra você."
A morte trágica de Lee imortalizou a figura do herói do além criado nos quadrinhos de James O'Barr.

DANIEL PLAINVIEW [10]
(*Daniel Day-Lewis em Sangue Negro, 2007*)
"Eu odeio a maioria das pessoas."
O mal não precisa de armas, facas e psicoses: às vezes, a ele só basta ambição.

CAPITÃO NASCIMENTO [11]

(*Wagner Moura em Tropa de Elite, 2007*)

O maior anti-herói que o cinema brasileiro já teve é também seu maior expoente pop. Nas mãos de Wagner Moura, o Capitão Nascimento fez *Tropa de Elite* ir além do manjado favela-movie para se tornar um autêntico exemplar de cinema de ação construído em nossa realidade, mas sem nunca ser caricato. Sem falar que são dele os diálogos mais sensacionais que nosso cinema já teve.

TEM MAIS? Sim, em setembro Nascimento volta, mas não como capitão, em *Tropa de Elite 2*.

DONNIE DARKO [1]

(*Jake Gyllenhaal em Donnie Darko, 2001*)

"Os Smurfs são assexuados."

O símbolo do cinema independente moderno habita um mundo em que realidade, fantasia e metafísica se misturam.

DR. EVIL [2]

(*Mike Myers em Austin Powers, 1997; Austin Powers: O Agente "Bond" Cama, 1999; Austin Powers Contra o Homem do Membro de Ouro, 2002*)

"Por que faturar trilhões quando podemos faturar... bilhões?"

Austin Powers pode ser o herói da saga, mas é o Dr. Evil quem a mantém viva. Ou ele ou o Mini-Mim...

THE DUDE [3]

(*Jeff Bridges em O Grande Lebowski, 1998*)

"Ela precisa alimentar o macaco..."

Quem diria que um jogador de boliche se tornaria símbolo de um modo de vida, com festivais o celebrando pelos EUA?

EDWARD MÃOS DE TESOURA [4]

(*Johnny Depp em Edward Mãos de Tesoura, 1990*)

"Eu não estou completo."

O homem mais sensível do cinema, vejam só, nem é humano...

ELLIS "RED" REDDING [5]

(*Morgan Freeman em Um Sonho de Liberdade, 1994*)

"Esperança é uma coisa perigosa. Esperança pode enlouquecer um homem."

Como narrador da história de Andy Dufresne e de como ele mudou a prisão de Shawshank, Red carrega nossos olhos – e nosso coração – para dentro da prisão. E, depois, para fora dela.

O EXTERMINADOR [6]

(*Arnold Schwarzenegger em O Exterminador do Futuro, 1984; O Exterminador do Futuro 2 – O Julgamento Final, 1991; O Exterminador do Futuro 3 – A Rebelião das Máquinas, 2003; Roland Kickinger em O Exterminador do Futuro – A Salvação, 2009*)

"Hasta la vista, baby!"

A máquina de matar, que ganhou sua humanidade no segundo filme da série, se tornou uma imagem que o cinema nunca vai esquecer – ouviu, McG?

FORREST GUMP [7]

(*Tom Hanks em Forrest Gump – O Contador de Histórias, 1994*)

"A vida é como uma caixa de chocolates: a gente nunca sabe qual vai pegar."

O mundo ainda precisa de almas inocentes – principalmente quando elas podem mudar o curso da história.

GOLLUM [8]

(*Andy Serkis em O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel, 2001; As Duas Torres, 2002; O Retorno do Rei, 2003*)

"Você não tem amigos; ninguém gosta de você!"

No meio de magos, demônios e hobbits, Gollum provou que, mesmo entre pixels e terabytes, é possível extrair a alma de uma interpretação.

GORDON GEKKO [9]

(*Michael Douglas em Wall Street – Poder e Cobiça, 1987; Wall Street – O Dinheiro Nunca Dorme, 2010*)

"A ganância é boa."

Quem diria que, mais de duas décadas depois, ele estava absolutamente certo...

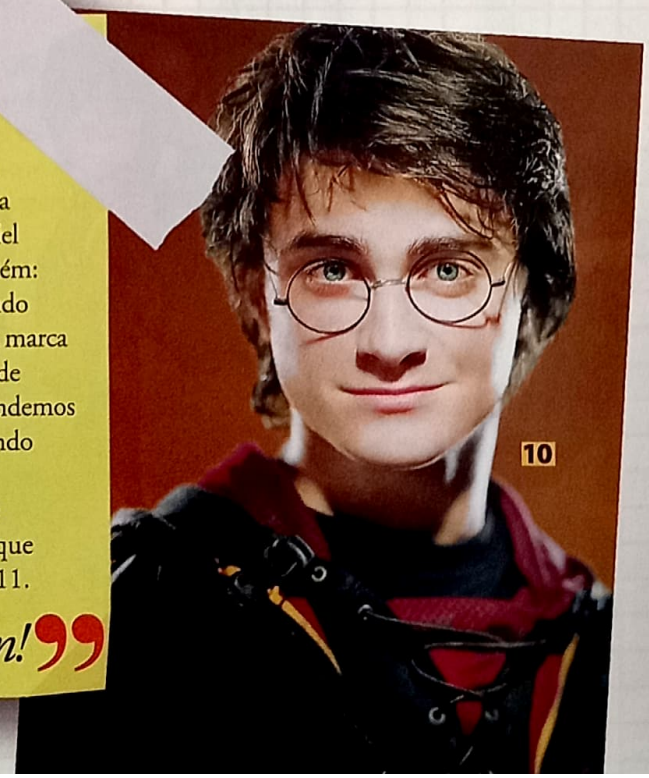
HARRY POTTER [10]

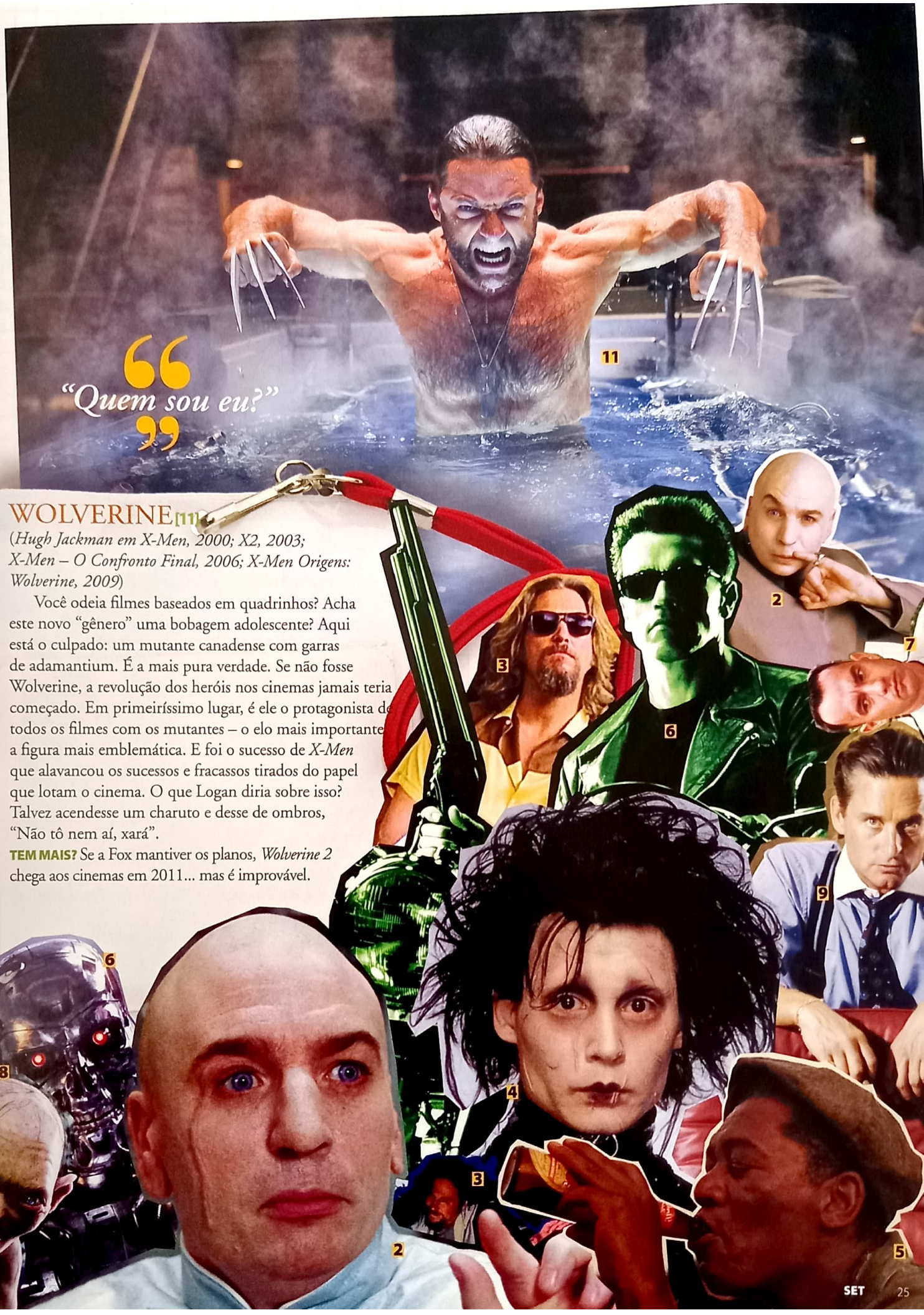
(*Daniel Radcliffe em Harry Potter e a Pedra Filosofal, 2001; A Câmara Secreta, 2002; O Prisioneiro de Azkaban, 2004; O Cálice de Fogo, 2005; A Ordem da Fênix, 2007; O Enigma do Príncipe, 2009*)

Embora o sucesso da série *Harry Potter* fosse fato consumado quando a produção da primeira aventura começou, foi só quando os fãs viram Daniel Radcliffe dar vida ao bruxo que eles respiraram aliviados. Mas o ator foi além: ele fez de Potter um personagem único, emprestando seu charme e deixando que ele crescesse em paralelo. Com Radcliffe, Harry Potter se tornou uma marca mundialmente conhecida, e não só palavras no papel: o ídolo de milhões de crianças e adolescentes (e, ora, adultos também) tinha um rosto, que aprendemos a respeitar há quase uma década. A série está perto do fim, mas o mundo nunca vai esquecer Harry Potter.

TEM MAIS? Em novembro chega aos cinemas a primeira parte de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, canto de cisne da série – que finalmente chega ao fim em 2011.

"Expecto Patronum!"



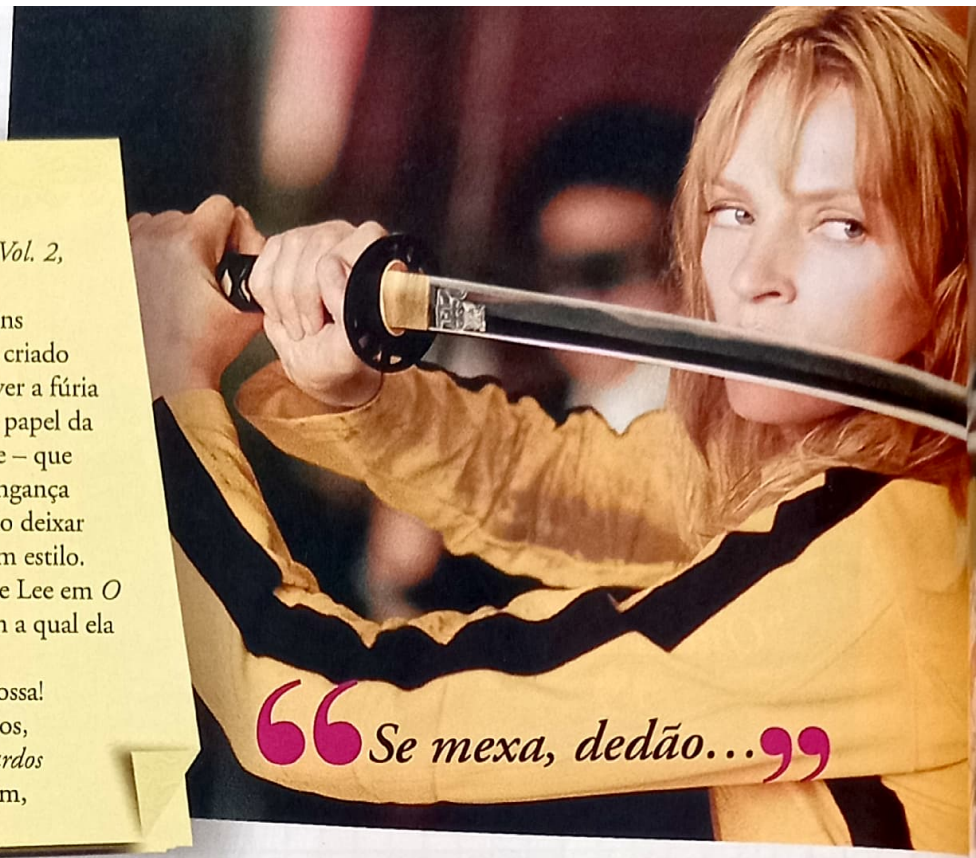


WOLVERINE [11]

(*Hugh Jackman em X-Men, 2000; X2, 2003; X-Men – O Confronto Final, 2006; X-Men Origens: Wolverine, 2009*)

Você odeia filmes baseados em quadrinhos? Acha este novo “gênero” uma bobagem adolescente? Aqui está o culpado: um mutante canadense com garras de adamantium. É a mais pura verdade. Se não fosse Wolverine, a revolução dos heróis nos cinemas jamais teria começado. Em primeiríssimo lugar, é ele o protagonista de todos os filmes com os mutantes – o elo mais importante a figura mais emblemática. E foi o sucesso de *X-Men* que alavancou os sucessos e fracassos tirados do papel que lotam o cinema. O que Logan diria sobre isso? Talvez acendesse um charuto e desse de ombros, “Não tô nem aí, xará”.

TEM MAIS? Se a Fox mantiver os planos, *Wolverine 2* chega aos cinemas em 2011... mas é improvável.



A NOIVA [1]

(*Uma Thurman em Kill Bill Vol. 1, 2003; Kill Bill Vol. 2, 2004*)

Quentin Tarantino é mestre em criar personagens espetaculares. Mas até a Noiva, ele ainda não havia criado um ícone. E não existe palavra melhor para descrever a fúria e a beleza de Uma Thurman nos dois *Kill Bill*. No papel da mulher deixada para morrer por seu antigo amante – que depois acorda de um coma e parte em busca de vingança –, Uma criou a guerreira perfeita, que, além de não deixar um ninja sequer vivo na sala, fazia sua chacina com estilo. Talvez seja o traje amarelo, "emprestado" de Bruce Lee em *O Jogo da Morte*. Talvez seja a precisão cirúrgica com a qual ela corta braços e decepa cabeças.

Não importa. Beatrix Kiddo, a Noiva, é casca-grossa!

TEM MAIS? Tarantino vive falando de seus projetos, e muitos não saem do lugar... se bem que *Bastardos Inglórios* aconteceu como ele previu. Se for assim, em 2014 podemos ter um *Vol. 3*.

HANNIBAL LECTER [2]

(*Anthony Hopkins em O Silêncio dos Inocentes, 1991; Hannibal, 2001; Dragão Vermelho, 2002*)

"Uma vez um funcionário público tentou me testar. Eu comi seu fígado com feijão e um belo chianti."

O vilão mais genial do cinema? Talvez o mais emblemático, ao lado do sujeito de capuz negro e sabre de luz na mão...

JAKE SULLY [3]

(*Sam Worthington em Avatar, 2009*)

"Uma vida termina, outra começa."

Sully representa o futuro – um futuro em que as ferramentas à disposição de um ator são capazes de criar uma nova (e milionária) forma de vida.

JAMES BOND [4]

(*Daniel Craig em 007 – Cassino Royale, 2006; 007 – Quantum of Solace, 2008*)

"O nome é Bond... James Bond."

Depois de décadas na ativa, eis que James Bond é reinventado à perfeição para o cinema moderno!

JESSICA RABBIT [5]

(*Kathleen Turner/Amy Irving em Uma Cilada Para Roger Rabbit, 1988*)

"Eu não sou má, apenas me desenharam assim..."

Vinte anos depois e ela ainda é a "mulher" mais sexy de Toontown...

JULES WINNFIELD [6]

(*Samuel L. Jackson em Pulp Fiction, 1994*)

"Mmm-mmmm. Isso sim é um hambúrguer gostoso!"

Fala a verdade, você teria coragem de enfrentar alguém que tem "morte" estampado nos olhos?

JUNO MACGUFF [7]

(*Ellen Page em Juno, 2007*)

"Você devia ter ido à China, sabe, eu ouvi que lá eles dão bebês como iPods grátis!"

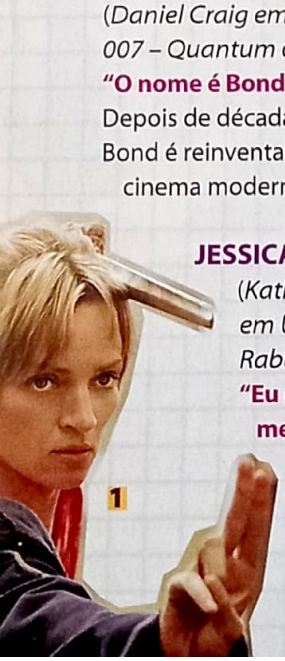
A adolescente menos adolescente do cinema é também o ícone da rapaziada indie... Pô, ela conhece as músicas cool, os filmes cool....

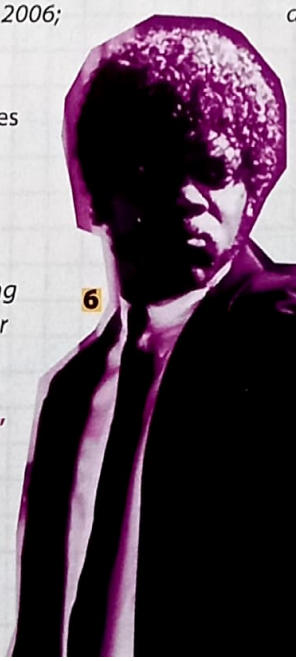
KEVIN McCALLISTER [8]

(*Macaulay Culkin em Esqueceram de Mim, 1990; Esqueceram de Mim 2: Perdido em Nova York, 1992*)

"Esta é minha casa, e eu tenho que defendê-la!"

As crianças são muito mais espertas do que damos crédito, e Kevin deixou milhares de pais sossegados quando esqueciam os filhos em casa durante as férias.... Certo??



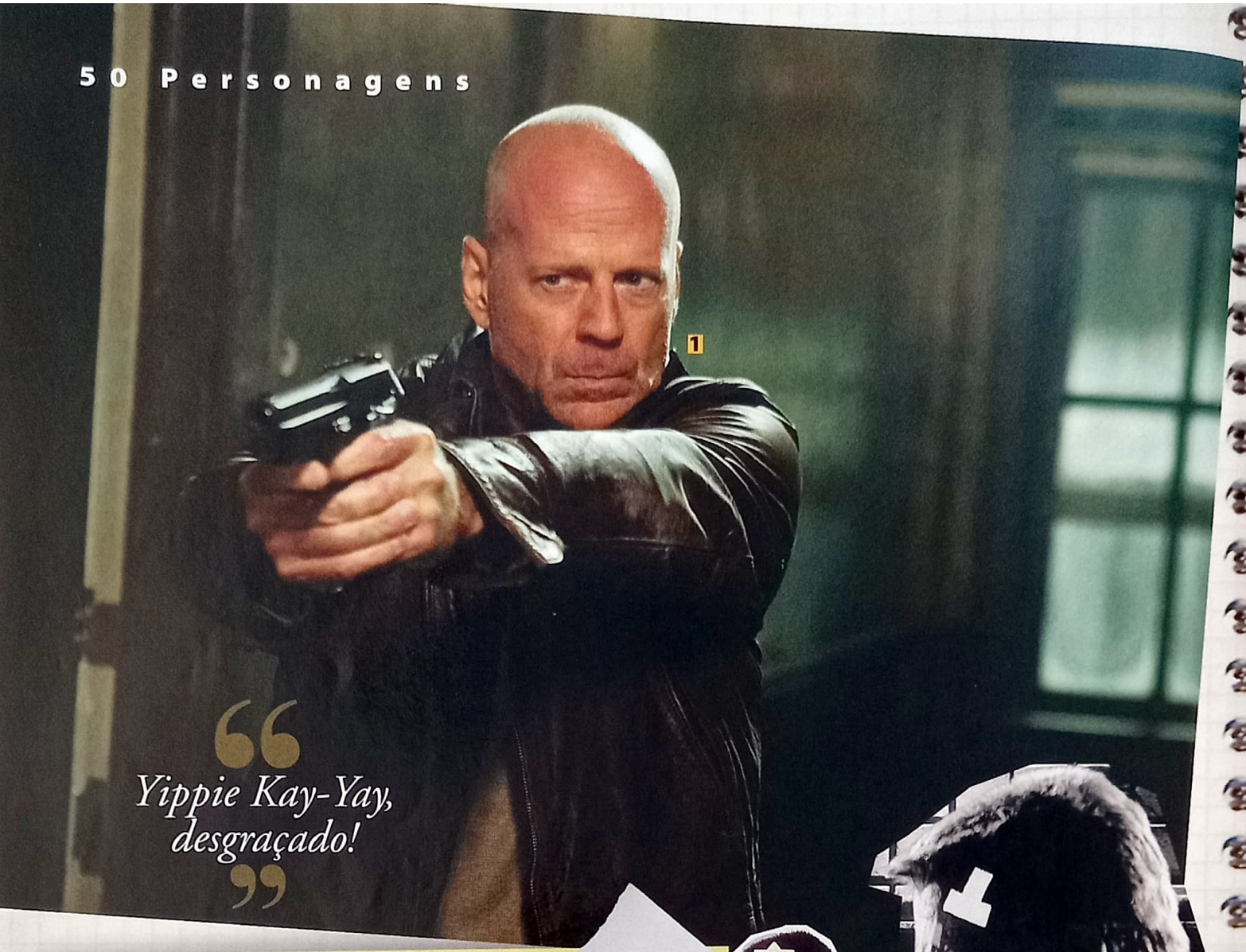


CORINGA [9]

(*Heath Ledger em Batman – O Cavaleiro das Trevas, 2008*)

Há mais de sete décadas o maior inimigo do Batman invade outras mídias. Jack Nicholson o fez um verdadeiro Palhaço do Crime no filme dirigido por Tim Burton em 1989. Mas foi Heath Ledger quem, sob a batuta de Christopher Nolan, fez do Coringa um ícone: perigoso, psicopata, amoral, misterioso. Embora *O Cavaleiro das Trevas* se concentre na jornada do herói – e também do vilão Duas-Caras –, é o Coringa quem garante sua imagem duradoura, o caos em meio à ordem do bem e do mal.

TEM MAIS? Desta vez não... Embora o Coringa sobreviva ao filme, Heath Ledger morreu durante sua pós-produção, eternizando a lenda sob a bizarra maquiagem branca e o sorriso talhado em sua face.



“Yippie Kay-Yay, desgraçado!”

JOHN McCLANE [1]

(*Bruce Willis em Duro de Matar, 1988; Duro de Matar 2, 1990; Duro de Matar – A Vingança, 1995; Duro de Matar 4.0, 2007*)

Tinha tudo para dar errado: um astro de comédia de televisão assumindo um papel imaginado para Sylvester Stallone, num filme de ação em que o herói sangrava, apanhava e (glup) podia morrer! Mas John McClane, na interpretação perfeita de Bruce Willis, logo se tornou o exemplo de todo herói de ação moderno: com medo da morte, humano ao extremo, cheio de defeitos, mas capaz de dar a vida para salvar os outros. Ainda hoje, quando um filme de ação chega ao cinema, é McClane a tábua com quem ele será comparado. Não é para qualquer um.

TEM MAIS? *Die Hard: Year One* é uma série de quadrinhos que mostra o primeiro ano de John McClane na polícia de NY. E os boatos de um quinto filme nunca deixam de pipocar...

MARGE GUNDERSON [2]

(*Frances McDormand em Fargo, 1996*)

"Existe mais na vida do que dinheiro, sabe? Sabe não?"

Grávida, de sotaque carregadíssimo e implacável ao aplicar a lei, Marge ganhou mais força com o Oscar que rendeu a Frances McDormand.

MARV [3]

(*Mickey Rourke em Sin City – A Cidade do Pecado, 2005*)

"Pode gritar agora se você quiser."

Entre os personagens bidimensionais de *Sin City*, Marv é quem fica na memória – o brucutu que se derreteu pela mocinha que lhe deu carinho.

MAXIMUS DECIMUS MERIDIUS [4]

(*Russell Crowe em Gladiador, 2000*)

"O que fazemos em vida ecoa na eternidade."

Maximus era o herói certo na hora certa: nobre, brutal e representante de uma época em que honra e lealdade não eram apenas palavras ao vento. Cadê o bonequinho que ainda não saiu?

MCLOVIN [5]

(*Christopher Mintz-Plasse em Superbad, 2007*)

"Mohammed é o nome mais usado em todo o planeta. Leia a droga de um livro pra variar..."

O anti-herói nerd, o mais improvável dos galãs e o personagem mais sensacional que a comédia gerou nos últimos anos!

ROBOCOP [6]

(*Peter Weller em RoboCop, 1987; RoboCop 2, 1990; Robert John Burke em RoboCop 3, 1993*)

"Morto ou vivo, você vem comigo!"

É incrível o poder que RoboCop tem de se manter relevante, mesmo com os saltos tecnológicos que o mundo experimentou desde sua criação. Saber que Hollywood quer recolocá-lo em cena é a prova disso.

RON BURGUNDY [7]

(*Will Ferrell em O Âncora, 2004*)

"Eu estou preso numa caixa de vidro de emoções!"

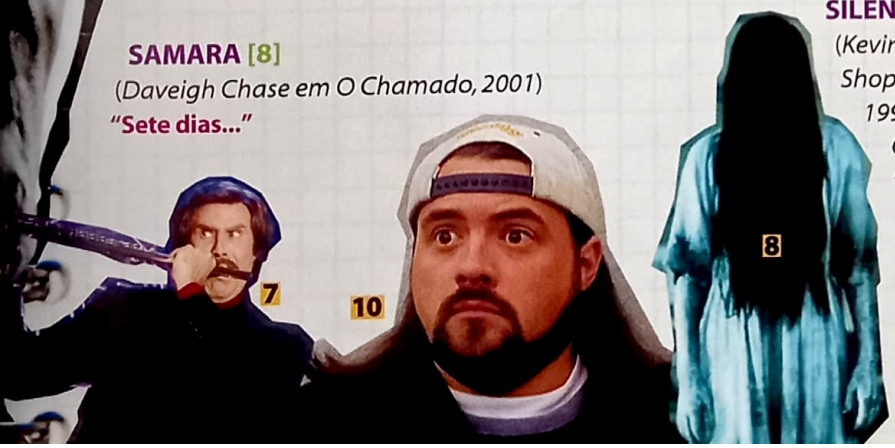
Ele é o âncora perfeito: um completo idiota egocêntrico, que resume a vida em mulheres, scotch e nas palavras que passeiam pelo teleprompter. É exagero dizer que *O Âncora* é uma das melhores comédias da história? Não? Então tá certo.

SAMARA [8]

(*Daveigh Chase em O Chamado, 2001*)

"Sete dias..."

A base para todas as "criaturas" de horror modernas, a própria Samara é a versão mainstream de Sadaku, aparição do original japonês, *Ringu*.



JASON BOURNE [9]

(*Matt Damon em A Identidade Bourne, 2002; A Supremacia Bourne, 2004; O Ultimato Bourne, 2007*)

Se o novo século precisava de um novo James Bond (entra na fila, Vin Diesel), Jason Bourne tornou-se não só o "substituto" ideal, como também ajudou a redefinir o que é um herói de ação para o cinema. Longe dos gadgets esquisitos de seu primo mais velho, Bourne mostrou que o cérebro é uma "arma" tão poderosa quanto um rifle, e que mesmo um espião sem memória pode se tornar o mais mortal dos inimigos. Matt Damon fez bonito em três filmes que mudaram, para melhor, o modo de fazer cinema – uma idéia na cabeça e uma câmera na mão (e nos ombros, e correndo por telhados, becos, janelas...)

TEM MAIS? É provável, mas não com Damon, e sim com outro ator assumindo a franquia.

SILENT BOB [10]

(*Kevin Smith em O Balconista, 1994; Barrados no Shopping, 1995; Procura-se Amy, 1997; Dogma, 1999; Pânico 3, 2000; O Império (Do Besteirol) Contra-Ataca, 2001; O Balconista 2, 2006*)

"..."

Kevin Smith chegou lá: Silent Bob, sua versão para o cinema, protagonizou seu próprio filme, tem uma série de quadrinhos e até bonecos colecionáveis. É um império!

NEO [1]

(*Keanu Reeves em Matrix, 1999; Matrix Reloaded, 2003; Matrix Revolutions, 2003*)

Era o último ano do século 20, o cinema anunciava a volta de *Star Wars*, o novo era o velho, o status quo estava preservado. Mas, embora não soubesse, o mundo precisava de uma revo- lução. Ou melhor, de um revolucionário: um personagem que emoldurasse o homem moderno, que vivia na era digital, entre a Internet e as novas tecnologias, e que não se curvasse ao "sistema". Entra em cena Neo, hacker, arruaceiro e, como ele mesmo descobriu, o messias destinado a salvar o mundo. Logo, o planeta tinha uma nova cara para seus super-heróis (couro e látex pretos, óculos modernos, um caminhão de atitude) e o futuro não parecia mais incerto: entre os bytes de fósforo verde na tela preta, nascia nosso salvador.

TEM MAIS? O projeto *The Matrix Online*, que prometia envolver jogadores de todo o planeta no universo de *Matrix*, morreu na praia e foi até desativado. Ou seja: Neo vive em nossa memória. Virtual.

TENENTE FRANK DREBIN [2]

(*Leslie Nielsen em Corra Que a Polícia Vem Aí, 1988; Corra Que a Polícia Vem Aí 2 ½, 1991; Corra Que a Polícia Vem Aí 33 ⅓, 1994*)

"Ah, e mais uma coisa... eu fingi cada orgasmo!"

O policial incompetente firmou Leslie Nielsen como um sujeito para comédias – e Drebin, como péssimo para julgar o caráter: seu parceiro em três filmes foi O.J. Simpson...

TEQUILA [3]

(*Chow Yun-Fat em Fervura Máxima, 1992*)

"Você salvou o dia, seu pequeno mijão!"

John Woo até que tentou repetir a fórmula no Ocidente, mas Tequila foi quem melhor personificou o policial que leva o dever às últimas consequências – tão pop que reapareceu num jogo de videogame dirigido pelo próprio Woo.

TOMMY DeVITO [4]

(*Joe Pesci em Os Bons Companheiros, 1990*)

"Eu sou engraçado? Como assim, engraçado, como um palhaço?"

O baixinho ameaçador que rendeu o Oscar a Joe Pesci infelizmente estigmatizou o ator. Mas em nada diminui a urgência e o perigo representados por DeVito

TONY STARK [5]

(*Robert Downey Jr. em Homem de Ferro, 2008; Homem de Ferro 2, 2010*)

"Fala a verdade, isso não foi a pior coisa que você me pegou fazendo..."

Seu alter-ego pode ser um super-herói moderno e metalizado, mas nosso interesse está inteirinho depositado em Stark – que, com Robert Downey Jr., protagonizou a mesma "ressurreição" experimentada por Johnny Depp com seu Jack Sparrow.

VERBAL KINT/KEYSER SOZE [6]

(*Kevin Spacey em Os Suspeitos, 1995*)

"O maior truque do diabo foi convencer o mundo de que ele não existe."

Quem em um milhão de anos desconfiaria que o sujeito de voz suave e corpo atrofiado também é o maior criminoso da história? Criação genial de Kevin Spacey, que levou um merecido Oscar.

WALL-E [7]

(*Ben Burtt em Wall-E, 2008*)

"Eeeeeeeeevaaaaaaaaaaaa..."

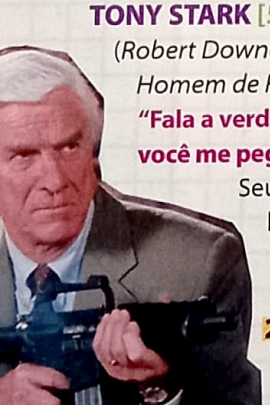
Um robô, de formas duras, é capaz de expressar emoções. O que dizer além de "obra prima"?

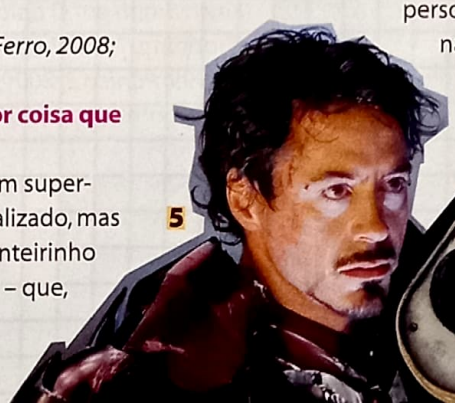
ZÉ PEQUENO [8]

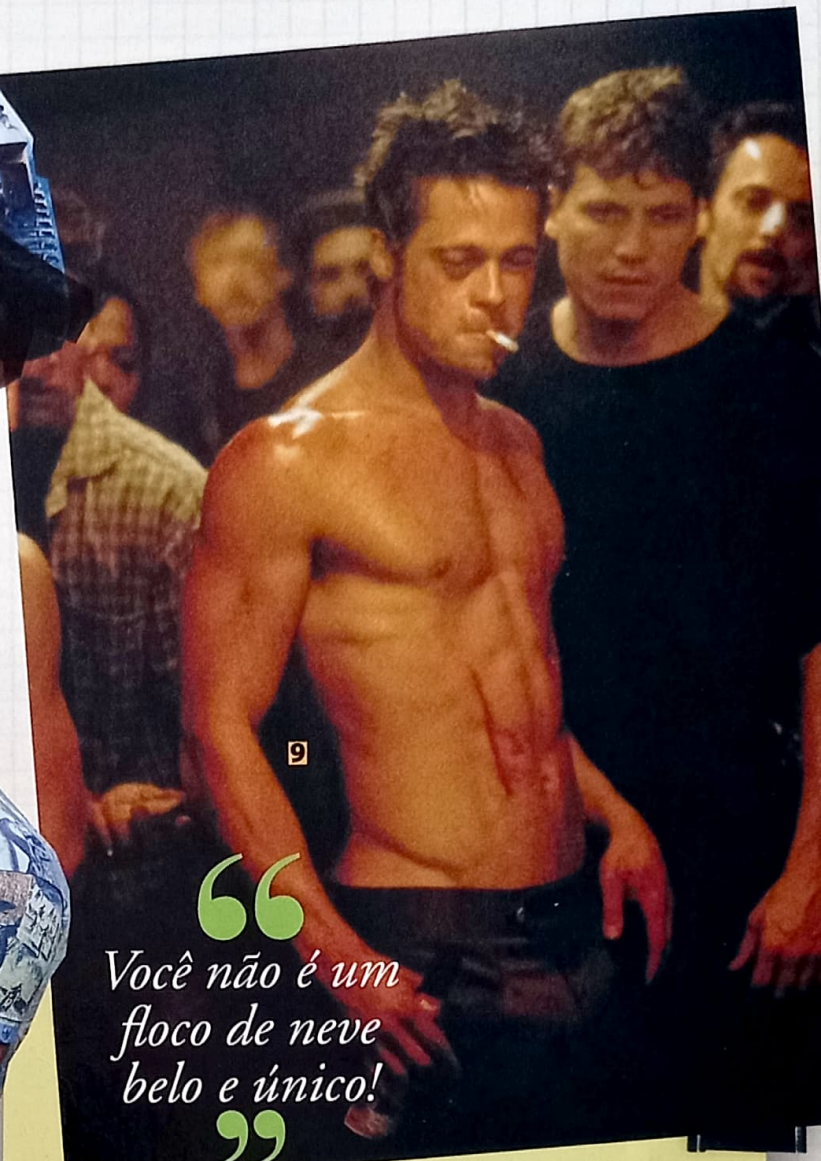
(*Leandro Firmino da Hora em Cidade de Deus, 2002*)

"Onde você quer levar o tiro? Na mão ou no pé?"

A violência no Brasil – mais especificamente no Rio de Janeiro – ganha forma neste personagem que já nasceu clássico.







> *Você não é um floco de neve belo e único!*

TYLER DURDEN [9]

(*Brad Pitt em Clube da Luta, 1999*)

Se Neo representa a tecnologia e o futuro, Tyler Durden é o diabinho que senta em nosso ombro, trazendo à tona nossos desejos mais obscuros e proibidos. Ele é a voz da anarquia, e não da razão. É o sujeito que age, não o que reage. É quem chacoalha as estruturas – sociais, políticas, econômicas – pelo prazer de ver o resultado, de ver as frutas todas no chão, as podres, as maduras, misturadas.
E depois, bem, ele amassa todas com um rolo compressor.
Ninguém quer ser Tyler Durden... mas todo mundo precisa ser Tyler Durden!

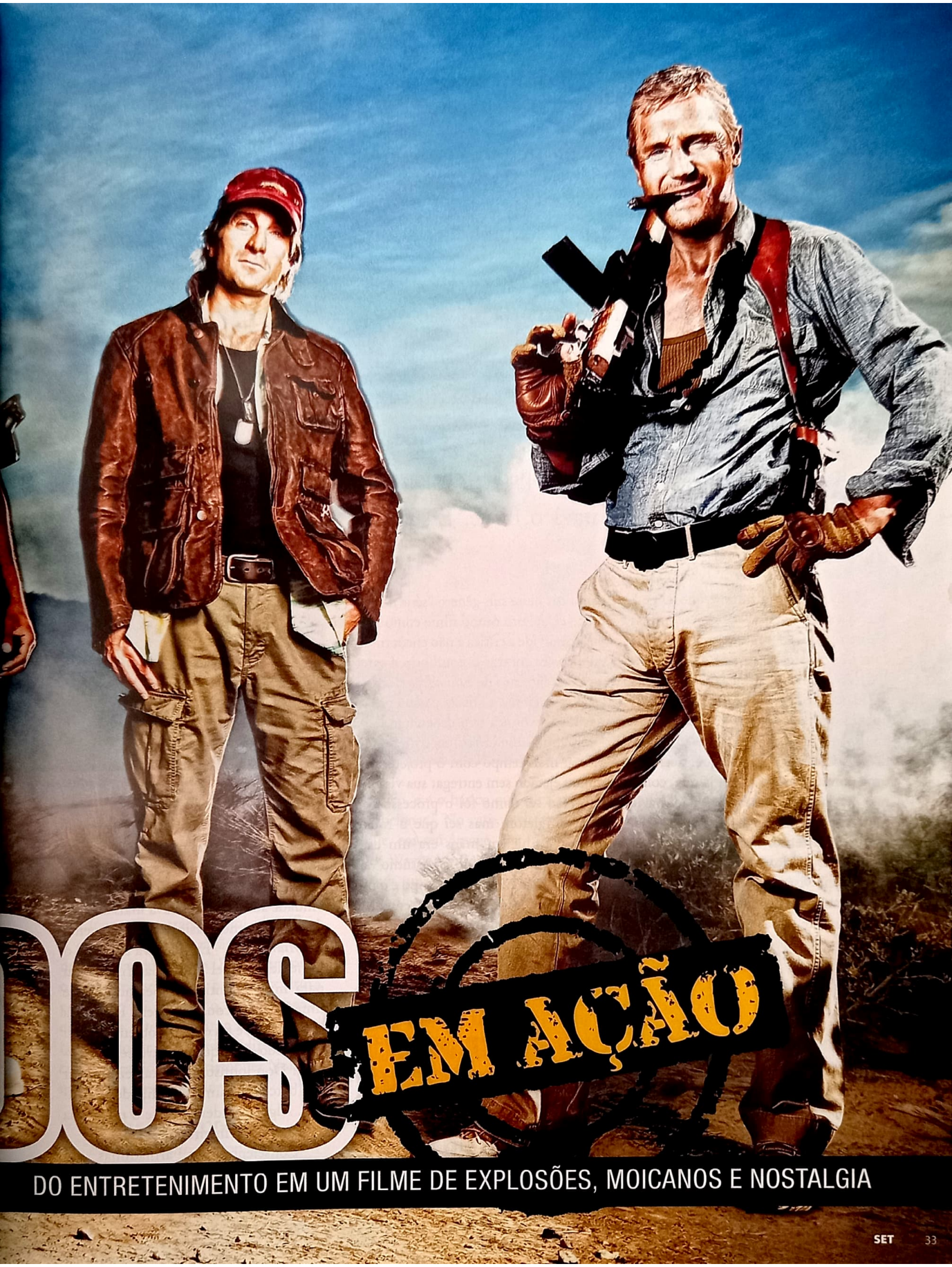
TEM MAIS? Não, não e não. Quer sua dose de Durden? *Clube da Luta*, meu caro. ✠

Esquecemos alguém? O personagem por quem você morre de amores ficou de fora? Nada tema, caro leitor: mande um Twitter para @RevistaSET com seu personagem preferido – e justifique sua escolha. Os dez mais votados serão publicados numa futura edição de SET.

POR ROBERTO SADOVSKI

COMAND

ESQUADRÃO CLASSE A REAPRESENTA A EQUIPE DE MERCENÁRIOS MAIS POP


OS
EM AÇÃO
DO ENTRETENIMENTO EM UM FILME DE EXPLOSÕES, MOICANOS E NOSTALGIA

Esquadrão Classe A

A tarde de 17 de maio de 2010 foi tensa para o diretor Joe Carnahan. E não por ele estar finalizando sua versão de *Esquadrão Classe A*, a mítica série de TV dos anos 80 que chega aos cinemas ianques no meio de uma temporada de verão, à exceção de *Homem de Ferro 2*, morna. Tampouco pela pressão de entregar um filme que precise agradar aos fãs, que precise manter os elementos que faziam o programa funcionar e também que precise dar dinheiro. O fato é que, naquela tarde, um visitante muito especial chegaria ao estúdio onde Carnahan montava o filme. E sua opinião, acredita, conta.

"Quando me disseram que Mr. T queria ver o filme, eu tremi", confessa o diretor, que despontou na indústria com o modesto e eficiente drama policial *Narc*, de 2002. "Mas a gente não diz não ao homem." O fato é que Mr. T, que imortalizou o casca-grossa da equipe, B.A. Baracus, deixou bem claro aos fãs (e a Carnahan) que sequer aceitaria uma ponta no novo filme, já que, como não havia papel para ele, não havia motivo para ele dar as caras. Ou seja, o clima era tenso. Mas não por muito tempo. "Quando eu terminei de mostrar minha visão da série, ele tinha um sorriso no rosto", conta o diretor, aliviado. "Acredite, cara, ter a aprovação de Mr. T era muito, mas muito importante para saber se eu estava dando o passo certo. Se ele gosta, eu sei que as pessoas também vão gostar."

HOMEM-MORCEGO

O fato é que o terreno percorrido por Joe Carnahan é pantanoso. Adaptações de séries de TV, com raríssimas exceções, tem sido um furo n'água, artística e financeiramente. Para cada *O Fugitivo* o cinema tem de receber *Mod Squad*, *Os Gatões de Hazzard* ou *O Elo Perdido*. Só para ficar neste sub-gênero "série de ação urbana", até um ótimo filme como *Miami Vice* divide a crítica e não encontra seu público. Encontrar o equilíbrio é tarefa inglória. No caso de *Esquadrão Classe A*, além de inglória, a missão passou por várias mãos e nunca saiu do estágio larval – John Singleton (*Shaft*) foi o diretor que passou mais tempo com o projeto e terminou ejetado sem entregar sua visão.

"Não sei como foi o processo com John Singleton, mas sei que o roteiro que ele tinha em mãos era um caos, nunca o satisfez e nem ao estúdio", arrisca Carnahan. "Com o tempo e o projeto parado, John seguiu em frente. Meses depois, recebi o telefonema de um executivo da Fox que me perguntou se eu estaria interessado em entregar um argumento, e aquilo me deixou intrigado." O curioso é que Carnahan nunca foi fã de *Esquadrão Classe A* – sua sensibilidade adolescente estava mais alinhada com os ternos pastel e o clima quente de *Miami Vice*. "Eu adorava a série e o filme de Michael Mann não funcionou para mim", continua. "Sei que houve uma decisão consciente em ignorar a série de TV, e foi este o problema. Ficou um vácuo. Não que eles tivessem de colocar Don Johnson, mas talvez mostrar um barco com um crocodilo de estimação. Algo que identificasse o programa original em primeiro lugar."

"BATMAN BEGINS ACERTOU EM TUDO", DIZ JOE CARNAHAN. "CHRIS NOLAN TIROU O PERSONAGEM DO ANONIMATO AO SE ATER AO BÁSICO"

Consciente das armadilhas em transformar uma série em um filme, Carnahan fez uma lista do que fazer

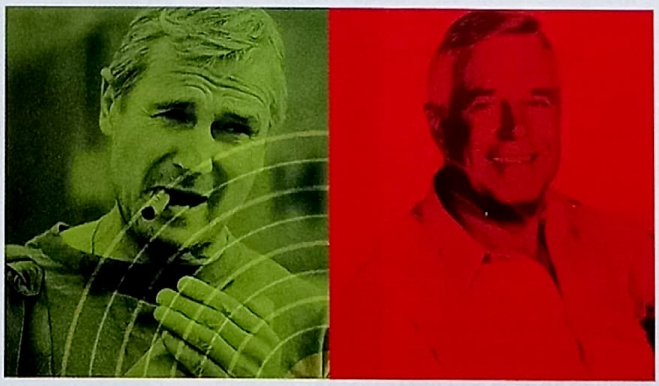
O plano que dá certo: Hannibal (em pé) observa a equipe de ex-soldados que ele reuniu

e do que não fazer. De imediato, não funcionaria fazer uma homenagem e esticar um episódio para a metragem de um longa. Seu trabalho foi identificar o que fazia o Esquadrão funcionar e descartar todo o resto. Entender como o programa se tornou parte da cultura pop e não foi esquecido, como dezenas de outros. Decodificar o fascínio dos fãs. Para tocar o processo, o diretor buscou inspiração em Christopher Nolan e num certo Homem-Morcego.

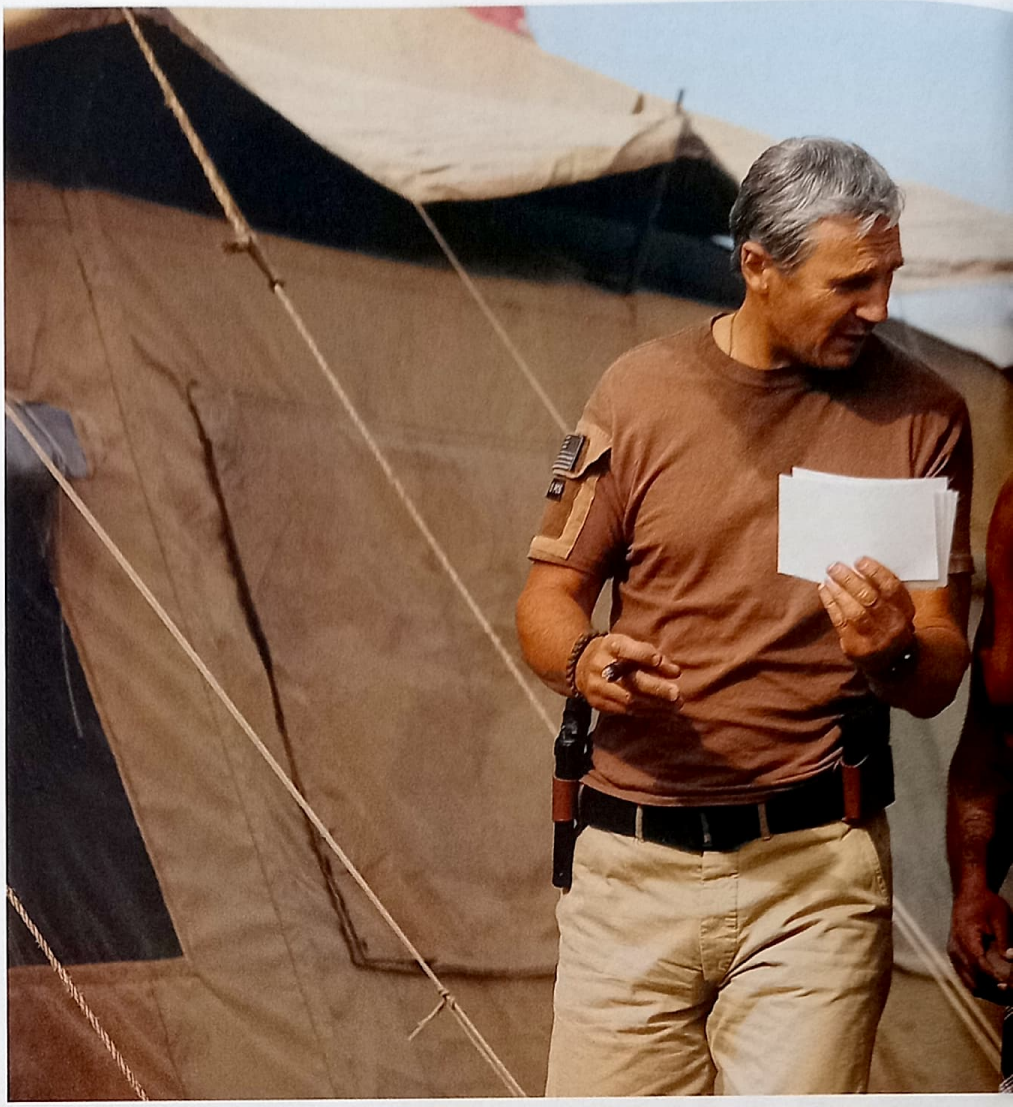
IDIOTAS E CROCODILOS

"*Batman Begins* acertou em tudo", dispara Carnahan. "Chris Nolan resgatou Batman do anonimato ao se ater ao básico, e é o básico que faz a máquina funcionar." No caso, o diretor explica que, em seu âmago, Batman é sobre Bruce Wayne, um milionário que experimenta uma tragédia e descobre, anos mais tarde, uma maneira de lidar com o trauma. "Nolan espalhou elementos fascinantes sobre o mito do herói. Não era o mesmo Batman dos quadrinhos, não era o Batman da série com Adam West, não era o personagem que Tim Burton levou aos cinemas. Era algo novo. E ainda as-

HANNIBAL
(*Liam Neeson*)
O coronel John Smith "adora quando um plano dá certo" e é líder do Esquadrão Classe A. Estrategista nato, seu apelido vem do general nativo de Cartagena que conduziu um exército, com elefantes de guerra e milhares de homens, pelos montes Pirineus até o norte da Itália. Ele é o responsável por recrutar o Esquadrão e, enquanto buscam provas de sua inocência, vendem seus serviços para causas justas. Na TV era interpretado por George Peppard



O DIRETOR GARANTE QUE AO MENOS DUAS CENAS DE AÇÃO DEVEM SURPREENDER A PLATÉIA: "GASTAMOS UMA FORTUNA EM FOGOS DE ARTIFÍCIO"



sim todos reconheceram de imediato que era o Batman." O pensamento com *Esquadrão Classe A* foi o mesmo: com todos os detalhes de lado, a premissa é: quatro soldados que são acusados de um crime que não cometeram e precisam fugir para provar sua inocência. "Fizemos um tratamento de cinco páginas, e o roteiro foi escrito em seguida. Para os padrões de Hollywood, o processo foi bem rápido."

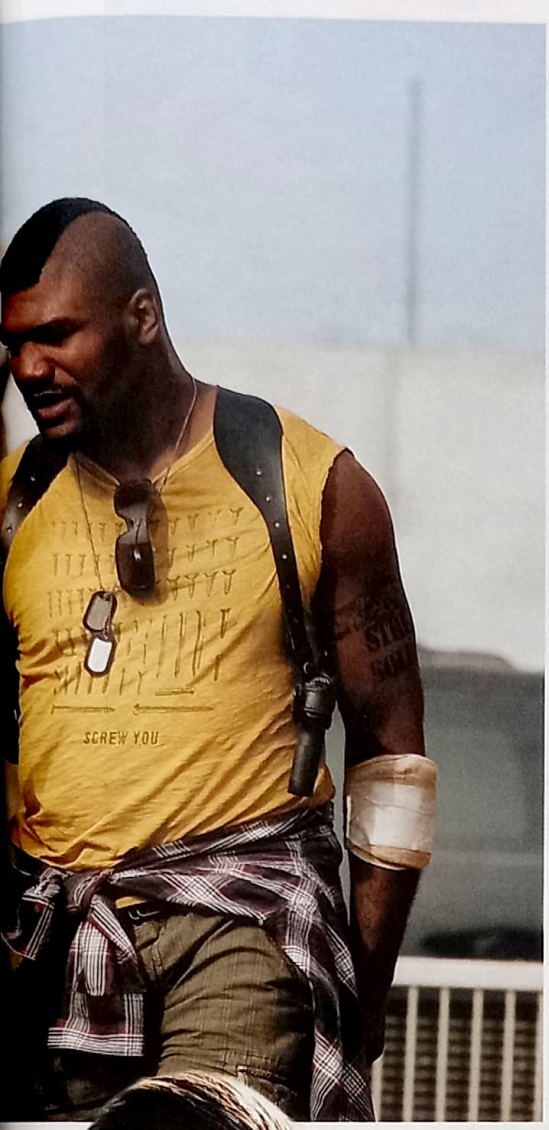
Esquadrão Classe A segue a jornada de quatro veteranos da Guerra do Iraque para provar sua inocência. Julgados e condenados por um tribunal militar, eles tem sua fuga planejada e executada pelo coronel John "Hannibal" Smith (Liam Neeson), único que havia trabalhado com os outros antes. Depois de resgatar o tenente Templeton "Cara de Pau" Peck (Bradley Cooper, eu seu primeiro grande papel depois do estrelato conferido por *Se Beber, Não Case*), eles soltam o sargento Bosco "B.A." Baracus (Quinton Rampage Jackson), uma montanha de músculos capaz de consertar qualquer veículo, e o piloto H.M. Murdock, este confinado em uma instituição psiquiátrica.

"Eu consegui os quatro caras que eu queria para os papéis principais", conta Carnahan. "Sharlto foi o mais difícil por não ser tão chamativo quanto seus companheiros. Ele só tinha *Distrito 9* no currículo, e foi complicado convencer os caras do estúdio. Mas seu teste foi genial, e ele está ótimo no filme." A loucura do personagem foi um tema delicado para ser retratado no filme. "Veja bem, quando a série foi ao ar, nos anos 80, a própria emissora achava que Murdock era extremo, tanto que ele só não foi riscado do programa por ter se tornado muito popular entre os fãs", continua. "Mas hoje em dia temos *Jackass* colocando idiotas mergulhando num tanque de crocodilos com pedaços de frango amarrados à cintura. Então o limite do que é loucura foi expandido. Acredite quando digo que, em meu filme, Murdock é um lunático e Sharlto está perfeito como este lunático."

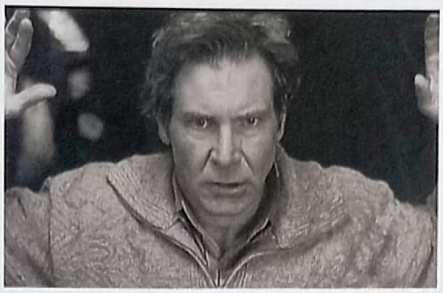
B.A. foi outro desafio, já que sua imagem está fortemente ligada à de Mr. T, com seus bordões e lições de moral, amarradas na cara de buldogue: "Rampage provou que é um ator de ver-

B.A.
(Quinton Rampage Jackson)
Assim como na série de TV, Bosco Albert Baracus, ou simplesmente B.A. (que significa "bad attitude", ou casca grossa) é um gênio da mecânica, capaz de consertar qualquer máquina móvel. Mas ele também é dono do pior relatório de conduta do exército, com um histórico de insubordinação proporcional ao número de oficiais de quem ele quebrou a cara. Ou seja, perfeito para o time de foras da lei capitaneado por Hannibal. Na TV era interpretado por Mr. T

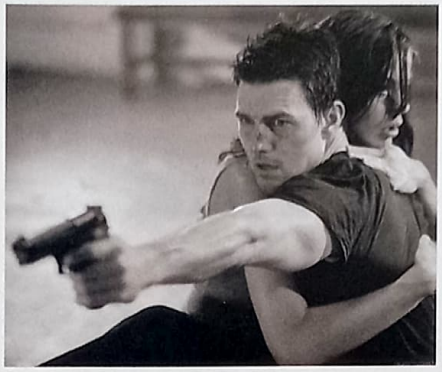
Telinha estourada cinco séries de TV que ganharam verniz no cinema



Charuto e moicano: Hannibal e B.A. planejam o próximo passo. Ao lado, Jessica Biel, no papel de uma militar que acredita na inocência do Esquadrão

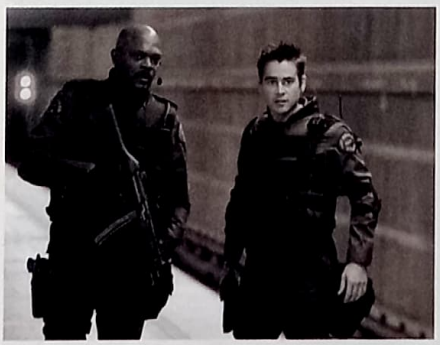


O FUGITIVO (*Andrew Davis, 1993*)
Ao levar para o cinema a série dos anos 1960 protagonizada por David Janssen, o diretor Andrew Davis deu a Harrison Ford um de seus papéis mais memoráveis – e olhe que estamos falando de Han Solo e Indiana Jones. Numa temporada dominada por dinossauros digitais, o mistério do homem de um braço só foi traduzido em um filme acelerado, divertido e que deu o Oscar a Tommy Lee Jones.



MISSÃO IMPOSSÍVEL (*Brian de Palma, 1996/ John Woo, 2000/JJ Abrams, 2006*)
Em busca de uma franquia para si, Tom Cruise, o produtor, adquiriu os direitos da série clássica dos anos 1970 (que teve breve subvida nos anos 1990). Assim, Tom Cruise, o astro, se tornou o agente Ethan Hunt, que por três vezes se envolveu em tramas intrincadas (a do primeiro filme), ligeiras (o segundo) e extremamente satisfatórias (o terceiro). Brad Bird, diretor de *O Gigante de Ferro* e *Os Incríveis*, estréia em live action com o quarto filme, programado para o ano que vem.

AS PANTERAS (*McG, 2000/2003*)
A série que imortalizou o *feminine chic* dos anos 1970 ganhou as telonas em dois filmes imersos na cultura pop, com direção lisérgica de McG e produção de Drew Barrymore. Ela mesma assumiu o papel de um dos "anjos de Charlie", com Cameron Diaz e Lucy Liu completando o trio. A aventura de 2000 tinha seu charme kitsch, mas sua continuação bombástica e incoerente apertou o stop na franquia.



S.W.A.T. (*Clark Johnson, 2003*)
Ok, a música-tema da série policial se manteve intacta na versão para cinema, assim como o sargento Hondo Harrelson (Samuel L. Jackson no filme) e o policial Jim Street (Colin Farrell, assumindo o personagem de Robert Urich). A verdade é que não dá para reclamar de um filme baseado numa série unidimensional – até que se ensaia um fiapo de história na telona, com policiais corruptos e barões da droga. Mas, oras, *S.W.A.T.* revelou Jeremy Renner, que mais tarde seria indicado ao Oscar por *Guerra ao Terror*.

MIAMI VICE (*Michael Mann, 2006*)
Colin Farrell não desistiu e cá está ele de novo em uma adaptação de programa de TV. Desta vez, Michael Mann acertou em tudo, deixando os símbolos cafonas da TV de lado para construir uma história sensacional sobre o preço do combate às drogas, o modus operandi dos dois lados dessa guerra e, no meio de tudo, dois policiais tentando o melhor para não se perder em meio ao caos. Uma pequena obra-prima.

O clima esquenta: *Esquadrão Classe A* não seria um bom representante do cinema-pipoca sem uma explosão gigante, certo?

dade – o background de lutador nunca inspira confiança, mas ele fez de B.A. um personagem único." Um dos cuidados do diretor foi manter características básicas de cada personagem: o charuto de Hannibal, o moicano de B.A., Murdock sendo maluco, a van que também faz parte da iconografia da série. "O maior elogio que eu recebi, porém, foi de Stephen Cannell, criador da série", revela. "Ele disse que gostaria de ter feito o Cara de Pau da forma que a gente mostra, com aquele background, aquelas características. Como Dirk Benedict (*seu intérprete original*) estava no set e concordou com Stephen, eu não posso pensar em honra maior."

COPA DO MUNDO

Uma referência que Joe Carnahan manteve em mente durante as filmagens foi *O Poderoso Chefão*. Para o diretor, o modo como Hannibal arma sua equipe espelha a divisão de tarefas que Don Vito Corleone passava para seus filhos. "Hannibal sabe em que cada um é especialista, e mesmo que o time não tenha certeza de que ele está certo, Hannibal só pede que eles confiem nele", explica. "Não que *Esquadrão Classe A* seja do mesmo nível de *O Poderoso Chefão*, não me faça parecer um idiota arrogante!", brinca. Assim, mesmo quando Murdock surge como um completo lunático, com Peck e B.A. questionando as ações de seu líder, Hannibal sempre prova que tem razão – mesmo quando meio mundo pareça ir pelos ares por causa disso.

Mesmo com todo o cuidado com o texto e a caracterização dos personagens, a verdade é que *Esquadrão Classe A* ainda é um filme de ação, um produto em meio a uma temporada de filmes gigantes destinado a colocar traseiros nas poltronas. "Eu nunca fugi dessa responsabilidade", continua Carnahan. "Para que *Esquadrão* se destacasse, bolamos algumas cenas de ação em que o estúdio não poupou dólares. Uma coisa eu garanto: ao menos duas delas trazem coisas que nunca foram mostradas no cinema até hoje." O trailer do filme traz, por exemplo, o Cara de Pau explodindo um avião com a metralhadora de um tanque

CARA DE PAU
(*Bradley Cooper*)
Com sua voz de veludo e físico de modelo Calvin Klein, Templeton "Cara de Pau" Peck é um soldado irrepreensível – e um conquistador contumaz. O sorriso vencedor é sua marca registrada, um sarcasmo que ele não esconde nem quando em mãos inimigas. No filme, Peck se envolve com a capitã Charisa Sosa (Jessica Biel), e podemos dizer que ele sempre sai por cima. Se é que você entende... Na TV era interpretado por Dirk Benedict, que tem uma ponta no filme.

de guerra, que flutua com uma dúzia de pára quedas: "Aquilo? É só a ponta do iceberg! Gastamos uma fortuna da Fox com fogos de artifício".

Entre charutos, moicanos e explosões, um dos adversários de *Esquadrão Classe A* nas bilheterias não causou nem o impacto de um estilingue: foi *Os Perdedores*, adaptação da série de quadrinhos que, coincidentemente, traz uma equipe de ex-soldados, acusados por um crime que não cometeram, lutando para provar sua inocência. "Quando a série e quadrinhos de Andy Diggle e Jock saiu, eu notei a semelhança na hora", comenta, político. "Pena que o filme não encontrou seu público, e seria estranho que ele realmente estreasse perto do nosso. Mas até *Esquadrão Classe A* chegar aos cinemas provavelmente o grande público já terá esquecido *Os Perdedores*." Na falta de outro petardo de ação nas telas dominadas por vampiros com glitter e ogros digitais, qual seria o grande adversário de uma aventura à moda antiga nos cinemas? "Cara, é a Copa do Mundo", resigna-se Joe Carnahan. "Sei que a gente estreia no dia da abertura da Copa e espero que muita gente ignore a festa e vá ao cinema. Ainda bem que nesse dia não tem jogo do Brasil. Do contrário, seria o fim." ▪

MURDOCK
(*Sharlto Copley*)
O melhor piloto que o exército já teve também é o mais insano. Mas Murdock sabe quando entrar em ação e como fazer seu trabalho, do jeitinho que Hannibal lhe pediu. Confinado em um hospital psiquiátrico para cuidar do stress pós-traumático, causado por seus anos no front, Murdock também pode ser o sujeito mais são da sala, com uma habilidade excepcional em convencer o resto do mundo de que ele é louco. Afinal, é mais fácil escapar de um hospital ou da prisão? Na TV era interpretado por Dwight Schultz, que tem uma ponta no filme.

BRADLEY COOPER

Ele não faz só rir

Bradley Coooper começa a variar de gêneros no cinema POR **CHRISTIAN PETERMANN**

Foi preciso ele tomar um porre fenomenal e ficar de ressaca para que o mundo notasse sua existência e para que seu cachê engordasse. Antes de interpretar Phil Wenneck no surpreendente sucesso *Se Beber, não Case* (já com continuação engatilhada para 2011), Bradley Cooper era apenas mais um cara bonito de olhos azuis (ok, e porte atlético de 1m85) tentando fazer carreira em Hollywood. Certo: ele participou entre 2001 e 2006 de 41 episódios da série Alias no papel de Will Tippin e foi Aidan Stone em seis episódios de *Nip/Tuck* (2007 a 09). Mas se a TV ajudou a tornar seu rosto familiar aos fãs das séries, faltava ainda "aquele personagem naquele sucesso" pra que ele se destacasse da massa. E esta chance veio como o amigo boa-vida na comédia blockbuster.

Agora ele interpreta o tenente Templeton "Cara de Pau" Peck em um dos mais aguardados filmes de ação do verão hollywoodiano de 2010, *Esquadrão Classe A*, sua principal cartada além da franquia *Se Beber, não Case*. Depois da notoriedade atingida com este filme, o ator até mesmo ajudou a tirar da gaveta o terror *Caso 39*, com Renée Zellweger, concluído em 2007 e que não teria sido lançado este ano nas telonas (apenas para flopar) se não fosse por sua presença – mesmo que como coadjuvante. Foi durante as filmagens desta fita B do diretor alemão Christian Alvart que Cooper conheceu Renée, sua atual namorada (depois de o ator ter se divorciado da atriz Jennifer Esposito, num casamento que durou apenas onze meses).

Seu nome, agora quente, ajudou na bilheteria internacional (mesmo que modesta) de obras de alcance mais restrito, como a comédia-nem-sempre-romântica *Ela Não Está Tão A Fim de Você* e o filme-coletânea *Nova York, Eu Te Amo*. É bom apagar da memória sua participação no veículo de Sandra Bullock *Maluca Paixão*, filme que não agradou a ninguém, e é bom também lembrar que muitas fãs ficaram boquiabertas com a última cena de seu personagem na comédia-esta-sim-bem-romântica *Idas e Vindas do Amor*, um papel pequeno, mas até corajoso, em se considerando seu recente status de galã das massas.

Formado pelo Actor's Studio, Cooper deu o primeiro passo em 1999 contracenando com Sarah Jessica Parker em *Sex and the City*, enquanto ainda estudava. Ele também já viajou pelo mundo apresentando o programa *Treks in a Wild World* (2000), do Discovery Channel. E a primeira grande chance, junto ao ingresso na série Alias, veio como um jovem estudante de direito em *Fora de Controle* (2002), com Ben Affleck.

O ator está no momento rodando em Nova York e Filadélfia (sua cidade natal) o thriller *The Dark Fields*, ao lado de Robert de Niro e Anna Friel, com estreia prevista para março do ano que vem. No set de Nova York, duas estudantes conseguiram recentemente invadir o camarim do galã e roubar um par de cuecas azuis. Já no set da Filadélfia, no último dia 10 de maio, foi divulgada uma ação da dupla de astros junto a toda a equipe de filmagem para levantar dinheiro para uma fundação que cuida de crianças com câncer na capital da Pensilvânia. O galã tem hábitos solidários, tendo já muitas vezes colaborado com a LEAP, uma ONG que ensina teatro e movimento para crianças da escola pública.

Com *The Dark Fields*, ele começa a variar um pouco de gênero no cinema, fugindo da predominante comédia onde foi notado por muitos como coadjuvante em filmes tipo *Penetras Bons de Bico* (2005) e *Sim, Senhor* (2008). Mas como *Esquadrão Classe A* ajuda a deixar claro, este é apenas o começo da consagração de Bradley Cooper, e não só junto às mulheres.

Não é

Na esteira do emocionante **Toy Story 3**, SET celebra os 15 anos da Pixar no cinema

POR CHRISTIAN PETERMANN

brinquedo

São de fato poucas estas quatro páginas que SET, em sua edição de 23 anos, dedica aos 15 anos de consagração definitiva da Pixar, estúdio que em 1995 lançou *Toy Story* e assim mudou a história tanto da animação quanto do cinema e do entretenimento. Afinal, este foi o primeiro longa-metragem de animação inteiramente feito em computação gráfica e também a maior bilheteria daquele ano, com quase 200 milhões de dólares. No mesmo ano, a Pixar também entrou no mercado de ações, disponibilizando então 6,9 milhões de ações a 22 dólares cada.

Até mesmo uma SET inteira não faria jus à rica e admirável jornada empreendida por seus fundadores Ed Catmull e Steve Jobs (o diretor John Lasseter fecharia o trio principal), depois de um ponta-pé inicial (antes de o nome Pixar ser adotado) como um departamento da Lucasfilm Inc., de George Lucas. Mas haverá a tentativa de sintetizar aqui um pouco da magia e da importância da Pixar na vida de qualquer cinéfilo que se preze.

Para comemorar a data, a Disney ajudou a relançar em cinema os dois primeiros *Toy Story* (o segundo é de 1999), em caprichadas cópias em 3D, para preparar terreno para o aguardado *Toy Story 3*, a primeira produção da Pixar a ser lançada também em IMAX. Em todos os sentidos, esta é a realização mais ambiciosa e complexa do estúdio, com cenas em que inúmeras situações acontecem ao mesmo tempo, com muitos personagens sempre em movimento. O 3D é perfeito e está integrado à trama, indo muito além do efeito pelo efeito. É fantástico acompanhar a perspectiva tridimensional de brinquedos pequenos num grande mundo real. E como se não bastasse, o filme vai num crescendo de rebuscamento até chegar ao clímax, quando Woody, Buzz Lightyear e toda a turma são ameaçados de completa destruição em cenas de muita ação e perigo, como a Pixar nunca havia feito. É a animação em computação gráfica alcançando a intensidade dos blockbusters de verão. Em seu fim de semana de estreia, alcançou a faixa dos 109 milhões de bilheteria, cerca de o dobro da feita por *Toy Story 2* – que se considere o valor dos ingressos das salas 3D, que injetaram milhões à indústria.

Gente nova no pedaço: personagens inéditos juntam-se à turma de *Toy Story 3*, que você vê inteirinha no alto

AMBIENTE PERSONALIZADO

A inspirada história de *Toy Story 3*, que ensina a como se adaptar o melhor possível às mudanças da vida sem deixar de ser amigo e fiel, é apenas mais uma das muitas fantásticas tramas

que a Pixar já nos ofereceu. Filmes como *Monstros S.A.*, *Procurando Nemo*, *Ratatouille* e *Wall-E* significaram um equilíbrio entre bons roteiros, com ótimo humor e mensagens positivas, personagens que conquistam o espectador e aplicação de tecnologia de ponta. A Pixar vive de se superar a cada nova obra, mas sem se atropelar, sem dar um passo maior do que a perna. O fato de a Disney tê-la comprado em 2006 por 7,4 bilhões de dólares só a fortaleceu, pois manteve sua linha de trabalho agregada a uma veterana infra-estrutura de cinema. Essa parceria elevou a animação por computação à altura estelar.

A permanência do estilo de trabalho da Pixar é fundamental para manter o padrão de qualidade das obras, pois o espírito que reina no agora pequeno império determina a personalidade alto astral e humanista dos produtos que dali saem. A Pixar se localiza desde 2000 num amplo campus em Emeryville, na Califórnia, e investe pesado em transformar o ambiente de trabalho num espaço inspirador e democrático. Cada funcionário pode decorar seu escritório do jeito que quiser, e esta liberdade é tomada ao pé da letra a ponto de, como num parque de diversões (só com adultos), haver de um grande castelo verde e uma típica casa de campo a uma sala escondida por trás de uma passagem secreta.

A Pixar conta também com sua própria universidade, na qual funcionários do estúdio podem incrementar sua formação e desempenho com cursos específicos de cinema e animação, como pintura com modelos vivos, a itens alternativos como esgrima – sempre em busca de um conceito maior de qualidade de vida. Com isto, não é de se estranhar a magia que é gerada pela dedicação de uma equipe numerosa de profissionais, que em cada filme injeta, num cenário muito bem definido, personagens críveis e empáticos vivendo situações que observam a natureza das relações humanas, representadas sejam por insetos, monstros, brinquedos, peixes, carros, robôs, um rato de muito bom gosto ou uma família de super-heróis, não necessariamente nesta ordem.

Outra divertida tradição da Pixar é a introdução de um curta para cada longa-metragem. As experiências do estúdio começaram naturalmente com curtas, o primeiro sendo *Luxo Jr.*, de 1986, que animou objetos domésticos. Um destes objetos é a luminária que se tornou mascote oficial da Pixar e que aparece no logo e em todas as aberturas de filme. Logo depois veio *Tin Toy* (1988), que no ano seguinte conquistou o primeiro Oscar da história da Pixar e levou ao desenvolvimento de *Toy Story*. Em *Toy Story 3*, o curta que o antecede surpreende mais uma vez: em *Dia/Noite*, dois seres que parecem fantasmas mostram no interior de seus corpos cenas reais, um deles com situações típicas que acontecem durante o dia, o outro com situações da noite, o que os leva primeiro a um conflito, depois à reconciliação. A dinâmica deste duelo aparentemente simples cria efeitos ótimos e sempre bem humorados.

Aparências enganam: *Toy Story 3* traz um Ken metrossexual, o traumatizado Lotso, e um trio de ervilhas bem estranho

REIS DO OSCAR

Além da trajetória repleta de Oscar de curtas e na área técnica, daqueles que são realizados em cerimônia à parte e depois exibidos rapidamente na noite principal, a Pixar colecionou também vários recordes e barreiras quebradas. *Monstros S.A.*, por exemplo, conseguiu em 2001 ultrapassar a marca dos 100 milhões de dólares em apenas nove dias, mais rápido que qualquer animação até então; em 2004, *Procurando Nemo* se tornou o DVD mais vendido de todos os tempos, com mais de 24 milhões de cópias apenas nos EUA, e também conquistou o primeiro Oscar de animação em longa para o estúdio; em 2008, *Ratatouille* consegue o feito de ser indicado a cinco Oscar – além dos de roteiro original, trilha sonora, som e edição de som, conquistou o de melhor animação; os outros longas que conquistaram o Oscar máximo foram *Os Incríveis* (2005, com estatueta também para a edição de som), *Wall-E* (2008) e *Up – Altas Aventuras* (2009, com estatueta também para a trilha sonora). Ou seja, desde 2008 não tem pra ninguém no Oscar de animação em longa. É Pixar na cabeça! E para a corrida à estatueta dourada em 2011, *Toy Story 3* tem presença quase certa.

> Toy Story 3, apesar de encerrar a trilogia, não é o último encontro da platéia com seus personagens: eles estarão no curta que antecede Carros 2 ano que vem

O ano que vem reserva também o início da segunda franquia de cinema da Pixar, com o lançamento no verão de *Carros 2.* – é o "produto" da Pixar, além de *Toy Story*, de maior sobrevida fora dos cinemas, com uma linha de brinquedos interminável que mantém os personagens vivos. *Carros 2*, por sinal, trará também a prova de que *Toy Story 3* não é o último grito de Woody, Buzz e cia.: a turma do filme será protagonista do curta que antecede o prato principal. E a Pixar assim continua a escrever uma das mais interessantes e divertidas tramas do cinema contemporâneo. Para a felicidade geral do planeta. ∎

Receita para fazer um SUPER herói

KICK ASS – QUEBRANDO TUDO CHEGA NUM RASTRO DE POLÊMICA E VIOLÊNCIA ANCORADA NUMA PRODUÇÃO 100 POR CENTO INDEPENDENTE

POR ROBERTO SADOVSKI

É uma cena meiga. Pai e filha compartilham um momento, em que ele a ensina uma lição valiosa. A expressão de ambos entrega uma relação sólida, baseada em amor e carinho. Que a lição envolve um revólver, um colete à prova de balas e um par de disparos no peito da menina mostra que não é exatamente uma família normal. A sequência está em *Kick Ass*, série de quadrinhos criada por Mark Millar e John Romita Jr.. Mas o que desfila à frente de sete mil fãs de quadrinhos na Comic Con de 2009 é a mesma cena, trazida à vida por Nicolas Cage (o pai, claro), Chloe Moretz (a filha) e o diretor Matthew Vaughn. É a primeira vez que pedaços de *Kick Ass* em celulóide são mostrados em público – a resposta, gritos e aplausos ferozes de aprovação. A essa altura, *Kick Ass* sequer tinha distribuidor nos cinemas americanos.

"Foi uma aposta", conta Vaughn, produtor dos primeiros filmes de Guy Ritchie, e que como diretor acumula o tenso *Nem Tudo É o Que Parece*, com Daniel Craig, e a fantasia *Stardust*. "O filme estava pronto, mas precisávamos mostrá-lo ao mundo, vender nosso peixe." Funcionou. Nas semanas seguintes, executivos de estúdios se acotovelavam para sessões de *Kick Ass* em Los Angeles – até que o diretor fechou com a LionsGate (no resto do mundo, o filme é da Universal). O curioso foi que a corrida se deu em cima de um filme sem astros (Cage tem papel secundário), sem ligação com algum "produto" conhecido (a série, além de ser para iniciados, sequer havia sido terminada) e cujo diretor não trazia nenhum sucesso no currículo. Pelo menos não nos padrões hollywoodianos.

A era dos superheróis: Kick Ass (Aaron Johnson) pratica em frente ao espelho antes de defender os fracos; Nicolas Cage e o arsenal que enfeita sua casa e é usado por sua filha (Chloe Moretz), à paisana e como Hit-Girl

Ah, mas vá entender as engrenagens da máquina do cinemão! Na idéia dos homens do dinheiro, ignorar a massa que, semanas antes, aplaudiu quatro cenas do filme (inclusive aquela descrita lá em cima) como se fosse a segunda vinda de Cristo seria falta de visão. Afinal, desde meados dos anos 90, são os fãs e a internet quem mandam no cinema – ao menos aparentemente. E um filme baseado em quadrinhos (que, até segunda ordem, são o toque de Midas da vez em celulóide) que desperta tamanha comoção não podia ser ignorado. E nem seria. Seu criador, Mark Millar, se asseguraria disso.

A premissa de *Kick Ass* espelha a de outro filme com "super-heróis no mundo real": *Watchmen*

ONZE ANINHOS

Millar, que nos quadrinhos já escreveu de *X-Men 2099* ao subversivo *The Authority*, tem ganho força em Hollywood ao atrelar seu nome a projetos invejáveis – mesmo que muitas vezes não passe de fumaça. Foi assim quando ele anunciou há alguns anos que tinha um "grande diretor" do cinema americano a seu lado para uma suposta nova trilogia para revitalizar o Superman (o que não aconteceu). Por falar em Superman, ele apostou (e perdeu) com o guru nerd da net, Harry Knowles, quem seria o novo Homem de Aço – suas fontes, dizia, eram infalíveis. Por outro lado, Millar acertou em cheio quando vendeu os direitos de outra de suas criações, *O Procurado*, que se tornou um sucesso de 340 milhões de dólares com Angelina Jolie e James McAvoy. *Kick Ass* seguiu caminho semelhante, mas foi nascido com o suor (e os dólares) de Matthew Vaughn.

E foi, de todas as maneiras, uma aposta extremamente arriscada. Vaughn, que é fã de quadrinhos (ele seria o diretor do terceiro *X-Men* antes de se assustar com o tamanho da produção e recuar), conhecia Millar e quase fechou a adaptação da série *American Jesus*. Quando Millar lhe mandou os primeiros roteiros de *Kick Ass*, o gibi, Vaughn mudou de ideia. O negócio foi finalizado antes mesmo de a série ser publicada – o que justifica o roteiro de Jane Goldman seguir um caminho tão diferente do texto de Millar. Ousadia número dois: Vaughn decidiu bancar a produção do próprio bolso depois de todos estúdios em Hollywood rejeitar o projeto.

A verdade é que não dá para culpar os engravatados do cinema pelo não inicial. Afinal, *Kick Ass* mostra como seria se super-heróis surgissem no mundo real – embora o tom seja completamente outro, a premissa não é muito diferente de *Watchmen*, que chegou aos cinemas em março de 2009 cercado por grandes expectativas e terminou sua carreira com pálidos 185 milhões de dólares em todo o mundo. Para azedar a mistura, palavrões, ultraviolência, brutalidade – tudo envolvendo uma menina de 11 anos que se torna uma máquina de matar – faziam parte da espinha dorsal do texto. Vaughn não amansou a fera.

CHAPAS DE AÇO

"Ok, seus %$@@#... Vamos ver o que vocês podem fazer!" O %$@@# em questão é *cunts*, ofensa intraduzível em uma publicação comportada como SET, que se torna mais pesada quando sai dos lábios da pequena Chloe Moretz, que assume o papel de Hit-Girl. Ela é, claro, filha de Big Daddy (Cage), e juntos eles seguem um plano para demolir o império criminoso de Frank D'Amico (Mark Strong). Daddy, ex-policial (as cenas em flashback são uma animação dirigida por Romita Jr.), treinou sua garotinha para

Vai encarar?

Saiba quem são os jogadores no tabuleiro de *Kick Ass*

Kick Ass *(Aaron Johnson)*

Até que a pergunta de Dave Lizewski faz sentido: por que tanta gente quer ser Paris Hilton e ninguém quer ser o Homem-Aranha? Ele mesmo vai buscar a resposta quando encomenda um traje colorido e se torna o "super-herói" Kick Ass. Mas não vai demorar até a brincadeira ficar séria – o que ele vai descobrir às custas de ossos quebrados e nervos danificados.

Hit-Girl *(Chloe Moretz)*

Quem olha a doce Mindy Macready mal imagina que, aos 11 anos, ela foi treinada para ser uma máquina mortífera implacável (e com a boca porca). Na identidade de Hit-Girl, Mindy decepa traficantes e decapita gângsters com a mesma disposição com que brinca com uma Barbie. Hmmm... não se engane: ela prefere se exercitar com um canivete...

Red Mist *(Christopher Mintz-Plasse)*

Filho de um dos maiores criminosos de Nova York, Chris D'Amico não tem amigos (seus seguranças trogloditas não deixam ninguém se aproximar) e adora gibis como qualquer moleque. Mas ele quer mesmo é tomar parte nos negócios de seu pai – e enxerga a oportunidade quando se torna peça-chave para ganhar a confiança do mais famoso dos fantasiados: Kick Ass.

ser uma assassina de primeira, capaz de deixar Elektra e a Noiva no chinelo. E isso é mostrado sem o menor pudor: ela corta membros e perfura corpos como se estivesse num parque de diversões. Tem mais: quando a coisa aperta, Hit-Girl é baleada e, depois, espancada por um adulto – se fosse no Rio de Janeiro, com certeza algum juiz já teria mandado prender os envolvidos com o filme, sob a alegação de terem "destruído" a infância de Chloe. Que o resultado não seja menos que espetacular é prova não só do imenso talento dos atores (Cage, por sinal, há tempos não se mostra tão à vontade), como também de Vaughn, que conduz a narrativa sem jamais cair na paródia.

Hit-Girl e Big Daddy são, claro, o lado feroz da cruzada iniciada por Dave Lizewski (Aaron Johnson), adolescente que sofre por ser, bom, adolescente, e decide comprar uma roupa colorida na internet para "combater o crime". Em sua primeira patrulha, é espancado, esfaqueado e atropelado. Passa meses no hospital, sai com chapas de aço pelo corpo e nervos danificados e insensíveis à dor, e volta às ruas. Sua segunda "ação" – salvar um mané de um trio de marginais – é gravada por celulares de curiosos. *Kick Ass*, então, torna-se sensação na internet. O equilíbrio entre a fama recém-adquirida, as agruras da adolescência e o confronto com uma vida bem real e violenta – D'Amico o quer morto – completam o texto. Que, vale dizer, é melhor resolvido que o original de Mark Millar. Ao contrário do autor, a roteirista Jane Goldman nutre uma certa simpatia pelos personagens.

Criadores no set da criatura: John Romita Jr. e Mark Millar dão as caras nas filmagens de *Kick Ass* e esperam a garçonete...

Com todos os elementos no lugar certo, *Kick Ass* parecia um sucesso antes mesmo de chegar aos cinemas. Sites especializados louvavam sua originalidade – e elevavam Hit-Girl à condição (muito justa) de ícone. Do outro lado, a crítica especializada se curvava ao filme como um exemplar genuíno de entretenimento ancorado por uma idéia. A realidade dos fatos, porém, espelhou o barulho pós-estreia de um certo *Serpentes à Bordo*. Até o momento, *Kick Ass* faturou 47 milhões de dólares, mas cobrindo seu custo de produção, em estimados 30 milhões.

Não que isso faça diferença. Matthew Vaughn recuperou seu investimento ao vender os direitos de distribuição de *Kick Ass*, mostrando que um pouco de ousadia faz bem à saúde da capital da indústria do cinema. Curiosamente, ele abriu as portas para retornar ao "primeiro time" dos gibis no cinema e prepara *X-Men: First Class* já para a temporada do verão ianque de 2011. Um segundo *Kick Ass* também está em pauta. Afinal, como McLovin (ou melhor, o ator Christopher Mintz-Plasse) diz, na fantasia do Red Mist e parafraseando o Coringa de Jack Nicholson: "Espere até eles darem uma olhada em mim". A gente espera. Com prazer. ∎

Frank D'Amico *(Marc Strong)*

Drogas, corrupção, armas: Frank é o Rei do Crime em Nova York. Na falta do Demolidor, ele encontra seu nêmesis na forma de fantasiados que, aos poucos, destróem seu império e roubam seus recursos. Mas D'Amico não é um chefão preguiçoso: especialista em artes marciais, ele não tem o menor pudor em sujar as mãos de sangue.

Big Daddy *(Nicolas Cage)*

Damon Macready era um policial exemplar até ser incriminado por Frank D'Amico, ir para a prisão e ver sua mulher morrer de tristeza. Sua vida só tem um objetivo: vingança, para a qual ele conta com a habilidade de sua filha, Mindy, que assume a identidade de Hit-Girl. Para compor a voz de Big Daddy, Nicolas Cage se inspirou em Adam West, o Batman da TV.

DENNIS HOPPER

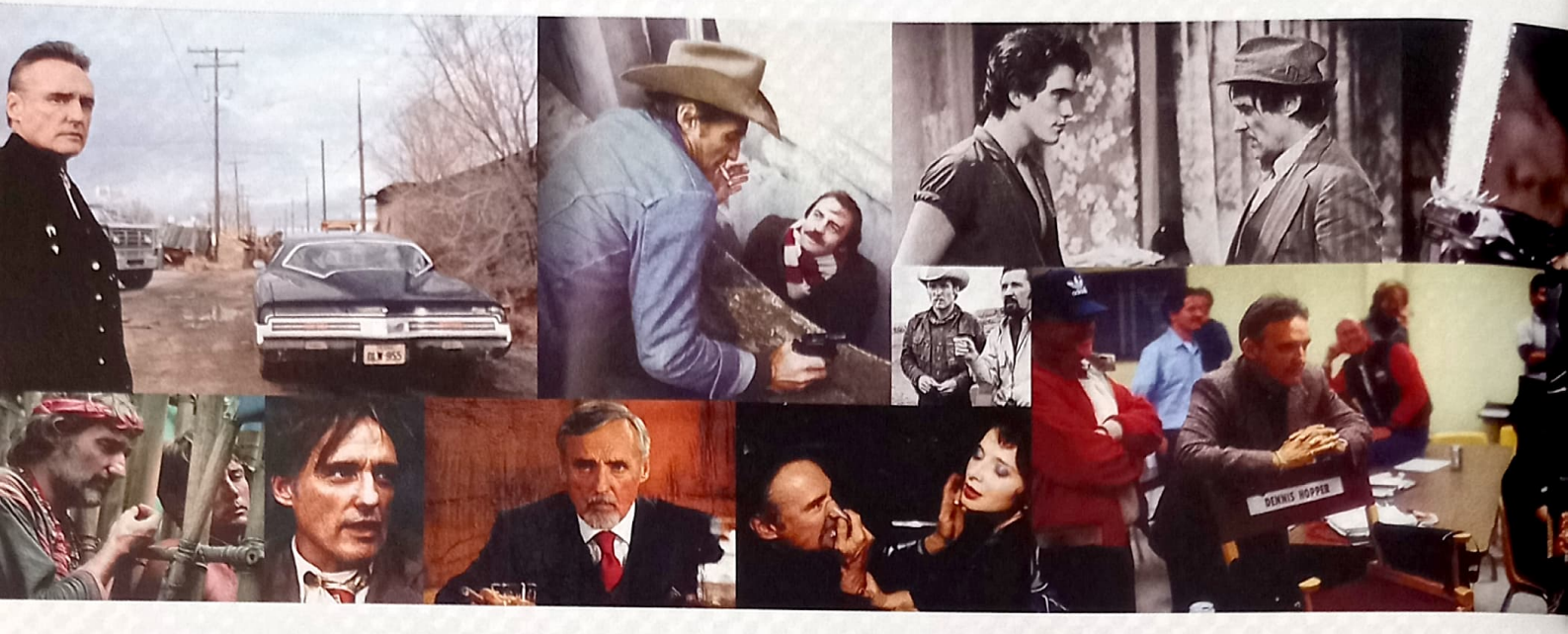
O ÚLTIMO AMERICANO

SET lembra a vida e os triunfos do homem que fez da rebeldia parte da cultura pop mundial

POR ANDRÉ BARCINSKI

Dennis Hopper

Numa América em ebulição com os assassinatos de Bobby Kennedy e



O câncer levou Dennis Hopper, 74, um dos últimos rebeldes do cinema. Hopper foi um "bad boy" dentro e fora das telas, um homem que se confundiu com seus personagens e que virou um ícone da contracultura. Ninguém encarnou tão bem as contradições, a rebeldia e a insanidade dos anos 60 como Dennis Hopper.

Muitos egos incham depois do sucesso. O ego de Dennis Hopper já era grande desde pequeno. Desde que começou no Actor's Studio de Lee Strasberg, Hopper já era conhecido como um ator intenso, dado a explosões de fúria causadas por bebida e drogas. Depois de fazer dois filmes de sucesso com James Dean (*Juventude Transviada*, 1955, e *Assim Caminha a Humanidade*, 1956), Hopper sabotou a própria carreira ao brigar com o diretor Henry Hathaway nas filmagens de *Caçada Humana* (1958). Desde então, levou a pecha de ator difícil e arrogante.

Hopper tinha amigos igualmente "difíceis": era chapa de James Dean e ficou arrasado quando o astro morreu num acidente de carro, em 1955. Um dos biógrafos de Elvis Presley, Peter Guralnick, diz que Hopper foi companheiro de quarto de Elvis em 1956, quando este começou sua carreira em Hollywood. Difícil imaginar o nível do estrago causado pela dupla...

A insolência de Hopper lhe custou muitos papéis no cinema. Sua carreira foi salva, curiosamente, pelo mais careta e conservador astro de Hollywood, John Wayne. O eterno caubói, fazendo um favor à atriz Margaret Sullavan, então sogra de Hopper, conseguiu para ele um papel em *Os Filhos de Katie Elder* (1965).

COCAÍNA NAS RUAS

A carreira de Dennis Hopper não decolou até o fim dos anos 60, quando se envolveu num projeto com o amigo Peter Fonda. A idéia original era aproveitar o sucesso dos filmes de motoqueiro que Roger Corman e a produtora AIP de Sam Arkoff estavam lançando. O resultado foi *Sem Destino* (ou *Easy Rider*). Visto hoje, *Sem Destino* envelheceu mal. Como a maioria dos filmes "de protesto" da época, tem diálogos ridículos e hippies que parecem paródias de humorísticos de TV. Mas, em 1969, numa América em ebulição com os assassinatos de Bobby Kennedy e Martin Luther King e assombrada pelos Panteras Negras e pelo Vietnã, *Sem Destino* caiu como uma bomba atômica.

O filme foi um imenso sucesso de bilheteria e mudou a indústria do cinema. Até então, Hollywood era dominada por grandes estúdios e suas estruturas arcaicas, com magnatas de charuto na boca comandando gigantescas equipes de diretores e roteiristas. De repente, um filme pequeno, com um orçamento de 500 mil dólares e feito por alguns chapados, varreu toda aquela pompa do mapa. Hollywood percebeu que não estava em sintonia com a América. O público queria histórias novas, contadas por gente nova, de maneira nova. E o road movie de Hopper, com Peter Fonda e Jack Nicholson, era exatamente isso. *Sem Destino* simbolizava um novo cinema.

O sucesso do filme abriu as portas para uma nova geração de diretores que dominou Hollywood nos anos 70, como Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Peter Bogdanovich, Brian de Palma, Arthur Penn, William Friedkin, Michael Cimino, Hal Ashby, Steven Spielberg, George Lucas e muitos outros.

O impacto de *Sem Destino* espirrou para as ruas. "O problema da cocaína nos Estados Unidos foi causado por mim", disse Hopper. "Antes de *Sem Destino*, não havia cocaína nas

Martin Luther King, Sem Destino *caiu como uma bomba atômica*

ruas. Depois, estava por toda parte". O triunfo do filme mexeu com a cabeça de Hopper. Seu ego foi às alturas, assim como seu gosto por cocaína e ácido. Em 1970, casou-se com Michelle Phillips, do grupo The Mamas and the Papas. O casamento durou oito dias e foi anulado depois que Hopper ameaçou a esposa com uma arma. Amigos faziam apostas para ver quanto tempo ele duraria.

LISTA NEGRA

Em 1971, Hopper foi ao Peru filmar *The Last Movie*. Cheirando quantidades prodigiosas de pó, fez um filme que só ele entendeu. Durante a filmagem, teve de lidar com brigas no set, a ausência de um roteiro inteligível e greves da equipe. Acabou seqüestrando os negativos do filme para editá-lo sozinho. *The Last Movie* foi um fracasso que o colocou na lista negra dos estúdios de Hollywood.

Por quase quinze anos, o ator sobreviveu fazendo filmes menores. De vez em quando, algum amigo ou fã vinha em seu socorro: Wim Wenders escalou-o em *O Amigo Americano* (1977); Coppola, em *Apocalypse Now* (1979) e *O Selvagem da Motocicleta* (1983). Sam Peckinpah usou seus talentos em *O Casal Osterman* (1983). Mas foi David Lynch que acabou ressuscitando a carreira de Hopper, ao escalá-lo no mítico papel de Frank Booth em *Veludo Azul* (1986). A atuação alucinada de Hopper fez história e virou um parâmetro para qualquer psicopata do cinema.

Quem via Dennis Hopper nos últimos anos de sua vida não poderia acreditar que aquele velhinho simpático tinha sido o terror de Hollywood, um satã que cheirou mais, bebeu mais, trepou mais e fez mais coisas proibidas que qualquer outro ser vivo. Dennis Hopper tinha tudo para morrer aos 27 anos e virar uma lenda. Mas sobreviveu para contar a história. ■

10 MOMENTOS DE UMA VIDA

Sem Destino (1969)
No papel do motoqueiro que cruza a América com seu chapa (Peter Fonda), Hopper fez um faroeste melancólico sobre o fim do sonho hippie

O Amigo Americano (1977)
Hopper interpreta Tom Ripley, famoso personagem dos policiais de Patricia Highsmith, nesse bizarro noir dirigido por Wim Wenders

Apocalypse Now (1979)
O ator encarna um fotojornalista alucinado; sua interpretação foi tão realista que Marlon Brando pediu para não contracenar com ele

Anos de Rebeldia (1980)
Hopper dirigiu esse drama pesado – um dos filmes favoritos de Sean Penn – sobre a vida de uma menina. O cartaz dizia tudo: "Seu pai está em cana; sua mãe, nas drogas. Já ela só quer saber de Johnny Rotten".

O Selvagem da Motocicleta (1983)
Quase trinta anos depois de atuar em *Juventude Transviada* com James Dean, Hopper interpreta o pai de Matt Dillon e Mickey Rourke nessa homenagem de Coppola ao gênero "jovens rebeldes e suas motos"

Veludo Azul (1986)
Poucos personagens do cinema são tão assustadores quanto Frank Booth, o sádico que Dennis Hopper imortalizou nesse delírio noir e surrealista de David Lynch

Momentos Decisivos (1986)
Nesse drama sobre um time de basquete universitário, Hopper emociona como um bêbado que acaba como assistente do técnico (Gene Hackman). Hopper foi indicado ao Oscar

Colors – As Cores da Violência (1988)
Hopper dirigiu esse ótimo filme sobre a guerra das gangues em Los Angeles, com Sean Penn e Robert Duvall

Morte por Encomenta (1992)
Uma pérola este noir de John Dahl, que revelou Lara Flynn Boyle. Hopper faz um assassino que persegue Nicolas Cage em uma pequena cidade do interior dos Estados Unidos

Atos de Amor (1996)
Quando perguntavam qual sua atuação predileta no cinema, Hopper sempre falava desse bonito drama dirigido por Bruno Barreto, em que ele interpreta um professor dividido entre uma viúva e uma aluna.

B LA NA REDE

SET levanta na área e revela o melhor (e o nem tanto) do cinema que traz o futebol como tema

POR CHRISTIAN PETERMANN

Em época de Copa do Mundo, só se fala em futebol. Até mesmo o cinema fica em segundo plano! Mas vivendo no país da bola no pé como o Brasil, esta é uma ocasião em que se pensa e se percebe quão poucos filmes dedicados a esse esporte o cinema brasileiro já produziu. São poucos títulos, muitos quase desconhecidos e a grande maioria, documentários. A ficção cinematográfica do país, apesar de algumas honráveis exceções, ainda deve muito ao futebol. Isso aos poucos está mudando, como já demonstra o 1º. CineFOOT, realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo na virada dos meses de maio/junho e totalmente dedicado a filmes brasileiros sobre futebol, em curta, média ou longa-metragem. Há uma nova safra (de documentários) a caminho.

SET preparou uma escalação de trinta títulos nacionais e internacionais que têm o futebol como protagonista (ou coadjuvante), jogando na posição que o diretor definir. Esta seleção de ouro não inclui qualquer documentário sobre um time brasileiro, seja ele o Corinthians, o Flamengo ou o Internacional, para não acirrar os ânimos da redação... Mas traz Pelé, Zico, Eric Cantona, David Beckham, jogos de outras Copas, o futebol como ideal de vida, o futebol como arte, o futebol como...

O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS

Brasil, 2006. De Cao Hamburger. Com Michel Joelsas, Germano Haiut, Daniela Piepszyk. 104 min. Drama

Este é um dos melhores filmes brasileiros da década de 2000, meritório vencedor de mais de vinte prêmios nacionais e internacionais, um raro equilíbrio em nossa produção audiovisual de um bom roteiro, bem escrito e desenvolvido, e um filme de comunicação fácil e popular. O ano que corre é 1970, e os pais do pequeno Mauro (Michel Joelsas, uma boa revelação), interpretados por Eduardo Moreira e Simone Spoladore, precisam cair na clandestinidade por causa da repressão na ditadura militar. O garoto acaba hospedado na casa de Shlomo (Haiut), o rabugento vizinho de seu avô, recém-falecido. O cenário é o bairro do Bom Retiro, onde há uma grande comunidade judaica de classe média, e a ingenuidade de Mauro se volta aos lances decisivos da Copa do Mundo de 1970, acompanhada pela TV e em seu jogo de botão – sem falar na amizade com a espevitada Hanna (Piepszyk). O diretor realizou um filme de rara empatia, que mescla bem densidade dramática com entretenimento familiar. Ainda no elenco, Caio Blat como um militante e o saudoso Paulo Autran, em seu penúltimo filme, como o avô. Foi visto por cerca de 370 mil espectadores no cinema – merecia bem mais.

LINHA DE PASSE

Brasil, 2008. De Walter Salles e Daniela Thomas. Com Sandra Corveloni, João Baldasserini, Vinícius de Oliveira. 113 min. Drama

O futebol é neste filme, assim como na vida de milhares de brasileiros, a luz no fim do túnel, a tábua de salvação para fugir de uma vida miserável. Quem alimenta este sonho aqui é Dario (Vinícius de Oliveira, de *Central do Brasil*), um dos quatro filhos, de pais diferentes, da mãe solteira e grávida Cleuza (Sandra Corveloni). O ator estudou futebol por dois anos pra realizar as cenas de teste de seleção pelas quais ele passa; já seu personagem na trama está muito velho pra ser selecionado. É uma das pinceladas tristes do roteiro.

O MILAGRE DE BERNA

Das Wunder von Bern, Alemanha, 2003. De Sönke Wortmann. Com Louis Klamroth, Peter Lohmeyer, Johanna Gastdorf. 118 min. Drama

Para a Alemanha, vencer a Copa do Mundo de 1954, na Suíça, significou algo tão catártico quanto, digamos, o Brasil vencer a Copa de 1970, como alívio escapista à ditadura militar. A Alemanha pós-guerra estava dividida, enfraquecida e com o orgulho ferido, e ela se uniu por uma mesma vitória nos esportes. O filme mostra como o time saiu sem crédito do país e o pegou de surpresa. A trama avança em duas frentes: a história de uma família que sofre com o desajuste do pai, recém-libertado depois de onze anos de prisão na Rússia, e a rotina de um repórter esportivo cobrindo os eventos in loco.

FUGA PARA A VITÓRIA

Victory, EUA, 1981. De John Huston. Com Sylvester Stallone, Michael Caine, Pelé. 116 min. Aventura

Pelé é sem dúvida o jogador brasileiro mais conhecido mundo afora e que mais participou de produções de cinema, inclusive estrangeiras. A mais nobre foi esta aqui, dirigida pelo mestre John Huston, na qual o jogador interpreta Luis Fernandez, nativo de Trinidad (!!!), que se une a Sylvester Stallone e Michael Caine para formar um time de futebol num campo de concentração durante a Segunda Guerra. Se vencerem o time nazista, conquistam a liberdade! A premissa estapafúrdia resulta num filme menor de Huston.

À PROCURA DE ERIC

Looking for Eric, Inglaterra/França/Itália/Bélgica/Espanha, 2009. De Ken Loach. Com Steve Evets, Eric Cantona, Stephanie Bishop. 116 min. Drama

Este é um dos filmes mais "leves" do sempre engajado e politizado diretor inglês Ken Loach (*Ventos da Liberdade*). Eric (Evets) é um carteiro fanático por futebol cuja vida entra em crise, em especial o lado afetivo. Ele passa a receber conselhos filosóficos e sentimentais de um amigo imaginário, ninguém menos que o ex-jogador francês Eric Cantona, cujo auge da carreira se deu na primeira metade dos anos 1990 no time inglês do Manchester United. Cantona brinca com o fato de ser conhecido na mídia como "um jogador que raciocina, que tem o que dizer". Sua presença é o elemento cômico e a voz da consciência num filme que não dispensa pinceladas mais sérias em situações paralelas.

HOOLIGANS

EUA/Inglaterra, 2005. De Lexi Alexander. Com Elijah Wood, Charlie Hunnam, David Alexander. 109 min. Drama

Aqui o maior interesse, em si, está na diretora Lexi Alexander: alemã campeã de caratê e kickboxing, ela já interpretou a princesa Kitana em turnê de shows para *Mortal Kombat* e em 2008 dirigiu o filme *O Justiceiro: Zona de Guerra*. Aqui ela escreveu o roteiro, produziu e faz sua estreia como diretora de longas. O ex-Frodo (Wood) interpreta um estudante expulso de Harvard que se muda para Londres e se envolve com o mundo barra pesada dos hooligans, torcedores fanáticos e muito violentos do futebol britânico. O filme vai num crescendo de tensão, culminando num confronto brutal de torcidas.

DRIBLANDO O DESTINO

Bend It Like Beckham, Inglaterra/Alemanha/EUA, 2002. De Gurinder Chadha. Com Parminder Nagra, Keira Knightley, Jonathan Rhys Meyers. 112 min. Drama

Oito anos depois da realização deste filme, o futebol feminino se popularizou e adquiriu outro status, principalmente aqui no Brasil, onde sua estrela maior, Marta, já virou até garota-propaganda de produto de limpeza! Mas nesta "dramédia" dirigida e co-escrita pela cineasta de ascendência hindu Gurinder Chadha, a presença num time feminino do esporte representa o maior dos desafios. Afinal, a protagonista do filme se chama Jesminder (Jess), interpretada por Parminder Nagra, e é a filha de um casal Sikh tradicionalista que reside em Londres. Seus pais querem apenas que ela pendure as chuteiras, encontre um bom marido e saiba preparar comidas típicas. Ela precisa se rebelar contra a família "e driblar o destino" para poder viajar com um time local até Hamburgo, na Alemanha. No time, sua melhor amiga é Juliette Jules, interpretada por uma Keira Knightley anterior à indicação ao Oscar por *Orgulho e Preconceito* e ao sucesso da franquia *Piratas do Caribe*. As duas amigas se interessam por seu treinador, Joe (Jonathan Rhys Meyers, hoje mais conhecido pela série *The Tudors*). Com boas cenas em campo, este é um filme agradável aos olhos.

GOL!

Goal!, Inglaterra/EUA, 2005. De Danny Cannon. Com Kuno Becker, Alessandro Nivola, Sean Pertwee. 118 min. Drama

Tudo começou como uma série para a TV inglesa, que foi ao ar em 2003. Dois anos depois, chegou aos cinemas a jornada de Santiago Munez (Becker), jogador latino residente em Los Angeles que é comprado por um time inglês e enfrenta preconceitos para se firmar no novo grupo. O filme, com boas cenas de jogo, já teve duas continuações, sempre com Kuno Becker: em 2007, dirigida pelo catalão especializado em filmes de terror Jaume Collet-Serra, e em 2009, dirigida pelo clipeiro Andrew Morahan, responsável por *Highlander 3* (1994).

PENALIDADE MÁXIMA

Mean Machine, Inglaterra/EUA, 2001. De Barry Skolnick. Com Vinnie Jones, Jason Statham, Jason Flemyng. 99 min. Ação

O agora ator hiper-ativo e ex-jogador de futebol Vinnie Jones já integrou cinco times da liga inglesa oficial, participou de 384 jogos, fez apenas trinta gols e foi expulso mais de dez vezes. E ele representa o tipo de jogador durão, que estreou bem em cinema com *Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes*, de Guy Ritchie. Aqui, ele é Danny Meehan, astro do futebol encarcerado por agressão e que na prisão treina um time de prisioneiros para jogar uma partida contra o time dos guardas.

O SEGREDO DOS SEUS OLHOS

El Secreto de Sus Ojos, Argentina/Espanha, 2009. De Juan José Campanella. Com Ricardo Darín, Soledad Villamil, Carla Quevedo. 127 min. Drama

O diretor Juan José Campanella (*O Filho da Noiva*) co-adaptou o romance *A Pergunta de Seus Olhos* e conquistou este ano o Oscar de filme estrangeiro. Aqui, o futebol está presente em apenas uma sequência, mas é uma sequência admirável. Ambientado em 1999, o drama de investigação retorna inúmeras vezes à época da agressiva ditadura militar para solucionar um mistério. Há uma cena, porém, durante a polêmica Copa do Mundo de 1978, sediada na Argentina e vencida pela própria, em que a câmera se aproxima aérea e circular até adentrar o estádio, em pleno jogo, cruzar o campo, localizar e focar o personagem do ator Ricardo Darín, sem qualquer corte. Puro cinema.

TODOS OS CORAÇÕES DO MUNDO

Two Billion Hearts, Brasil, 1995. De Murilo Salles. 101 min. Documentário

Este é o filme oficial da FIFA dedicado à Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, dirigido pelo brasileiro Murilo Salles, o diretor por trás de bons filmes como *Nome Próprio* (2007), *Como Nascem os Anjos* (1996) e *Nunca Fomos tão Felizes* (1984). É um espetáculo que pode ser visto e revisto sem canseira por fanáticos, com cenas memoráveis como o gol do saudita Owairan Saeed após ter driblado meio time da Bélgica, a comemoração do jogador nigeriano enrolado na rede do gol, e o italiano Roberto Baggio secando Romário antes de o time entrar em campo.

MALDITO FUTEBOL CLUBE

The Damned United, Inglaterra/EUA, 2009. De Tom Hooper. Com Michael Sheen, Colm Meaney, Timothy Spall. 98 min. Drama

Lançada direto em DVD no Brasil, esta cinebiografia acompanha os 44 dias em 1974 do reinado do renomado treinador Brian Clough (1935-2004) à frente do time inglês United Leeds. Profissional admirado e controverso, Clough bateu de frente com a direção do time e com o estilo em campo. Apesar de a história ter referência emocional e nostálgica exclusiva para britânicos, o filme se apóia num personagem carismático e empático, interpretado pelo prolífico Michael Sheen, que já foi lobisomem na série *Anjos da Noite* e vampiro em *Lua Nova*.

SHOW DE BOLA

Alemanha, 2008. De Alexander Pickl. Com Thiago Martins, Lui Mendes, Sandra Pêra. 101 min. Drama

Esta produção bizarra levou no Japão o título de *City of Dog*, em referência forçada a *City of God*, ou melhor, o nosso *Cidade de Deus*. Neste filme finalizado em 2005, o diretor alemão Alexander Pickl explora o cenário carioca para

contar uma história de sonhos e crimes entre moradores de favela. O ator Thiago Martins (*Era Uma Vez...*) interpreta um jovem que precisa enfrentar as muitas adversidades de morar num morro dominado pelo narcotráfico para se tornar jogador profissional de futebol.

GARRINCHA – ESTRELA SOLITÁRIA

Brasil/Chile, 2005. De Milton Alencar. Com André Gonçalves, Taís Araújo, Henrique Pires. 110 min. Drama

O best-seller homônimo de Ruy Castro é referência popular e unânime. Já o filme de Milton Alencar (do quase inédito *O Circo das Qualidades Humanas*, de 2000) que nele se inspira, são outros quinhentos. A homenagem ao "demônio das pernas tortas", o famoso jogador Garrincha, é sincera, mas não vinga por causa da inadequação dos atores principais, André Gonçalves e, em especial, Taís Araújo como Elza Soares. Não orna! O gancho encontrado pelo roteiro para o desfile de flashbacks, habituais em cinebiografias, foi o desfile em homenagem ao ex-jogador que a Mangueira preparou para o Carnaval de 1980.

KUNG FU FUTEBOL CLUBE

Siu lam juk kau/Shaolin Soccer, Hong Kong/China, 2001. De Stephen Chow. Com Chow, Man Tat Ng, Wei Zhao. 113 min. Comédia

Esta comédia de ação foi comprada pela Miramax em 2002, mas a distribuidora levou dois anos para lançar o filme de forma modesta nos cinemas americanos. Neste meio tempo, este adquiriu status cult e se tornou cobiçado entre nerds e cinéfilos do país, sendo recordista em pirataria e downloads. A idéia do diretor e co-roteirista Stephen Chow, um astro no cinema asiático, foi simplesmente genial: associar os movimentos das artes marciais aos lances do futebol. Com apenas duas câmeras, muita inventividade e coreografias precisas, o filme tem imagens impressionantes. O roteiro é engraçado em especial para paladares ocidentais, pois faz inclusive referências a obras como *E.T. – O Extraterrestre*, *Jurassic Park*, *O Rei Leão* e *Matrix* (deste filme é fácil imaginar que movimento foi utilizado). Até a data, esta foi a produção de Hong Kong de maior bilheteria no próprio país. Para animar seus irmãos, jovem decide formar com eles um time de futebol que, para vencer o adversário, tirasse vantagem de seus conhecimentos em lutas marciais. O confronto se dá entre o time Shaolin e o time Puma, inteiramente paramentado com produtos da marca Puma. Diversão garantida para fãs do esporte e/ou do humor oriental e/ou das coreografias do cinema de lá.

OS TRAPALHÕES E O REI DO FUTEBOL

Brasil, 1986. De Carlos Manga. Com Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum, Zacarias, Pelé. 74 min. Comédia

O último filme dirigido pelo veterano cineasta Carlos Manga conquistou quase 3,7 milhões de espectadores e conta a história do roupeiro Cardeal (Aragão) que, por acaso, se torna treinador do Independência Futebol Clube e leva o time a uma série de vitórias, o que atrapalha os planos de seus dirigentes. Este filme com os quatro Trapalhões e o chamariz de bilheteria Pelé, que interpreta o repórter esportivo Nascimento, tem como "gata da vez" a modelo Luiza Brunet e um elenco de veteranos coadjuvantes todos falecidos (José Lewgoy, Milton Moraes, Maurício do Valle e Older Cazarré).

HOTSHOT

EUA, 1987. De Rick King. Com Jim Youngs, Pelé, Mario van Peebles, Penelope Ann Miller. 96 min. Drama

Este filme só foi lançado muito discretamente em cinema nos EUA (em janeiro de 1987) e em Portugal (em julho de 1990). De resto, foi à época direto pro VHS! Jim Youngs interpreta um jovem jogador de futebol que, para ingressar num time de Nova York, viaja até o Brasil para conhecer seu ídolo, Santos (Pelé), o maior jogador de todos os tempos, e tentar convencê-lo a ser seu treinador. Este se torna seu guia e guru, semelhante ao que Pat Morita interpretou pra Ralph Macchio no *Karate Kid* original, de 1984. Pelé, ou Santos, não apenas ensinará o jogo, mas também dará muitas lições de vida!

UMA AVENTURA DO ZICO

Brasil, 1999. De Antonio Carlos da Fontoura. Com Zico, Jonas Bloch, Eri Johnson. 93 min. Infantil

Numa produção do casal Lucy e Luiz Carlos Barreto, patriarcas de um dos mais famosos clãs do cinema brasileiro, esta fita voltada ao público infanto-juvenil e apoiada no carisma de Zico tem hoje um charme trash considerável. Uma emissora de TV do Rio de Janeiro promove um concurso para selecionar 22 meninos para aprender futebol com

o craque. Fred, filho de uma magnata, não é selecionado, e seu pai encomenda a uma cientista um clone do jogador. A clonagem confrontará o futebol-força ao futebol-arte.

O CASAMENTO DE ROMEU E JULIETA

Brasil, 2005. De Bruno Barreto. Com Marco Ricca, Luana Piovani, Luiz Gustavo. 90 min. Comédia

A premissa desta comédia romântico-familiar é boa: a partir da rivalidade entre famílias que vem do clássico texto de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, imaginam-se as complicações derivadas do namoro entre uma jovem palmeirense (Piovani) e um corintiano roxo (Ricca). O roteiro foi escrito por mestres da comédia teatral (Marcos Caruso & Jandira Martini) e pelo versátil escritor Mário Prata, mas nem sempre toma rumos muito inspirados. Mesmo assim, há boas situações, Ricca está divertido no papel, Luana fez um intensivão de futebol com o ex-jogador Claudio Adão e a produção reconstituiu cenas de jogo com o time jovem do Palmeiras. Filme-pipoca indolor.

BOLEIROS – ERA UMA VEZ O FUTEBOL...

Brasil, 1998. De Ugo Giorgetti. Com Otavio Augusto, Adriano Stuart, Lima Duarte. 93 min. Comédia

A premissa do roteiro do próprio diretor Ugo Giorgetti é emotiva e sólida: ex-jogadores reúnem-se num tradicional bar do centro de São Paulo para relembrar causos "dos bons tempos do futebol". A nostalgia das histórias vem revestida de saudade, amargura e carinho. O cineasta destila humor ácido e melancólico, ao relembrar uma época mais romântica do esporte e apontar para vícios de atitude e de trabalho no futebol atual. Este é ainda mais criticado pelos rumos corporativistas que tomou na continuação também de Giorgetti, *Boleiros 2 – Vencedores e Vencidos* (2006), onde o personagem de Adriano Stuart e o de outros atores do elenco original voltam a marcar presença na reinauguração com novo sócio do bar, num dia de glória em que por lá transitam jogadores ricos, empresários, dirigentes, fãs e piriguetes. Ambos os filmes são "dramédias", comédias de costumes com tipos pitorescos, mas com tramas paralelas de tonalidade séria. O duo de longas forma um conjunto único no cinema de ficção brasileiro, pois se exploram os bastidores do "fazer futebol", com seus treinos, tretas, ganâncias e laços afetivos, como parábolas do Brasil à época de cada realização. Bom entretenimento, é absurdo e injusto o fracasso de bilheteria de ambos no cinema.

ASA BRANCA – UM SONHO BRASILEIRO

Brasil, 1981. De Djalma Limongi Batista. Com Edson Celulari, Eva Wilma, Walmor Chagas. 135 min. Drama

Um dos principais títulos brasileiros dos anos 1980 e também uma das melhores ficções de cinema sobre futebol, esse filme revelou Edson Celulari no papel de Asa Branca, jovem do interior que é contratado por um grande time, se consagra no campo e junto às mulheres, joga no Maracanã e ajuda o Brasil a conquistar o tricampeonato em 1970. O diretor Djalma Limongi Batista faz com a saga de Asa Branca uma radiografia pessoal e otimista do sonho de milhares de brasileiros.

GINGA – A ALMA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Brasil, 2004. De Hank Levine, Marcelo Ramalho, Tocha Alves. 79 min. Documentário

Produzido por Fernando Meirelles, este doc explora a famosa ginga brasileira, que explica o admirado e bem pago talento de muitos jogadores brasileiros. Além de conversar com pessoas de diferentes regiões e classes sociais a respeito de sua paixão e habilidade no futebol, os diretores exploram como a ginga, além do jogo físico, representa também o jeitinho brasileiro, que atinge a meta muitas vezes pela tangente.

TEAM SPIRIT

Bélgica, 2000. De Jan Verheyen. Com Tom van Landuyt, Michael Pas, Axel Daeseleire. 105 min. Drama

Neste longa inédito no Brasil, acompanha-se um grupo de amigos e casais que há dez anos joga partidas de futebol entre si e que agora inicia os preparativos para celebrar o jogo de número 500. Versão de um sucesso holandês de 1997, chamado *All Stars*, o filme fez tamanho sucesso na Bélgica a ponto de gerar uma continuação em 2003 e uma série de TV.

O MUNDO AOS SEUS PÉS

Once in a Lifetime, EUA/Inglaterra, 2006. De Paul Crowder, John Dower. 97 min. Documentário

PELÉ ETERNO

Brasil, 2004. De Aníbal Massaini Neto. 120 min. Documentário

Este documentário oficial exibe mais de 500 dos mais de mil gols que Pelé fez, além de suas principais jogadas e os fatos marcantes de sua vida e carreira. O ser humano é reconstituído pelo depoimento de ex-jogadores, amigos e celebridades, alguns deles em material de arquivo, com nomes como Rivelino, Tostão, Zagalo, Carlos Alberto Torres e Henry Kissinger, entre outros. O documentário do veterano produtor Aníbal Massaini Neto se deu ao luxo inclusive de reconstituir digitalmente, com resultado ímpar, aquele que é considerado o gol mais bonito da carreira de Pelé, contra o Juventus, em 1959, e do qual não há qualquer registro, apenas testemunhas oculares. O doc é narrado pelo ator Fúlvio Stefanini, com roteiro do cineasta e fanático por futebol José Roberto Torero, textos técnicos do comentarista esportivo Armando Nogueira e supervisão estrutural do cineasta Antonio Carlos da Fontoura (de *Uma Aventura do Zico*). O filme foi sucesso de vendas em DVD e é o mais completo retrato de nosso maior jogador, um dos ícones pop do Brasil e aquele que mais marcou presença em diferentes tipos de filme. É só reparar nesta seleção de SET, que tem outros cinco títulos com e/ou sobre ele.

Esta é a história da ascensão e queda do mitológico time de futebol New York Cosmos, que conquistou os EUA nos anos 1970, teve visibilidade acentuada diante da violência e caos urbano que dominavam a Grande Maçã na época e foi o time responsável por levar Pelé ao futebol norte-americano. O doc conta apenas com cenas de arquivo do ídolo brasileiro, pois este se recusou a participar do filme depois que a produção se negou a pagar 100 mil dólares por seu depoimento.

PRA FRENTE BRASIL

Brasil, 1982. De Roberto Farias. Com Reginaldo Faria, Antônio Fagundes, Claudio Marzo. 110 min. Drama

Filme sintomático do período das Diretas Já, este ambicioso drama de Roberto Farias mostra a bipolaridade vivida pelo Brasil em 1970: de um lado, a euforia do povo com o milagre econômico e as vitórias na Copa do Mundo do México; de outro, a rotina de seqüestros e torturas na ditadura militar. O futebol foi usado como ópio do povo para desviar as atenções. No meio do fogo cruzado, quem acaba preso e "desaparece" é o inocente Jofre (Reginaldo Faria), nesta obra de emocional intenso.

ISTO É PELÉ

Brasil, 1974. De Eduardo Escorel e Luiz Carlos Barreto. 75 min. Documentário

É curioso comparar este doc clássico com o bem posterior *Pelé Eterno*. Aqui, comemoram-se "apenas" dezessete anos de futebol na vida de Edson Arantes do Nascimento, com ênfase nas Copas de 1958 e 1970 e em seus cem gols mais bonitos. Alguns textos inseridos no roteiro do co-diretor Escorel são do renomado escritor Paulo Mendes Campos, e o material de arquivo parte do acervo do antológico Canal 100 e da TV Globo. Fez nos cinemas impressionantes (para padrões atuais) 740 mil espectadores.

ZICO

Brasil, 2002. De Elizeu Ewald. Com Cláudio Fontana, Guilherme Leme, Antonio Pedro. 84 min. Docudrama

Misto de documentário e ficção, absolutamente ninguém soube de, ninguém viu este filme, que à época teve público pagante de... mil pessoas. Acompanha-se toda a trajetória do Zico (Cláudio Fontana), até encerrar sua carreira no Japão, onde é endeusado até hoje. Com personagem tão rico, é surpreendente verificar que o filme não repercutiu nem para ser malhado! Com narração do ator Márcio Garcia, é um raro fracasso absoluto de bilheteria do produtor Diler Trindade.

GARRINCHA – ALEGRIA DO POVO

Brasil, 1962. De Joaquim Pedro de Andrade. 61 min. Documentário

Em preto-e-branco, este é o registro que merece ser conhecido a respeito do grande Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha, mal representado na ficção de 2003. Considerando-se o fato de que o doc foi realizado ainda no auge da imagem do jogador das pernas tortas, que viria a morrer pobre e esquecido em 1983, a obra assume um tom melancólico que acentua a sensação de nostalgia em relação a toda uma época otimista da história brasileira. O filme tem roteiro coletivo, com Joaquim Pedro de Andrade (*Macunaíma*), o produtor Luiz Carlos Barreto, o jornalista esportivo Armando Nogueira, o fantástico diretor de fotografia Mário Carneiro e o então futuro cineasta David Neves.

FUTEBOL

Brasil, 1998. De Arthur Fontes e João Moreira Salles. 264 min. Documentário

Finalista do prêmio Emmy 1998 como documentário de língua estrangeira e prêmio especial do júri no É Tudo Verdade 1999, este programa, feito originalmente para TV, em três partes, mostra a vida de jogadores em diferentes estágios de carreira: "O Início" trata das expectativas de adolescentes que querem passar pela peneira dos clubes; "O Jogador" registra durante um ano a vida de dois jogadores que se tornam ídolos do Flamengo; e "Caju" acompanha uma semana na vida do ex-craque Paulo César Caju. Arthur Fontes se deteve em outro esporte em *Surf Adventures – O Filme* (2002) e João Moreira Salles se tornou um dos principais documentaristas do país.

DIVULGAÇÃO

RODRIGO SANTORO

O astro brasileiro fala sobre jazz, cinema brasileiro, leis de incentivo e de porque sua melhor cena foi cortada ao atuar ao lado de Jim Carrey no filme *O Golpista do Ano*

POR ROBERTO SADOVSKI

Rodrigo Santoro está tendo um caso com Jim Carrey. Ou melhor, teve um caso, cinematográfico, gravado pelos diretores Glenn Ficarra e John Requa para a dramédia *O Golpista do Ano* – tradução curiosa de *I Love You, Phillip Morris*, que até o fechamento desta edição continuava sem data de estréia nos Estados Unidos. O filme, porém, se concentra nas tentativas do personagem de Carrey, Steven Russell, ficar ao lado do homem que ele realmente ama, interpretado por Ewan McGregor. "Rodrigo é o primeiro namorado de Russell quando ele assume que é gay", conta Ficarra, que ao lado do parceiro escreveu uma das comédias mais subversivas da história, a excelente *Papai Noel às Avessas*. "A gente sabia que em algum momento da trama ele seria retirado de cena." O que eles não contavam, claro, era que a proverbial cena ficaria no chão da sala de montagem. "Acontece algo com o personagem de Rodrigo e ele tem um diálogo com Jim", continua Requa. "A cena ficou poderosa, muito forte... tão forte que tivemos medo que o sentimento entre os dois suplantasse o de Jim por Ewan em cena. O que mataria o filme. Então tivemos de cortar – eu acho que é a primeira vez que uma cena sai do filme porque a performance do ator é muito boa."

É assim que Rodrigo Santoro conquistou seu espaço primeiro no Brasil, depois em uma fulgurante carreira internacional, que já o colocou em produções bacanas como *Simplesmente Amor*, *300* e *Cinturão Vermelho*, além do épico *Che* e da série *Lost*. Ainda assim, Santoro equilibra bem sua ponte aérea Brasil/Estados Unidos. Ele esteve nas areias de Copacabana ao lado de Alinne Moraes gravando o drama *Heleno*, que conta a vida do craque do Botafogo dos anos 1940, Heleno de Freitas – um dos primeiros atletas a ser reconhecido também por sua beleza física além da habilidade com a bola nos pés. E trabalhou nos bastidores, na captação de recursos para o longa dirigido por José Henrique Fonseca (*O Homem do Ano*), experimentando os dois lados da moeda do que é fazer cinema no Brasil. Sobre tudo isso, Rodrigo Santoro conversou com SET num papo descontraído e que – palavra do ator – precisa ter uma continuação! Que, claro, você também vai acompanhar por aqui.

"Pode ser uma comédia na superfície, mas eu vi o drama nos personagens. (...) É a história extraordinária de um homem e o modo como ele conduziu sua vida.

O Golpista do Ano foi filmado há um tempo, está em cartaz no Brasil, mas ainda não estreou nos Estados Unidos. Como o filme chegou a você?
Bom, eu recebi o roteiro e o livro, o filme é baseado num livro, achei super interessante, legal pra caramba. E também foi uma chance de trabalhar com os dois, o Ewan McGregor e o Jim Carrey. Mas a história é impressionante, pode ser uma comédia na superfície, mas eu vi o drama dos personagens. O engraçado é que eu não fiz exatamente um teste pra esse filme, eu mandei material do *Carandiru*, do *Abril* (Despedaçado) e do *Bicho* (de Sete Cabeças). E aí os diretores me disseram que o que mais chamou a atenção foi a combinação dos personagens do *Abril* e do *Carandiru*. Porque no *Carandiru* tinha o feminino, que era o que eles buscavam para o personagem, e no *Abril* eles viram uma vulnerabilidade que acharam interessante.

Os diretores, Glenn Ficarra e John Requa, falaram que sua melhor cena ficou fora do filme...
Eles explicaram?

Sim. Que ela tirava um pouco a atenção do...
... do romance de Jim com Ewan. É verdade, eles inclusive me ligaram pra dar a notícia dizendo que era um elogio. Não deixa de ser, mas a cena não está lá... *(risos)* Mas era uma sequência forte, onde meu personagem fala do que ele está vivendo, uma cena pesada... E não é uma cena de sexo, nada disso – é um telefonema!

A percepção de boa parte do público é de que _O Golpista do Ano_ é "a comédia gay de Jim Carrey"...
Pois é, não tem nada disso, é a história extraordinária de um homem e o modo como ele conduziu sua vida.

E vocês filmaram no calor, ele surge em cada cena...
Escaldante! Rodamos em Miami e New Orleans. Em Miami foi uma semana, tudo muito rápido, muita gente, muita coisa. Mas New Orleans foi uma delícia, nossa! Foram dias regados a jazz, o que é aquele lugar! A gente filmava, todo mundo tranqüilo, e aí de noite escutava um jazz.

Como está sua carreira agora? Existe uma divisão de trabalhos aqui no Brasil

e fora ou você está focado em trabalhos internacionais?
Cara, o foco é em projeto a projeto. Eu realmente não divido entre aqui e lá, eu divido assim: às vezes eu viajo, passo um tempo lá, uma coisa de cada vez. Em 2008 eu fiquei mais lá, ano passado fiquei bem mais aqui, fiz um filme na Argentina, em espanhol e inglês, o nome é *There Be Dragons*... sabe quem é o Roland Joffé?

Sim, claro, *A Missão*!
E *Os Gritos do Silêncio*, é um filme dele. É um filme fortíssimo. A gente filmou na Argentina porque é mais barato, mas é como se fosse a Espanha, se passa na época da Guerra Civil Espanhola, e é sobre o fundador da Opus Dei – não sobre a organização, sobre o cara, jovenzinho... E o que as pessoas estavam vivendo então. Eu faço um anarquista, um revolucionário anarquista. O papel é maravilhoso... As melhores coisas que o Roland fez, *A Missão*, *Gritos do Silêncio*, foi tudo nos anos 80. Ele parou de filmar, depois fez algumas coisas por encomenda, pelo menos a ideia que eu tive foi essa. Mas esse filme ele escreveu. É um roteiro forte, complicado, com flashbacks e épocas distintas.

Você sente alguma responsabilidade em relação a fazer filmes no Brasil, por sua carreira e pelo sucesso que você conquistou?
A minha responsabilidade é tentar fazer bons trabalhos. A minha base está aqui, mesmo eu tendo trabalhado fora. Eu comecei aqui, continuo trabalhando aqui e eu tenho quatro projetos em cinema, que eu ainda não posso listar, mas que vou fazer aqui. Não filmes ambientados aqui, mas filmes brasileiros, diretores, roteiros, histórias. O que eu já posso falar é o *Heleno* (sobre o jogador de futebol Heleno de Freitas, em que o ator é dirigido por José Henrique Fonseca e cujas filmagens devem terminar após a Copa do Mundo), que é o que estou fazendo em 2010.

É mais fácil um filme sair do papel no Brasil com seu nome atrelado a ele?
Olha, a verba do *Heleno* demorou, mas finalmente saiu... *(risos)* Foi a primeira vez que eu fiz isso, queria muito fazer o filme e achei que podia ajudar a arrumar essa grana. Foi o trabalho mais difícil que eu já fiz na vida – eu tiro o chapéu, ajoelho e rezo uma missa para os captadores de recursos para a cultura no Brasil. Era muito tapinha nas costas, muito "que bacana, interessantíssimo", mas na hora do vamos ver, todo mundo corre. *(risos)* Era aquela coisa, "a política cultural neste momento...", e um abraço.

Isso tudo em cima de leis de incentivo...
De tudo das leis, tudo certinho. Mas é muito difícil, e tudo bem, eu entendo. Pensa bem, é aquela coisa da arte e do comercial. Precisamos sempre equilibrar, mas ao mesmo tempo a gente está sempre interessado em histórias mais simples, mais humanas, e essas histórias nem sempre estão comprometidas com "o comercial", e ele tem de ser uma fórmula... Por sinal, é uma pergunta que eu lanço para você e para o leitor, neste momento: qual é a fórmula do sucesso de bilheteria de um filme? *(risos)*

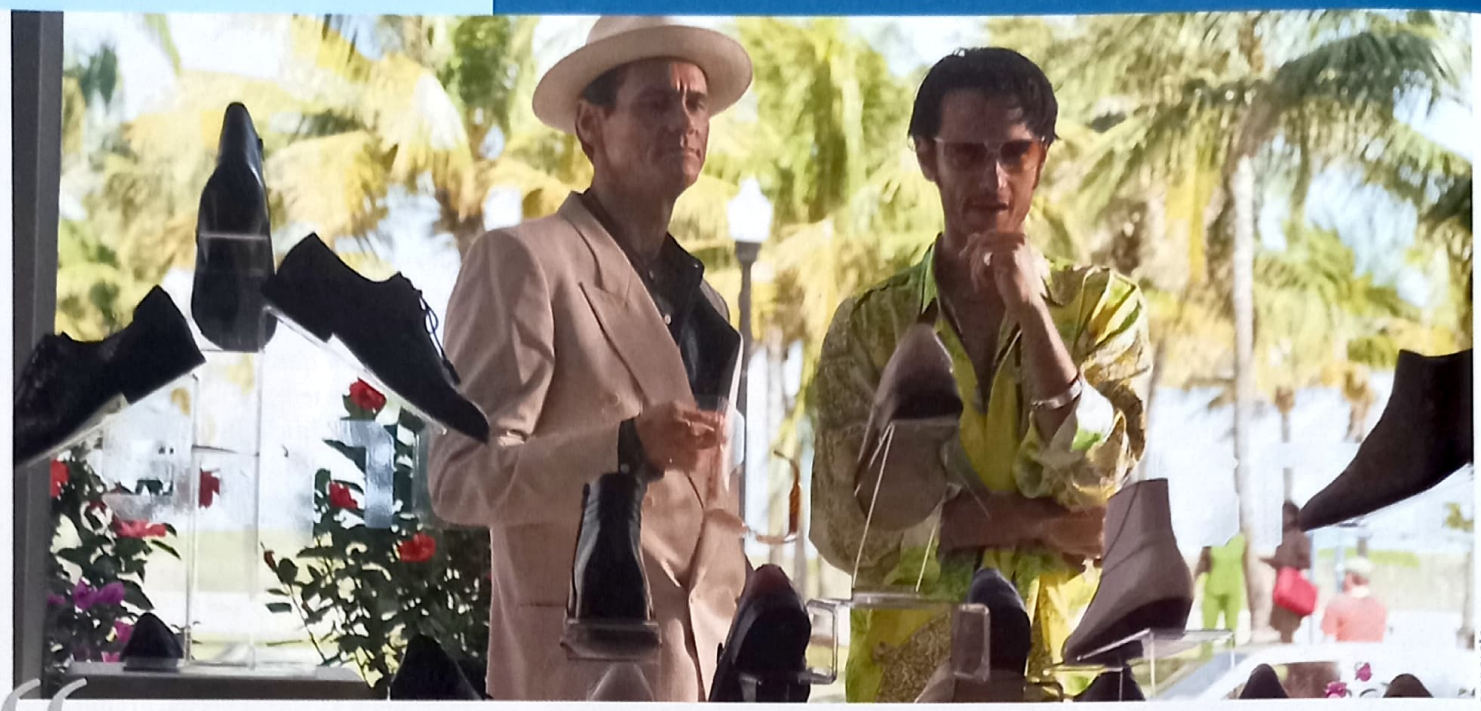
É impossível dizer.
Pois é, eu quero saber essa fórmula.

Olha, eu converso até com mais pessoas de cinema fora do Brasil, e ainda surgem filmes como *Atividade Paranormal*, filmado com 11 mil dólares e ninguém conhecido no elenco, que arrebentam.
Não dá pra entender. Tem os gêneros, né? O horror que faz sua história, a comédia que tem seu lugar garantido, mas é muito difícil. Independe de qualidade de roteiro, de quem é o diretor. Não importa nem se é o ator tal que pode ou não abrir um filme...

Talvez seja por isso que os cinemas estejam cheios de remakes, adaptações de livros e quadrinhos, continuações... É mais seguro investir em um produto que já exista, que seja reconhecível.
Exatamente, e um executivo de estúdio pode ter argumentos pra justificar um sucesso ou um fracasso. Tudo é dinheiro. Acho que foi na biografia do Orson Welles que li, "A gente passa a vida tentando convencer as pessoas do nosso sonho". Eu não sei o que eu vou fazer, posso falar sobre o que eu tenho intenção de fazer. E essa coisa de conseguir dinheiro, isso não é só no Brasil. Pode ser para uma exposição de arte, uma ONG, o que quer que seja. O business ele dialoga, mas é preciso

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Jimmy Kemple (Rodrigo Santoro) aceita agrados e luxos do namorado Steven Russell (Jim Carrey)



DIVULGAÇÃO

> "Temos histórias originais, mas uma grande fatia é baseada em nossa literatura. O que falta? Falta escrever pra cinema, é uma narrativa que a gente não domina.

descobrir qual é o dialeto com a arte... Deve ser raríssimo, eu não sei falar... *(risos)*

Até o James Cameron disse que, mesmo com o filme de maior bilheteria da história no currículo, que foi o *Titanic*, conseguir filmar *Avatar* foi dificílimo, já que era uma trama inédita, sem estar atrelada a nenhum outro produto.
Exatamente. E ele gastou milhões, e é uma aposta. Eu imaginava até que *Avatar* não ia se pagar, que era muito difícil.

Como você vê o cinema brasileiro hoje? Existe uma diversidade maior de temas, estamos ficando mais monotemáticos...
Bom, estivemos, mas acho que por necessidade. Inclusive essa discussão toda, o cinema falando da violência – é óbvio que tinha de ter isso! Quais são as coisas que gritam na nossa cara, todo dia? É a violência, e claro que a gente termina fazendo cinema sobre isso. Mas não tem como em um país gigante como o nosso, que de Norte a Sul a cultura muda pra caramba, não surgir essa diversidade. Até por nossos escritores, Guimarães Rosa, Machado de Assis... nosso texto é rico, e o cinema deixou isso de lado por muito tempo. Mas agora está se voltando a eles – além de autores contemporâneos. Na verdade, temos histórias originais, mas uma grande fatia é abertamente baseada em nossa literatura. Matéria prima de qualidade não falta. O que falta? A gente faz a melhor televisão do mundo, isso é fato. Mas nosso cinema nunca foi tão forte quanto a televisão, quanto o futebol, o que quer que seja. Falta essa estrutura, escrever pra cinema, é uma narrativa que a gente não domina, porque nunca tivemos treino. Os talentos estão cada vez mais se aprofundando, os novos escritores estão aí, falta o cinema agarrar esses caras.

Você não acha que existe o risco, até por um fator econômico, de esse talento ir justamente para a televisão?
Mas é saudável também molhar os pés na televisão. Pensa bem, nos Estados Unidos os grandes atores estão indo para a TV, a HBO, Showtime. Antes ninguém queria saber de TV, era só cinema. Hoje em dia, parece que todos estão buscando as grandes histórias e os grandes filmes, e esse material eles estão encontrando na TV. O importante é isso, estar em desenvolvimento. O rumo que isso vai tomar depende de uma série de fatores – até a solidez do mercado de cinema no Brasil. A gente sabe que ainda é instável, mas as coisas estão acontecendo, se desenvolvendo.

Você vê muitos filmes?
Cara, eu adoraria, mas não dá muito tempo. Eu vejo muita coisa relacionada ao que eu vou fazer. Gosto de pegar umas referências que às vezes não tem nada a ver, mas é bom pra começar a compor o personagem em minha cabeça.

Foi assim em *300*?
Ah, esse mergulho foi em um universo que eu não conhecia, que é o das histórias em quadrinhos, as graphic novels. E fiquei impressionado, achei a arte impressionante, cinematográfica, já parecia um storyboard. E mais, por ser uma história em quadrinhos e por estar sendo planejado daquela forma, o fundo azul, cenários digitais, eu mergulhei com mais curiosidade. Ainda assim, apesar da licença poética, eu trabalhei com a mitologia, com o mito, com a entidade. Eu não fiz o Xerxes como um ser humano, e sim como uma entidade. O deus que se achava deus. Foi uma viagem filosófica entre mitos e arquétipos – e vendo a figura desenhada por Frank Miller, foi uma viagem diferente. Um outro mundo, que é o grande barato de trabalhar com cinema. ■

Antônio de Assis/ foto de divulgação

Foto de divulgação/ arquivo pessoal Murilo de Marchi

Murilo de Marchi - Em cena no comercial do Ketchup Heinz- Los Angeles -USA -www.murilodemarchi.com

NOVA FÁBRICA DE TALENTOS

"Não é preciso ser protagonista da novela das 20 horas para entrar no mercado em escala comercial"

Antônio de Assis próximo de completar 14 anos de carreira tiulado de Caça talentos por um grande jornal do país, apresenta ao mercado novo formato de gerenciar e lançar atores.

QUEM É A NOVA FÁBRICA ...

Aos 10 anos estudava fotografia e trabalhava como fotógrafo em festas, books diversos. Aos 12 foi estudar Teatro de Rua Aos 13 protagonista de uma peça dirigida pelo diretor Daniel Marques (Uni Rio). Aos 14 estudou televisão com Stepan Necer ssian, Leandro Neri entre outros... Aos 15 já produzia elenco de apoio, -figuaração para novelas da Tv Globo. Na mesma época abriu sua primeira empresa no ramo de publici dade, trabalhando com diversos veículos de comunicação. Aos 16 sua oficina foi patrocinada pelo O Boticário e Fiat. Aos 17 anos dirigia comerciais para televisão. Aos 18 anos trabalhou na escalação de atores conhecidos para trabalhos em teatro,tv,publicidade e tv. Aos 19 anos trabalhou direito em negociações com canais a cabo de projetos independentes de séries e programas. Aos 20 tinha seus proje tos expostos nos principais canais a cabo do país. Sócio de uma distribuidora de cinema e próximo de completar 24 anos termina de escrever seu 1°longa metragem.

Em seu método Antônio, compreende que atores são produtos e marcas . "A imagem dos atores representam ao mercado potencial e lucro" - Explica Antônio. Que em linguagem publicitária o método é bem conhecido como "Brand Equity". Valor agregado resulta da transformação de um produto em marca. Antônio desenvolve o Brand Equity em atores e o processo começa no trabalho intenso de interpretação ativando as necessidades funcionais do trabalho do ator. Uma mega estrutura é montada para apresentar de forma real um dia de gravação. Os atores são levados direto à realidade de um set, onde aprendem a interpretar, lidar com cenas complicadas, No fim um resultado comprovado. _ Bastam dez horas ao lado do produtor para atores perceberem a diferença. Rodrigo, Barbara, Pedro e An dré são frutos de um resultado promissor. *(foto na lateral no processo de estudo com o produtor Antônio). Não é preciso ser protagonista da novela das 20h para entrar no mercado"* Garante o agente e mul timídia Antônio de Assis. *-Muitos atores estão preocupados em tirar DRT,fazer cadastro nas principais emissoras, pedir vagas de trabalho em Orkut, twitter, costumam pagar for tunas pa ra estudar em escolas que famosos já passaram ou cursos livres com diretores de TV... Muito desses atores não dão a importância nem investe num gestor de carre ira.Na linguagem artística um " agente /empresário" Ele vai ser responsável em gerar potencial e vi sibilidade para sua carteira de cast. _encerra Antônio.* O novo formato vem atraindo atores de norte à sul do país que comprovam o resultado.

PROMISSORES

novos talentos promissores são apresentados ao mercado.

Nova safra de atores exclusivos do produtor Antônio de Assis são apresentados ao mercado com valores agregados. Basta acessar;

www.andreansato.com
www.barbaracandido.com
www.murilodemarchi.com
www.pedrolodi.com
www.rodrigozingano.com

Há menos de duas semanas de contrato de exclusividade os novos agenciados com Brand Equity do produtor Antônio de Assis. São alvos de procura; O ator Rodrigo Zingano foi chamado para teste da nova campanha da operadora Vivo. André Ansato deu uma de DJ na nova minissérie da Globo " Na forma da Lei" e atriz Bárbara Candido não para de receber mensagens de fãs.

Bárbara Candido
RIO DE JANEIRO / ATRIZ E CANTORA AOS 16 ANOS BÁRBARA JÁ POSSUÍ REGISTRO DE CANTORA.

André Ansato
RIO GRANDE DO SUL / ATOR ACUMULA MAIS DE DEZ PEÇAS NO CURRÍCULO VEM GANHANDO DESTAQUE EM PAR TICIPAÇÕES NA TV

Rodrigo Zingano
RIO GRANDE DO SUL/ ATOR EXPOSTO EM VÁRIOS LONGAS METRAGENS E PROTAGONISTA DO COMERCIAL DA ESPM/RS.

Pedro Lodi
ESPIRITO SANTO/ ATOR COM RAÍZES DO TEATRO DE RUA.

Murilo de Marchi
SÃO PAULO/ ATOR COM EXPERIÊNCIA EM PRODUÇÕES DE LOS ANGELES.

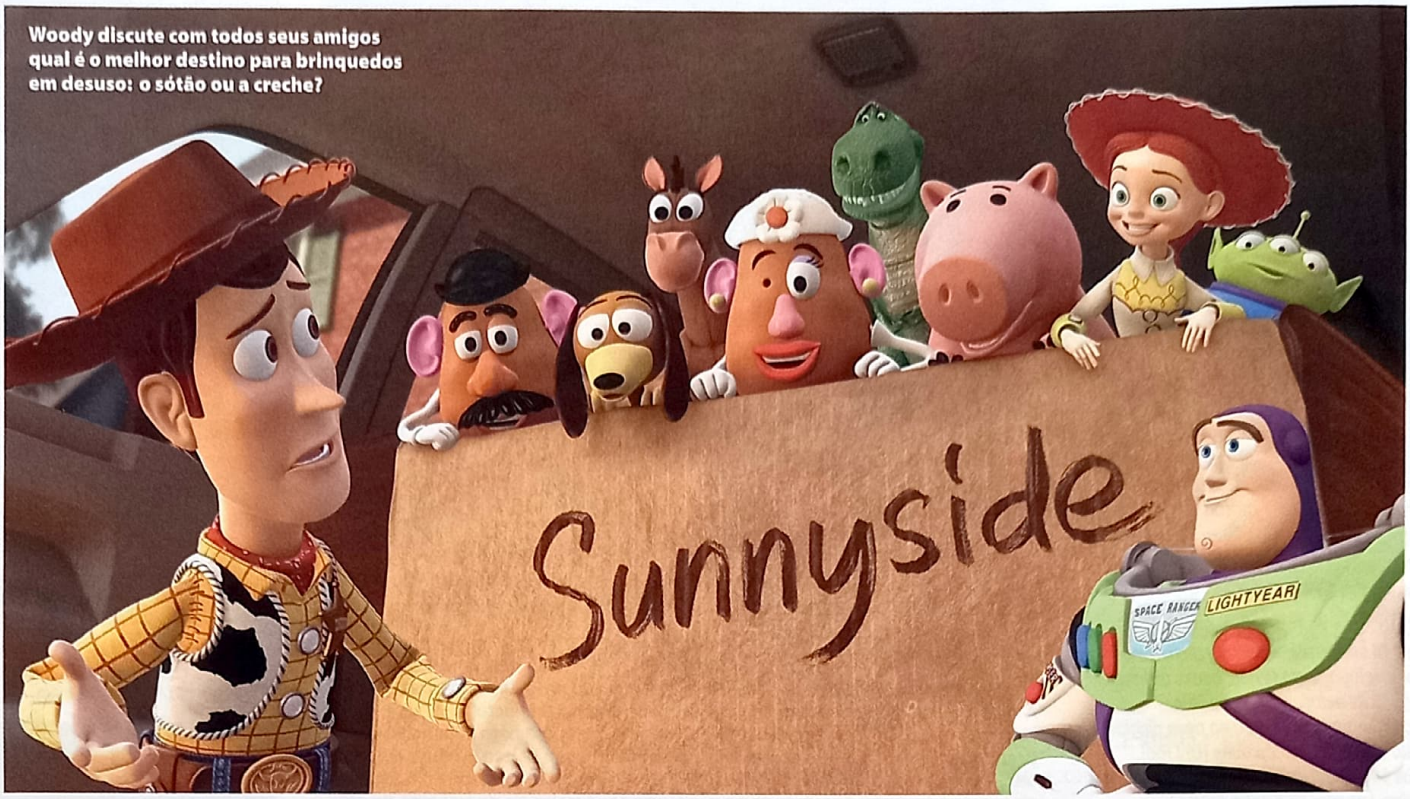
+ INFO

sobre o produtor
agenciamento
oficina

www.antonioassis.com
twitter; @antoniodeassis

CINEMA

★★★★★ excelente ★★★★ ótimo ★★★ bom ★★ regular ★ ruim



Woody discute com todos seus amigos qual é o melhor destino para brinquedos em desuso: o sótão ou a creche?

FOTOS DIVULGAÇÃO

Toy Story 3

A primeira franquia da Pixar chega a uma conclusão tão divertida quanto emocionante

★★★★ *EUA, 2010.* **De** Lee Unkrich. **Com** as vozes de Tom Hanks, Tim Allen, Joan Cusack, Ned Beatty, Don Rickles, Estelle Harris, Wallace Shawn, Michael Keaton. 103 min. http://disney.go.com/toystory/ . Disney/Pixar. **Animação**

Onze anos depois de ter conquistado o mundo com sua impecável segunda parte, a franquia *Toy Story*, iniciada em 1995, chega a uma conclusão digna e emocionante. Afinal de contas, os muitos brinquedos do garoto Andy, entre eles os notórios Woody (Tom Hanks) e Buzz Lightyear (Tim Allen), estão há muito abandonados num baú em seu quarto – e ele agora vai para a faculdade. Qual será o destino dos toys? A partir desta premissa, a nova história enfatiza com força ainda maior a importância da amizade e da fidelidade entre amigos, e como a união sempre faz a força. Nossos simpáticos personagens, como o casal Cabeça de Batata (Don Rickles e Estelle Harris) e o irresistível dinossauro Rex (Wallace Shawn), por exemplo, passam por inúmeras aventuras, entre elas uma conturbada passagem pela creche Sunnyside, onde de um lado enfrentarão a balbúrdia destruidora de crianças pequenas e hiperativas e de outro o poder local de Lotso, um encantador urso de pelúcia com cheiro de morango, muito bem dublado no original pelo veterano Ned Beatty. É um tipo novo importante na trama, responsável por conduzir nossos heróis a um clímax cheio de adrenalina, digno do melhor blockbuster de ação. Em especial nestas cenas a impressionante qualidade da computação gráfica e da formatação em 3D rendem o espectador, que, desarmado, se diverte horrores.

Muitas das boas piadas do roteirio foram entregues a outro casal estreante na trama, os bonecos Barbie (Jodi Benson) e Ken (o ex-Batman Michael Keaton). Brinca-se sem parar com a suposta metrossexualidade de Ken, um boneco vaidoso e muito preocupado com seu visual e figurino. Eles injetam certa contemporaneidade à franquia mais familiar da Pixar. A trilha sonora foi novamente entregue a Randy Newman, autor de composições muzak e simpáticas e que aqui chega a desenterrar do ostracismo o grupo Gipsy Kings, que fez sucesso na virada dos anos 1980/90! A banda aparece num momento em que Buzz dá uma de Antonio Banderas (ou seria Gato de Botas, de *Shrek*?), um inesperado amante latino – é ver para crer!

Quem assume a direção neste fecho da trilogia é Lee Unkrich, que foi montador dos dois filmes anteriores e co-diretor do segundo. Isto explica como o filme, onde muita coisa acontece simultaneamente, não perde o ritmo, nem o fio da meada, descendo redondo. Sem falar no final, uma conclusão perfeita e de arrancar lágrimas, que faz um elogio irresistível ao puro prazer de brincar e de ser feliz. CHRISTIAN PETERMANN

Esquadrão Classe A

★★★ **The A-Team**, *EUA, 2010.* **De** Joe Carnahan. **Com** Liam Neeson, Bradley Cooper, Jessica Biel, Quinton "Rampage" Jackson, Sharlto Copley, Patrick Wilson. 117 min. www.ateam-movie.com. Fox. **Ação**

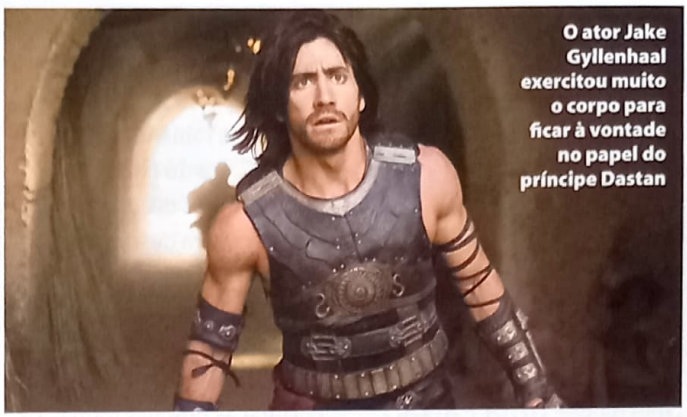
Depois de anos no forno, *Esquadrão Classe A* chega aos cinemas com uma idéia esperta – apesar de bem batida: recontar as aventuras de Hannibal, Cara de Pau, BA e Murdock do começo, ao estilo *Batman Begins*. Joe Carnahan até que se dá bem na empreitada. Apesar de alguns absurdos disparados ao longo de duas horinhas de filme (Hannibal "esbarra" em BA no meio do México? Sei...), *Esquadrão* é redondinho e não machuca. O problema é que também nunca empolga, não tem aquela cena de cair o queixo ou aquela virada espetacular. É uma aventura *by the numbers* que funciona como espetáculo, respeita o material original e só corre o risco de transbordar no clímax decididamente exagerado. Mas todo pecado é perdoado pela sintonia perfeita do elenco principal – em especial Sharlto Copley (*Distrito 9*), que flutua na insanidade de Murdock, e Rampage, que tinha o trabalho mais complicado de todos (assumir o posto de um ícone como Mr. T) e se saiu muitíssimo bem. Vale uma espiada e até esperar por uma sequência. Cinema, afinal, também é pipoca. RS

Shrek Para Sempre

★★★ **Shrek Forever After**, *EUA, 2010.* **De** Mike Mitchell. **Com** as vozes originais de Mike Myeres, Cameron Diaz, Eddie Murphy, Antonio Banderas, Walt Dohrn. 93 min. www.shrekforeverafter.com. DreamWorks. **Aventura**

Mordo a língua: o quarto *Shrek* é bem melhor do que as expectativas sugeriam. E, claro, anos-luz à frente do terceiro e esquecível capítulo da saga. Mas, estranhamente, é um filme de poucas risadas. Talvez por assumir seu papel como "capítulo final", *Shrek Para Sempre* toma um rumo mais sóbrio, que pode fazer os pequenos se entediarem,

mas deixará os mais grandinhos coçando a cabeça. Emprestando uma idéia de *A Felicidade Não Se Compra*, clássico de Frank Capra, a aventura coloca o ogro como um sujeito realizado, que tem tudo o que quer – amigos, família, admiração –, mas ainda assim pensa nos velhos tempos em que era temido. Entra em cena o rancoroso Rumpelstilskin, que anos antes teve seus planos atrapalhados por Shrek e ludibria nosso herói a ceder um dia de sua vida por 24 horas de "velhos tempos". O resultado é uma realidade paralela em que Shrek nunca nasceu, Fiona é a líder de uma revolução e o reino encontra-se em frangalhos. O "verdadeiro amor" mais uma vez é a resposta para todos os problemas, um eco do Shrek original que, se não se perde, soa forçado no final. R.S.



O ator Jake Gyllenhaal exercitou muito o corpo para ficar à vontade no papel do príncipe Dastan

Príncipe da Pérsia - As Areias do Tempo

O ator Jake Gyllenhaal ganhou músculos para se tornar o herói desta adaptação de games, que funciona

★★★ **Prince of Persia – The Sands of Time**, *EUA, 2010.* **De** Mike Newell. **Com** Jake Gyllenhaal, Gemma Arterton, Ben Kingsley, Alfred Molina, Steve Toussaint. 116 min. www.disney.com/princeofpersia . Disney. **Aventura**

A essa altura, qualquer fã de cinema que se preze já entregou ao Criador a esperança de um filme que traga o apêndice "baseado no videogame tal" ser minimamente assistível. *Príncipe da Pérsia*, que leva às telas o jogo criado em 1989 – e que já soma quatorze episódios – não quebra a "maldição", mas ao menos aponta um caminho bacana. O segredo do longa dirigido por Mike Newell (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*) é um só: não se prenda ao jogo. *As Areias do Tempo*, apesar de ter raízes em uma das encarnações mais recentes do game, traz uma história que funciona sozinha, mesmo que tente, ainda que sutilmente, integrar alguns elementos da "interatividade" propiciada pela experiência de comandar um herói com o joystick. O herói, no caso, é o príncipe Dastan (Jake Gyllenhaal, à vontade no papel), órfão adotado pelo regente da Pérsia que, anos depois, é acusado de matar seu pai e passa a fugir de seus dois irmãos. Tudo é, claro, tramado pelo tio invejoso do rei, interpretado por Ben Kingsley, que quer a coroa para si. O McGuffin de *As Areias do Tempo* é uma adaga que, ao ser preenchida com uma areia especial, permite a seu usuário voltar no tempo – o que pode ser útil até para tapear a morte, simulando as várias "vidas" que um jogador possui quando encara o desafio em seu PS3. As cenas de Dastan correndo pelos telhados e se jogando em janelas e varandas é também emprestada dos movimentos do herói no videogame. Acelerado, como se espera de uma produção assinada por Jerry Bruckheimer (*Piratas do Caribe*), *Príncipe da Pérsia* não traz um protagonista carismático como Jack Sparrow, mas compensa com uma aventura infanto-juvenil genuinamente divertida – que encontra mais de um paralelo com o recente *Fúria de Titãs:* tem criaturas digitais, efeitos especiais decentes e a deliciosa Gemma Arterton para dar algo para os marmanjos não tirarem os olhos. Com uma vantagem: ao contrário do Perseu de Sam Worthington, Dastan sabe sorrir e se divertir. ROBERTO SADOVSKI

Brilho de uma Paixão

★★★ **Bright Star**, *Inglaterra/Austrália/França, 2009.* **De** Jane Campion. **Com** Abbie Cornish, Ben Whishaw, Paul Schneider. 119 min. http://www.brightstarthemovie.co.uk/ . PlayArte. **Romance**

John Keats é o último poeta romântico inglês, e o filme *Brilho de uma Paixão*, sobre sua vida, utiliza todos os recursos desse estilo artístico para contar a história pelo ponto de vista de Fanny Brawne (Abbie Cornish), o grande amor de sua breve vida. Há grande fidelidade com a história real, mas alguns acontecimentos são manipulados em favor de uma carga romântica mais forte. A força do filme está no lirismo dos diálogos e nas atuações, com destaque para Paul Schneider apurando a antipatia de Charles Brown, o mais próximo amigo de Keats (Ben Whishaw). Por Fanny costurar as próprias roupas, os figurinos são impressionantes e abusam de cores estranhas a uma produção de época. A diretora Jane Campion (*O Piano*) mantém a mão firme para dramas históricos. E.F.

Patrik 1,5

★★★ *Suécia, 2008.* **De** Ella Lemhagen. **Com** Gustaf Skarsgard, Torkel Petersson, Thomas Ljungman, Annika Hallin, Amanda Davin. 103 min. http://patrikonepointfive.com Festival Filmes. **Drama**

A diretora Ella Lemhagen adaptou uma peça teatral de Michael Druker e realizou um simpático drama familiar dos novos tempos, inclusivo e tolerante. Um casal de homossexuais (Gustaf Skarsgard, Torkel Petersson) adota um filho, acreditando ser um bebê de 15 meses.

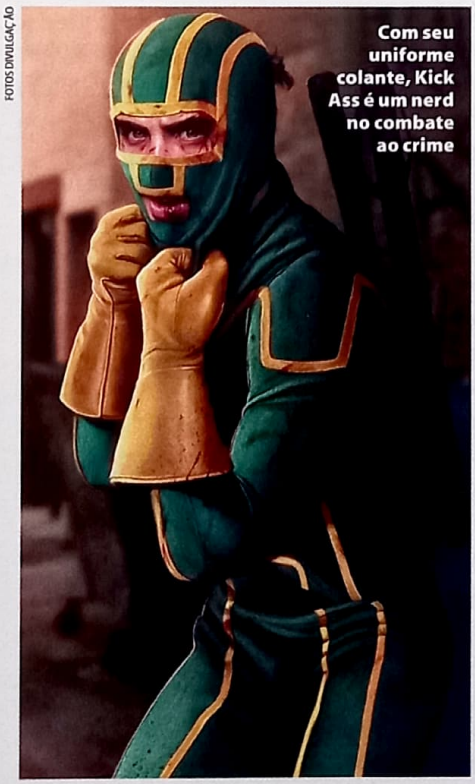
Quem bate à porta é um adolescente de 15 anos, Patrik (Thomas Ljungman), que passou por reformatório por causa de seu comportamento delinqüente e homofóbico. O choque de culturas e gerações, claro, acabará em final feliz. E o roteiro desenvolve bem personagens e situações, conquistando empatia com o espectador. Em 2009, conquistou o prêmio Rosebud de melhor filme no Verzaubert, o festival de cinema gay e lésbico de Colônia (Alemanha), e o prêmio do público no festival referente de São Francisco (EUA). O lançamento nacional tem bom timing, considerando a recente decisão do STJ (Supremo Tribunal de Justiça) de permitir a adoção de um bebê por casal homossexual. Ch.P.

Cartas para Julieta

★★★ **Letters to Juliet**, *EUA, 2010.* **De** Gary Winick. **Com** Amanda Seyfried, Christopher Egan, Vanessa Redgrave, Gael García Bernal, Franco Nero. 105 min. www.letterstojuliet.com Paris. **Romance**

Sabendo da presença de Franco Nero no elenco, fica fácil prever

FOTOS DIVULGAÇÃO



Com seu uniforme colante, Kick Ass é um nerd no combate ao crime

Kick Ass - Quebrando Tudo

★★★★ **Kick Ass**, *EUA/Inglaterra, 2010.* **De** Matthew Vaughn. **Com** Aaron Johnson, Chloë Moretz, Christopher Mintz-Plasse, Nicolas Cage, Mark Strong. 117 min. www.kickass-the-movie.com. Universal. **Ação**

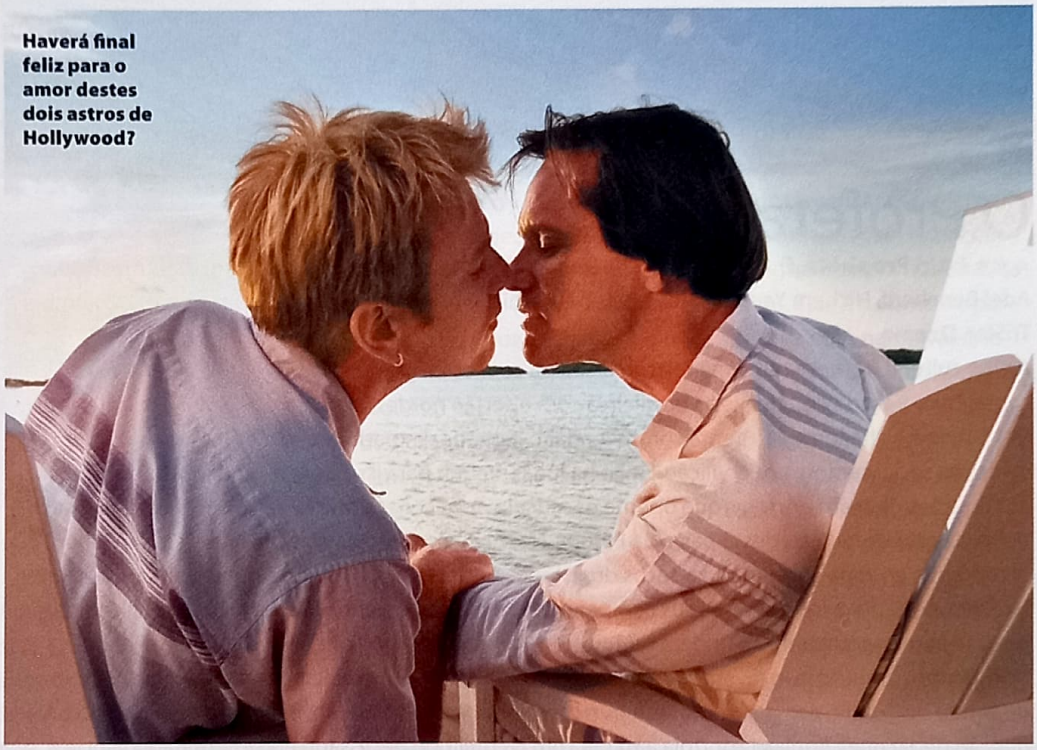
Hit Girl. Se você ainda precisava de uma desculpa para sair de casa e conferir *Kick Ass* no cinema, é este o nome: Hit Girl. A "heroína" interpretada por Chloë Moretz, que tinha 10 anos quando rodou o longa, é um daqueles personagens que fica talhado na memória depois de as luzes do cinema se acenderem. Mas para chegar a Hit Girl, é bom saber do que se trata *Kick Ass*. A adaptação da série em quadrinhos de Mark Millar (*O Procurado*) e John Romita Jr. levanta uma questão simples: e se, em plena era YouTube, de falta de privacidade digital, um moleque decidisse vestir um traje colorido e combater o crime? É o que se pergunta o übernerd Dave Lisewski (Aaron Johnson), fã de gibis, ignorado pelas mulheres e não muito são dos miolos. A resposta vem na forma de um colante verde, um nome chamativo (Kick Ass!) e uma temporada no hospital quando, em sua primeira "patrulha", ele é esfaqueado e atropelado. O diretor Matthew Vaughn (*Stardust*), por sinal, não alivia na violência que marcou a série no papel: *Kick Ass* é um banho de sangue, um aviso que grita "ser um super-herói faz mal para a saúde". Claro que o sucesso do sujeito no YouTube (ele é gravado batendo em valentões com um par de bastões) inspira seguidores, e é onde entra Hit Girl e seu "mentor" e pai, Big Daddy: ex-policial disposto a se vingar de um mafioso, Daddy (Nicolas Cage) arrasta sua filhinha a um mundo de insanidade e violência que, claro, não acaba nada bem. Pop, barulhento e divertidíssimo, *Kick Ass* traça uma rota diferente do original nos quadrinhos, mas mantém o mesmo charme cínico: afinal, o que aconteceria se alguém de fato se vestisse como super-herói para combater o crime? ROBERTO SADOVSKI

o final de Claire, interpretada por Vanessa Redgrave. A grande atriz inglesa teve uma paixão intensa pelo ator italiano quando filmava o musical *Camelot* em 1967, mas se casou com ele só em 2006. Daí não surpreender o resultado de sua busca amorosa, depois que a jovem americana Sophie (a cândida Amanda Seyfried, de *Mamma Mia*) localiza uma carta que, há 50 anos, Claire deixou nas paredes da casa de Julieta (aquela de Shakespeare) em Verona, à procura do amado. Previsível é também o epílogo da parte juvenil deste romance bem contado, que faz boas ligações entre a maturidade da dama inglesa e a insegurança de Sophie em seu noivado com um chef de cozinha (Gael García Bernal). Mesmo assim, assiste-se com prazer a este entretenimento lírico valorizado pela belíssima paisagem italiana. ALFREDO STERNHEIM

Em Teu Nome

★★★ *Brasil, 2009.* **De** Paulo Nascimento. **Com** Leonardo Machado, Fernanda Moro, Nelson Diniz, Cesar Troncoso, Silvia Buarque, Julia Feldens, Marcos Paulo. www.emteunome.com.br Espaço Filmes. **Drama**

Pouco depois da estreia de sua infeliz aventura infantil *A Casa Verde*, o cineasta gaúcho Paulo Nascimento retorna às telas com um filme muito diferente: a saga de um grupo de amigos durante os anos 1970/80, da luta armada durante a ditadura militar ao exílio em Santiago (Chile), Argel (Argélia) e Paris e, por fim, à anistia. Com roteiro próprio, o diretor se inspira em vários relatos de testemunhas e sobreviventes da época, entre eles os pais da atriz Julia Feldens, e foca sua carga emocional na história de amor entre Boni (Leonardo Machado, em boa atuação) e Cecília (Fernanda Moro). O filme equilibra bem drama humano com relato histórico, funcionando às vezes melhor do que o *O que é Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto. O ator Marcos Paulo tem participação pouco memorável como um torturador. Um pouco mais de sutileza em certas passagens faria bem ao filme, mas este é um retrato honesto de uma época conturbada. Ch.P.

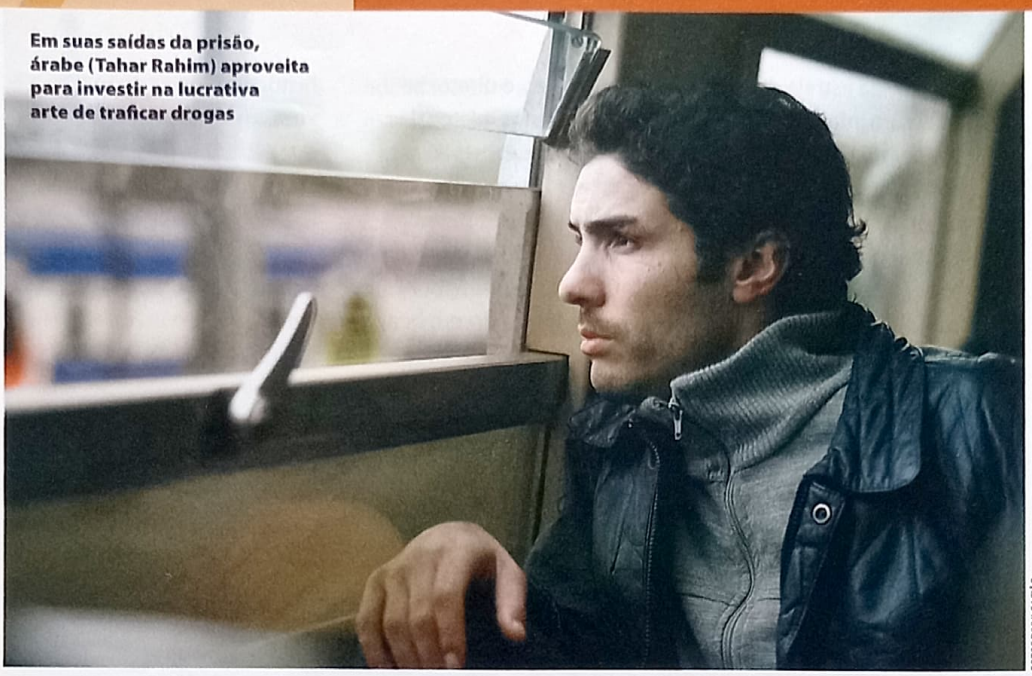


Haverá final feliz para o amor destes dois astros de Hollywood?

O Golpista do Ano

★★★ **I Love You, Phillip Morris**, *EUA/França, 2009.* **De** Glenn Ficarra e John Requa. **Com** Jim Carrey, Ewan McGregor, Rodrigo Santoro, Leslie Mann. 102 min. Imagem. **Comédia**

Esta "dramédia" (comédia com boas doses de drama) está pronta desde o primeiro semestre de 2009 e por duas vezes foi ameaçada de apodrecer na gaveta ou ir direto pra DVD/Blu-Ray, mesmo estrelada pelo popular Jim Carrey. O Brasil, assim como boa parte do mundo, assiste ao filme antes dos EUA, onde o filme parece finalmente ter data de estreia marcada para 30 de julho. Explica-se: inspirado num caso real, este é mais um projeto corajoso e até ousado de Carrey. Suas caras e bocas agora estão a serviço de Steven Russell, católico fervoroso e dedicado pai de família que, depois de um grave acidente de carro, decide assumir que é homossexual. Abandona a família, desbunda e começa a levar uma vida de luxo ao lado de seu primeiro namorado, Jimmy (Rodrigo Santoro). Passa a dar golpes (daí o canhestro título nacional) para sustentar seus caros caprichos e acaba preso. Na prisão, conhece o amor de sua vida, o Phillip Morris do título (Ewan McGregor, em uma de suas melhores atuações). O ator que já foi Máskara, Ace Ventura, Truman e até o Todo Poderoso beija com tranquilidade seus coadjuvantes e está muito à vontade, assim como seus coadjuvantes, num filme de assumida levada gay. O filme é ok, sem maiores arroubos, mas vale principalmente para se ver três atores que escolhem bons personagens acima de qualquer coisa. CHRISTIAN PETERMANN



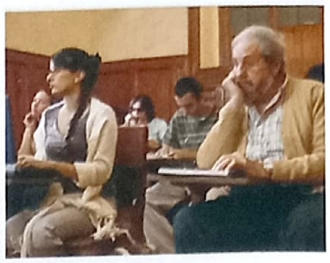
Em suas saídas da prisão, árabe (Tahar Rahim) aproveita para investir na lucrativa arte de traficar drogas

FOTOS DIVULGAÇÃO

O Profeta

★★★★ **Un Prophète**, *França/Itália, 2009.* **De** Jacques Audiard. **Com** Tahar Rahim, Niels Arestrup, Adel Bencherif, Hichem Yacoubi, Redá Kateb. 155 min. www.sonyclassics.com/aprophet/ . Columbia TriStar. **Drama**

A elite cultural francesa tem uma relação de culpa com os imigrantes árabes que se assemelha à consciência pesada dos cineastas brasileiros com o sertão nordestino e as favelas. *O Profeta* subverte um pouco a velha fórmula e tenta compreender o lugar dos moradores ilegais num país que é um caldeirão social sempre em ebulição. E não há lugar melhor para isso do que um presídio dominado por figurões da máfia córsega, que oprime os muçulmanos com punho de ferro em atitude racista típica de grupos radicais dessa parte da Europa. No meio disso tudo, surge um árabe (Tahar Rahim) que compra sua entrada entre os puxa-sacos dos gordos poderosos com muito sangue, tornando-se um lacaio importante e indo contra seus companheiros de fé. Testemunhar a ascensão de Malik na prisão é quase como acompanhar a origem de Tony Montana ou de Don Corleone com sotaque francês. Inteligente e ambicioso, o jovem sabe quando baixar a cabeça e como começar o negócio próprio de venda de drogas, nos momentos em que consegue passes para aproveitar o dia em liberdade. A direção de Jacques Audiard controla a trama com o equilíbrio necessário entre choque, violência e risadas nervosas. Um dos grandes filmes de máfia realizado nesta década. RODRIGO SALEM



O Estudante

★★★ **El Estudiante**, *México, 2009.* **De** Roberto Girault. **Com** Jorge Lavat, Norma Lazareno, Pablo Cruz Guerrero, Jorge Luis Moreno. 95 min. www.elestudiantelapelicula.com California. **Drama**

O drama mexicano costuma ser por muitos espectadores associado à cafonice das telenovelas locais. O filme *O Estudante*, no entanto, foge da regra já de partida, usando Dom Quixote de la Mancha como referência e citando belas passagens desse clássico da literatura mundial em suas falas. A história contada é a de Chano, um senhor de 70 anos que decide voltar para a universidade, mesmo com quase todos contrários à sua escolha. O filme é positivamente ingênuo e aposta em um competente trabalho de som e trilha musical para atingir a emotividade, o que pode acabar em lágrimas. E.F.

O Abraço Corporativo

★★★★ *Brasil, 2009.* **De** Ricardo Kauffman. **Com** Leonardo Camillo. 75 min. abracocorporativo.com.br/blog/. Distribuição independente. **Documentário**

A profissão do jornalista está associada com rapidez de raciocínio e agilidade na redação de matérias. Essas características foram amplificadas de tal forma com o advento da internet que chegam a comprometer a veracidade das informações publicadas. Com base nesse fato, o documentário *O Abraço Corporativo* inventou um personagem fictício para dar entrevistas em várias mídias: um consultor de RH que defende a prática de abraçar os colegas de trabalho para criar um ambiente mais prazeroso e produtivo. Com a ajuda do mundo virtual, o sujeito chegou a participar de matérias importantes em programas televisivos, mostrando que os jornalistas não têm a possibilidade de apurar suas fontes de forma eficiente. Para os interessados em comunicação, o filme oferece farto material para discussão. E.F.

Antes da Lua Cheia

★★★ **Niwemang**, *França/Áustria/Irã/Iraque, 2006.* **De** Bahman Ghobadi. **Com** Ismail Ghaffari, Golshifteh Farahani, Farzin Sabooni. 108 min. Pandora. **Drama**

Agora que o Irã se tornou parceiro comercial do Brasil (e também motivo para saias justas diplomáticas), torna-se ainda mais interessante acompanhar a produção de cinema que vem lá. Título já antigo, este trabalho do cineasta Bahman Ghobadi (especialista em títulos com animais – *Tempo de Embebedar Cavalos, 00*; *As Tartarugas Podem Voar, 04*; e o inédito *Ninguém Sabe dos Gatos Persas, 09*) mostra um senhor de idade, Mamo, veterano músico curdo que vive no Irã e que quer aproveitar a queda de Saddam Hussein para dar um último grande concerto de música no Iraque curdo. Para tanto, ele e seu grupo precisam empreender longa jornada num ônibus velho e por fronteiras vigiadas. O Irã mostrado aqui exibe celular, câmera digital e laptop no interior perdido do país, mas também revela que tradições culturais são sempre as mais difíceis de serem mudadas. Filme simples e emocional, que registra uma sociedade em lenta mudança. Ch.P.

As amigas deixam Nova York e buscam sexo do outro lado do mundo

Sex and the City 2

★★★ *EUA, 2010.* **De** Michael Patrick King. **Com** Sarah Jessica Parker, Kristin Davis ,Cynthia Nixon, Kim Cattrall, Chris Noth. 146 min. http://www.sexandthecitymovie.com . Warner. **Comédia**

O público do seriado pode ser dividido em dois grupos: mulheres ávidas por gritar com suas próprias vozes, mas que não dispensam uma bolsa de grife , e seus amigos gays. A primeira cena de *Sex and the City 2* é dedicada para essa segunda parcela de fãs, com uma participação especial de Liza Minelli – mais celebridades dão as caras mais adiante, garantindo boas surpresas. O roteiro aposta em tudo o que deu certo nos anos em que a série foi produzida: piadas ágeis nos diálogos e muita referência à cultura pop. O tema da vez são as mudanças de vida que acontecem naturalmente com o passar dos anos e como lidar com elas. Deixando de lado Nova York, que é praticamente outro personagem da franquia, o grosso da história se passa no Oriente Médio, para onde as quatro inseparáveis amigas vão por causa de um convite profissional que Samantha recebeu. Nesse cenário deslumbrante, os figurinos muitas vezes exagerados continuam sendo o grande atrativo. O incentivo ao consumismo é alimentado por um número grande de merchandising nas cenas, o que chegou até a mudar a marca do computador que Carrie usava até então. No final das contas, os fãs certamente ficarão satisfeitos e podem até levar ao cinema pessoas apenas simpatizantes com *Sex and the City*, para talvez conquistar novos seguidores. EDU FERNANDES

Flor do Deserto

★★ **Desert Flower**, *Inglaterra/Alemanha/Áustria, 2009.* **De** Sherry Horman. **Com** Liya Kebede, Sally Hawkins, Craig Parkinson, Timothy Spall. 120 min. http://www.desertflower-movie.com/. Imovision. **Drama**

Algumas pessoas podem dizer: "Minha vida daria um filme". A vida da modelo Waris Dirie daria uma novela. O filme *Flor do Deserto* propõe-se a contar essa história grandiosa e é obrigado a passar rapidamente por algumas transformações importantes de sua protagonista. Waris (Liya Kebede) fugiu do deserto em que morava com sua família nômade para não ser obrigada a casar com um sexagenário e se tornou modelo fotográfico em Londres. A diferença entre a menina muçulmana insegura que saiu da Somália e a mulher determinada que se tornou embaixadora da ONU é muito grande e faltam cenas importantes no desenvolvimento, como o momento em que ela abandona o véu. O filme não se preocupa em agradar aos fashionistas, sendo mais indicado para quem quer ver a jornada dessa marcante mulher. E.F.

Olhos Azuis

★★★★ *Brasil, 2009.* **De** José Joffily. **Com** David Rasche, Cristina Lago, Irandhir Santos, Frank Grillo. 105 min. www.olhosazuis.com.br Imagem. **Drama**

Esta é talvez a primeira vez que o nosso cinema aborda o tratamento cada vez mais rígido e às vezes humilhante que as autoridades americanas dispensam aos brasileiros com intenções de permanecerem nos Estados Unidos. Esse é o ponto de partida para duas narrativas que correm paralelas: a do crime e a da redenção. A primeira, que gera a segunda, passa-se na aduana americana no último dia de trabalho de Marshall (David Rasche), chefe da imigração no aeroporto de Nova York. Ele decide complicar a vida de alguns latino-americanos, como Nonato (Irandhir Santos), brasileiro que vive legalmente nos Estados Unidos há cinco anos e está retornando de sua pátria onde visitou a filha. Alcoolizado, Marshall acirra as provocações que fazem Nonato perder a calma inicial. Dessa situação, onde explodem ressentimentos e preconceitos de ambas as partes, o drama transmite forte tensão. É a grande virtude de José Joffily. O mais vigoroso dos oito longas deste paraibano de 64 anos (*Quem Matou Pixote?*) é legitimamente politizado e discursivo. Mesmo não escapando, às vezes, de certos estereótipos, é um dos melhores filmes brasileiros dos últimos tempos. ALFREDO STERNHEIM

Saoirse Ronan precisa deixar sua família terrena pra trás e encarar o paraíso de frente

FOTOS DIVULGAÇÃO

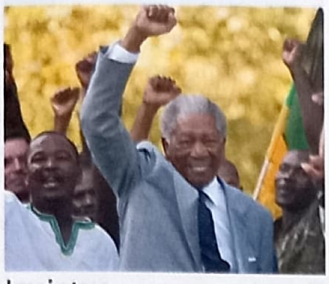
Um Olhar do Paraíso

O neozelandês Peter Jackson dá um tempo nos épicos e realiza seu filme mais emocional

The Lovely Bones, *EUA/Inglaterra/Nova Zelândia, 2009.* **De** Peter Jackson. **Com** Saoirse Ronan, Stanley Tucci, Susan Sarandon, Michael Imperioli, Rose McIver. 136 min. DVD/Blu-Ray. Paramount. **Drama**

É curioso reparar que os filmes mais intimistas do cineasta neozelandês Peter Jackson têm forte ligação com a morte, de *Almas Gêmeas* (1994) a este *Um Olhar do Paraíso*, passando até pela comédia *Os Espíritos* (1996). No admirável *Almas Gêmeas*, que revelou Kate Winslet ao mundo, duas amigas adolescentes dos anos 1950 estendem sua forte amizade até um mundo imaginário e, quando separadas pelos adultos, partem para uma vingança fatal. Na fita estrelada por Michael J. Fox, ele interpreta o sobrevivente de um acidente de carro no qual sua esposa morreu e que passa desde então a dialogar com fantasmas. Agora, no filme pessoal que Jackson realizou depois da exaustiva trilogia *O Senhor dos Anéis*, ele novamente divide o roteiro com sua parceira Fran Walsh, co-autora dos dois roteiros originais anteriores, e agora com a ajuda de Philippa Boyens adaptam o romance de Alice Sebold. O ponto de vista é de Susie Salmon (a ótima Saoirse Ronan, indicada ao Oscar de coadjuvante por *Orgulho e Preconceito*), que desde o trailer se sabe que será violentamente morta por um frio assassino, George Harvey (Stanley Tucci), e do limbo acompanhará o difícil processo de superação de sua família, os pais interpretados por Rachel Weisz e Mark Wahlberg. A concepção espiritual do filme consegue, ao menos em boa parte dele, antes de seu clímax, escapar dos clichês de gosto duvidoso de filmes como *Um Amor Além da Vida* (1996), com Robin Williams, e *A Fonte da Vida* (2006), com Hugh Jackman e também Rachel Weisz. É o filme mais emocional da carreira de Jackson, e por isso se lamenta que o pai, que iria ser interpretado pelo ótimo Ryan Gosling, tenha sido escalado de emergência no corpo limitado de Wahlberg (*O Fim dos Dias*) – ele não segura a complexidade de seu personagem. Mas Tucci conquistou uma indicação ao Oscar de coadjuvante por sua composição calculista e física do psicopata, fazendo contraponto à inocência de Saoirse explorada pelo diretor. É uma obra de ponto de vista corajoso, de cenas fortes, mas não chega a ser um *Almas Gêmeas*. O DVD simples não tem extras, enquanto que o Blu-Ray duplo apresenta no disco 2 uma introdução de Peter Jackson e um doc sobre a fotografia e os efeitos especiais. CHRISTIAN PETERMANN

Filme: ★★★ **Extras:** ★★★ (Blu-Ray)



Invictus

EUA, 2009. **De** Clint Eastwood. **Com** Morgan Freeman, Matt Damon, Tony Kgoroge, Patrick Mofokeng. 133 minutos. DVD/ Blu-ray. Warner. **Drama**

Libertado de seu cárcere em 1990, o ex-presidente Nelson Mandela (vivido aqui por Morgan Freeman) é ainda hoje um dos símbolos da liberdade e da igualdade entre povos. A África do Sul foi cenário de um dos piores regimes raciais que o mundo já testemunhou. E Mandela o erradicou ao se tornar o primeiro presidente eleito diretamente no país. Mas os anos de apartheid viciaram o comportamento das pessoas: o governo Mandela era temido pelos brancos e aclamado pelo povo. A forma encontrada por ele para unir as raças de seu país foi das mais emocionantes e quase utópicas já vistas: pedir ao capitão da seleção nacional de rugby, François Pienaar (Matt Damon), que ganhasse o campeonato mundial. Ótimo tema para o octogenário diretor Clint Eastwood. M.F.M.

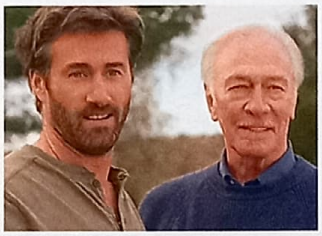
Filme: ★★★

Extras: N.A.

Aritmética Emocional

Emotional Arithmetic, *Canadá, 2007.* **De** Paolo Barzman. **Com** Susan Sarandon, Max von Sydov, Christopher Plummer, Gabriel Byrne. 99 min. DVD. Califórnia. **Drama**

"Se me perguntam se acredito em Deus, perdoem-me se respondo: E Deus? Acredita em mim?" A frase, dita em off por Melanie (Susan Sarandon), dá início a um drama carregado de reflexões. Estas surgem com o retorno do idoso Jacob Bronski (Max von Sydov), importante na infância da protagonista durante a Segunda Guerra em Drancy, nos arredores de Paris. Mas David (Christopher Plummer), marido de Melanie, é a favor do esquecimento de ocorrências tão traumáticas. Num cenário bucólico, as lembranças e divergências são expressas, entrecortadas por flashbacks em preto e branco. Pena que, só



no final, o filme informe sobre o campo de Drancy montado pelos nazistas, um esclarecimento que, se antecipado, facilitaria a compreensão desta charada emocional. Mesmo assim, com o ótimo elenco e a esplêndida fotografia de Luc Montpellier, fica provado que a síndrome do Holocausto ainda não se esgotou como tema e pode gerar filmes até mesmo enternecedores como este. A.S.

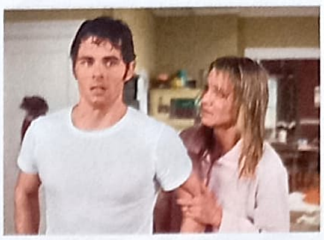
Filme: ★★★

Extras: N.A.

A Caixa

The Box, *EUA, 2009.* **De** Richard Kelly. **Com** Cameron Diaz, James Marsden, Frank Langella, James Rebhorn. 115 min. DVD. Imagem. **Ficção científica**

Será que o diretor Richard Kelly é uma farsa? *A Caixa* coloca em dúvida seu talento, que explodiu em *Donnie Darko* e ficou nas trevas em *Southland Tales*. Esta ficção científica protagonizada por Cameron Diaz padece do mesmo mal: um roteiro incoerente que tenta se aprofundar em um suposto mistério que não parece solucionável. Ela e James Marsden são o casal que recebem uma caixa com um botão: apertando-o, eles



ganham 1 milhão de dólares – e um desconhecido morre. Podia ficar nisso, mas Kelly complica o caldo. E muito. R.S.

Filme: ★

Extras: N.A.

Glória Pires, Paulo Miklos e um dos elos que os une: o violão

É Proibido Fumar

Brasil, 2009. **De** Anna Muylaert. **Com** Glória Pires, Paulo Miklos, Marisa Orth, Paulo César Pereio, Lourenço Mutarelli, Pitty. 84 min. DVD. PlayArte. **Drama**

Foi bastante injusto o fracasso de público nos cinemas de *É Proibido Fumar*, segundo longa-metragem da cineasta Anna Muylaert. Mesmo com Glória Pires no pôster, vinda de dois grandes sucessos *Se Eu Fosse Você* (e às vésperas de encarnar a mãe de Lula), não se demonstrou interesse pelo longa. Este é o típico bom filme médio que em qualquer indústria saudável de cinema é necessário para manter a roda em funcionamento, mas no Brasil costuma cair no esquecimento. Assim como em *Durval Discos*, Muylaert escreveu um roteiro em que a música é parte vital, a história toma rumos inesperados e o final é sempre um pouco mais sombrio que o início. Acompanha-se a professora de violão Baby (Pires), que quer largar o fumo, luta para reaver um sofá de família e se envolve com um novo vizinho, o músico de bar & botequim Max (Paulo Miklos, muito divertido no papel). A roqueira Pitty estreia como atriz de cinema, e o escritor Lourenço Mutarelli faz ponta como um corretor (ele foi um segurança em *O Cheiro do Ralo*, de Heitor Dhalia, inspirado em livro seu). Com bons coadjuvantes, um romantismo pé no chão e humor negro e cotidiano, Muylaert apresenta um grande avanço em relação ao seu primeiro longa. Nos extras, making of e cenas excluídas. Ch.P.

Filme: ★★★★ **Extras:** ★★★

FOTOS DIVULGAÇÃO

Martine Carol se olha no espelho em presença de Peter Ustinov no clássico de Max Ophuls

Lola Montés

França/Alemanha/Luxemburgo, 1955. **De** Max Ophüls. **Com** Martine Carol, Peter Ustinov, Anton Walbrook, Oskar Werner. 115 min. DVD. Versátil. **Drama**

Está finalmente disponível a versão integral deste filme mítico, o derradeiro de Max Ophüls (1902-1957). Nesta biografia parcial de uma bailarina exótica e cortesã famosa no século 19, Ophüls substituiu Christian-Jacque, que sempre dirigia as produções com a esposa Martine Carol, então estrela erótica do cinema francês. Assim como Lola, essa atriz limitada começa e termina o filme como uma gélida rainha no picadeiro de um circo, sendo gradativamente desconstruída pelo apresentador (Peter Ustinov). Este relata a sua trajetória em flashbacks provocados pelas bisbilhotices da platéia. Assim a vemos em várias fases de sua vida, como naquela em que é amante do rei Luís I da Baviera (Anton Walbrook). Movimentando sempre a câmera com elegante eficiência, o cineasta de *Carta de uma Desconhecida* (a sua obra-prima) fez um filme singular na forma e no uso da cor, além de arrojado em seu estupendo e patético final. Mas por ser barroco e moderno demais para os anos 1950, *Lola Montés* recebeu dos produtores uma montagem predatória que não impediu seu fracasso comercial. Essa situação e as dificuldades enfrentadas nas filmagens e na restauração atual são esclarecidas nos ótimos extras, que têm depoimentos de Ustinov, da roteirista Annette Wademant e do próprio Ophüls (em off), entre outros. ALFREDO STERNHEIM

Filme: ★★★★ **Extras:** ★★★★★

Preciosa – Uma História de Esperança

(Precious: Based on the Novel 'Push', by Sapphire), *EUA, 2009.* **De** Lee Daniels. **Com** Gabourey Sidibe, Mo'Nique, Paula Patton, Mariah Carey, Lenny Kravitz. 109 minutos. DVD. PlayArte. **Drama**

O filme vencedor este ano do Oscar de roteiro adaptado (para Geoffrey Fletcher) e de atriz coadjuvante (Mo'Nique, que ganhou nada menos do que outros 28 prêmios semelhantes mundo afora) chega ao DVD com a bela e triste história de Claireece 'Preciosa' Jones (a ótima estreante Gabourey Sidibe), garota adolescente, obesa, grávida e mãe de uma menina com Síndrome de Down, que enfrenta todos os dias as ameaças e o desprezo da mãe, Mary (Mo'Nique). A luz no fim do túnel surge por meio de uma escola alternativa e da professora Blu Rain (Paula Patton), na Nova York do início dos 1980. Quem também está bem no elenco são os cantores Mariah Carey e Lenny Kravitz, que interpretam uma assistente social e um enfermeiro. Com uma providencial ajuda da apresentadora Oprah Winfrey na divulgação do filme, este foi não só o primeiro vencedor do grande prêmio do Festival de Sundance a ser indicado ao Oscar principal, como também o primeiro nesta categoria dirigido por um afro-americano. M.F.M.

Filme: ★★★★

Extras: N.A.

Tabu

Nothing Is Private, *EUA, 2007.* **De** Alan Ball. **Com** Summer Bishill, Aaron Eckhart, Peter Macdissi, Maria Bello, Toni Collette. 124 min. DVD. Califórnia. **Drama**

Em seu primeiro longa dirigido para cinema, Alan Ball – mais conhecido como criador de séries como *A Sete Palmos* e *True Blood* – mostra-se arrojado ao enfocar a descoberta da sexualidade de uma garota muçulmana de treze anos (Summer Bishill). Ela se vê cerceada pelos preconceitos do pai libanês (Peter Macdissi) e tentada pelos desejos pedófilos de um oficial da reserva (Aaron Eckhart). Como em *Beleza Americana*, que lhe deu o Oscar de melhor roteiro original, Ball narra o conflito num clima de vizinhos. São três residências sem muros as separando. Nelas, inocência e perversão se misturam de maneira que nem sempre se torna fácil identificar o certo ou o errado, devido ao naturalismo obtido pelo diretor. Esse é o principal mérito do filme. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A.

Os Normais 2 – A Noite Mais Maluca de Todas

Brasil, 2009. **De** José Alvarenga. **Com** Fernanda Torres, Luiz Fernando Guimarães, Claudia Raia, Drica Moraes, Mayana Neiva. 75 min. DVD/Blu-Ray. Imagem. **Comédia**

Seis anos depois do primeiro longa, a continuação supera o original: há menos pudor e mais escracho em torno do casal Rui (Luiz Fernando Guimarães) e Vani (Fernanda Torres, confirmando-se como grande atriz e extraordinária comediante). Para revitalizar a união conjugal de 13 anos, eles decidem fazer um menáge a trois. Mas a busca da terceira pessoa é mais difícil do que esperavam e gera inúmeras trapalhadas e momentos hilários, como aqueles com a prima indecisa (a ótima Drica Moraes) e uma mulher francesa (Mayana Neiva). São soluções verbais e visuais administradas com humilde

competência pelo diretor José Alvarenga. Este foi um dos cinco ou seis filmes que, em 2009, em meio a cerca de 80 lançamentos nacionais, teve público superior a um milhão de espectadores. Foi justo. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A.

Partir

França, 2009. **De** Catherine Corsini. **Com** Kristin Scott Thomas, Sergi Lopez, Yvan Attal. 85 min. DVD. Imovision. **Drama**

Suzanne (a bela e talentosa Kristin Scott Thomas, que transita com naturalidade entre os cinemas francês e inglês) é uma mulher madura, bem casada e de opulenta vida burguesa. Um dia, decide montar um consultório num galpão de sua propriedade, para retomar a carreira de fisioterapeuta. O técnico responsável pela obra é o catalão Ivan (Sergi López). Não demora muito para nascer entre ambos uma tórrida relação, que leva a atriz a cenas de intensa intimidade.

Indicada pela segunda vez em anos consecutivos ao César (o Oscar francês) de atriz – no ano passado foi pelo primoroso *Há Tanto Tempo que Te Amo* –, Kristin mergulha sua personagem num turbilhão de emoções e faz o filme valer, pois de resto o roteiro co-escrito pela diretora pouco apresenta de novo para premissa tão explorada. Ch.P.

Filme: ★★★

Extras: N.A.

Uma China dividida e em guerra é cenário pro melhor John Woo em anos

A Batalha dos Três Reinos

Chi Bi, China, 2008. **De** John Woo. **Com** Tony Leung, Takeshi Kaneshiro, Fengyi Zhang. 148 min. DVD. Europa Filmes. **Guerra**

O cineasta John Woo conquistou destaque internacional com seus policiais hiperbólicos realizados na China na virada dos anos 1980/90, como as duas partes de *Alvo Duplo* e em especial a obra-prima *Fervura Máxima* (1992). Depois deste filme, Woo migrou para os EUA, trabalhou com Jean-Claude van Damme, dirigiu o ótimo *A Outra Face* e até conduziu *Missão: Impossível 2* em 2000, mas depois se perdeu em escolhas erradas, entre piloto de telessérie que não vingou a filme "direct to DVD". Woo retorna agora à China depois de 16 anos e conclui seu trabalho mais grandioso, um épico de guerra ambientado no fim da dinastia Han (século III), no qual três blocos da China entram em batalha no sonho de unificar o país. São muitos personagens, nomes e rostos que podem confundir o espectador ocidental, mas Woo marca bem seus tipos, volta a trabalhar com Tony Leung (ator da fase chinesa) e cria um espetáculo tão suntuoso quanto recentemente Zhang Yimou (*Herói*) e Ang Lee (*O Tigre e o Dragão*) também realizaram. O roteiro é calcado em "A Arte da Guerra", de Sun Tzu, e serve de base para que as câmeras voadoras e cacoetes estilísticos de Woo realizem um filme fascinante de se ver, cinema para encher tela grande. CHRISTIAN PETERMANN

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A.

Woody Harrelson

Depois do lançamento em DVD e Blu-Ray de 2012, o ator Woody Harrelson chega em outros quatro lançamentos quase simultâneos e todos sob a batuta de diretores novatos, mostrando que ele está numa fase hiperativa: seis filmes em 2008 (incluindo *O Amor Pede Passagem*, logo abaixo) e quatro no ano passado, três nesta página

O Mensageiro

The Messenger, *EUA, 2009.* **De** Oren Moverman. **Com** Ben Foster, Samantha Morton, Woody Harrelson, Jena Malone, Steve Buscemi. 113 min. DVD/Blu-Ray. Paris. **Drama**

Este drama de pós-guerra mostra o ótimo ator Ben Foster (presente em *Pandorum*, outro lançamento em DVD) como Will Montgomery, um tenente que retorna da guerra do Iraque e, em solo americano, precisa avisar famílias da morte em ação de um ente próximo. Ele é assistido pelo capitão Tony Stone (Harrelson, indicado ao Oscar de ator coadjuvante), já veterano nesse ritual de morte e ajuda na superação. O diretor e co-roteirista Moverman é cuidadoso e nada piegas em mostrar a dor, o grito e/ou o silêncio das pessoas que recebem tão indesejada notícia. A complexidade moral desse trabalho é ainda melhor explorada quando o jovem Will se envolve com uma das viúvas, a introspectiva Olivia (Samantha Morton). O roteiro original também recebeu indicação ao Oscar. Através do registro preciso das consequências afetivas dos atos de guerra, Moverman, com a ajuda de um trio fenomenal de atores, realizou uma das melhores obras sobre o conflito no Iraque. CHRISTIAN PETERMANN

Filme: ★★★★ **Extras:** ★★

FOTOS DIVULGAÇÃO

O Amor Pede Passagem

Management, *EUA, 2008.* **De** Stephen Belber. **Com** Jennifer Aniston, Steve Zahn, Margo Martindale, Woody Harrelson. 94 min. DVD/Blu-Ray. Imagem. **Comédia**

Esta comédia romântica funciona melhor na telinha e aposta pesado na química entre Jennifer Aniston, dando uma de namoradinha da América em sua insistência quase exclusiva em realizar este gênero, e Steve Zahn (*A Trilha*; *Sahara*). Felizmente, os dois atores "casam" bem em cena, em especial porque Zahn é a escolha perfeita para fazer um apaixonado devoto. Ele é o recepcionista de um pequeno hotel que se apaixona pela atarefada executiva interpretada por Aniston. E Harrelson faz um papel típico, como um ex-namorado da protagonista e ex-punk que virou o milionário do iogurte. Ch.P.

Filme: ★★★ **Extras:** N.A.

Defendor

Canadá/EUA/Inglaterra, 2009. **De** Peter Stebbings. **Com** Woody Harrelson, Kat Dennings, Michael Kelly, Sandra Oh, Elias Koteas. 101 min. DVD. Sony. **Aventura**

Esta pode ser vista como uma versão adulta de *Kick Ass*, mas a partir de um roteiro original do diretor Peter Stebbings. Harrelson é Arthur Poppington, um adulto de mentalidade um tanto simplória,. Ele cria um uniforme, se autodenomina Defendor e à noite sai para combater o crime. Acredita ser um super-herói, mas não tem qualquer poder. Com isto, apanha e é ameaçado quando cruza o caminho de um mafioso russo e um policial corrupto. E o ator também acredita piamente em seu personagem, e reside aí a grande força do filme – sua fantástica interpretação. Repare ainda em Sandra Oh. Extras: trailer, cenas excluídas e erros de gravação. Ch.P.

Filme: ★★★ **Extras:** ★★★

Zumbilândia

Zombieland, *EUA, 2009.* **De** Ruben Fleischer. **Com** Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Emma Stone, Abigail Breslin, Bill Murray. 88 min. DVD. Sony. **Comédia**

Esta comédia de zumbis é ágil, divertida e pop. Dois caras, o jovem Columbus (Jesse Eisenberg), o nerd que serve de narrador, e o veterano Tallahassee (Harrelson), sobrevivem num mundo dominado por zumbis. O durão personificado por Harrelson, aliás, já se transformou em assasssino por natureza de mortos-vivos. O ator tira de letra os diálogos afiados que o roteiro lhe ofereceu. E há uma participação antológica do ex-caça-fantasmas Bill Murray como ele mesmo. Além de cenas excluídas e um programete sobre os efeitos, há dois ótimos docs sobre aspectos da concepção do filme. Ch.P.

Filme: ★★★★ **Extras:** ★★★★

Tyson

EUA, 2009. **De** James Toback. 88 min. DVD. Califórnia. **Documentário**

O pugilista Mike Tyson é um ícone esportivo que transitou pelos mundos da admiração e do ódio, pela pujança e ganância e, claro, por grandes vitórias e tombos. Assistir a uma luta de Tyson era garantia certa de espetáculo, por mais relâmpago que pudessem ser os assaltos. Neste documentário, o diretor James Toback (roteirista do drama *Bugsy*) presenteia o espectador com depoimentos sinceros e emocionados do ex-campeão mundial dos pesos-pesados. As imagens de arquivo, com figuras como Don King, James "Buster" Douglas e Evander Holyfield, funcionam como moldura para a narrativa em primeira pessoa, que mostra nas entonações de Tyson a mesma criança em busca de paz que a fez entrar para o boxe. M.F.M.

Filme: ★★★★

Extras: N.A.

O Padre

Priest, *Inglaterra, 1994.* **De** Antonia Bird. **Com** Linus Roache, Tom Wilkinson, Robert Carlyle, Cathy Tyson. 96 min. DVD. CultClassic. **Drama**

Nesta fase em que a Igreja Católica está na berlinda devido aos escândalos pedófilos, o filme continua atual em sua crítica contundente a certas regras da Santa Sé. Ao abordar a abstinência sexual imposta a padres e freiras, a diretora Antonia Bird mostra que a liberdade erótica não atrapalha a atuação dos religiosos. Ela faz isso através do reverendo Matthew (Tom Wilkinson), que tem vida conjugal com a empregada (Cathy Tyson), e do padre Greg (Linus Roache). Inicialmente chocado com o colega, o jovem Greg não consegue mais reprimir sua

homossexualidade, exposta em cenas bem quentes. Além disso, enfrenta outro dilema ao saber, em confissão, que uma menina é molestada sexualmente pelo pai. A cineasta dá conta dos vários conflitos, que mesclam fé, sexualidade e intolerância numa narrativa de epílogo comovente, sob um arranjo da canção "You'll Never Walk Alone", do musical *Carrossel* (1945), de Rodgers & Hammerstein II. A.S.

Filme: ★★★★

Extras: ★

O Lobisomem

The Wolfman, *Inglaterra/EUA, 2010.* **De** Joe Johnston. **Com** Benicio del Toro, Anthony Hopkins, Emily Blunt. 103 min. DVD. Universal. **Terror**

A Universal moderniza um de seus maiores ícones, o lobisomem, neste primeiro filme sangrento do diretor Joe Johnston (*Jumanji; Jurassic Park 3*). A única coisa que funciona é a ótima maquiagem do veterano Rick Baker (*Um Lobisomem Americano em Londres*). As relações entre os personagens não convencem, o elenco está canastrão e rola muito clima e pouca tensão. Extras com cenas deletadas e estendidas. Ch.P.

Filme: ★★

Extras: ★★

Michael Moore solta seus gritos de revolta contra o próprio país

Capitalismo: Uma História de Amor

Capitalism: a Love Story, *EUA, 2009.* **De** Michael Moore. 127 minutos. DVD. Paramount. **Documentário**

Comparável a uma tragédia grega, que começa na melhor das intenções, mas se desenvolve numa bola de neve de intrigas, abusos, mentiras e traições, *Capitalismo: uma História de Amor* não é o melhor filme de Michael Moore (mais relevante em *Tiros em Columbine* ou *Fahrenheit 9/11*), mas tem os elementos que o tornaram um dos documentaristas mais importantes dos Estados Unidos: o talento e a vontade para expressar suas ideias e o dom da palavra e da persuasão, vistos por seus críticos como manipulação ou sensacionalismo. Forçado ou não, Moore consegue o que quer de seus entrevistados: no caso, mostrar como o sistema econômico tão amado pelos americanos faz destes vítimas de uma sociedade hipócrita e de corporações que atuam por meios escusos. As altas taxas de desemprego, o recente péssimo comportamento do mercado imobiliário e as operações de alto risco da bolsa de valores em Wall Street são questionados por Moore, que vai atrás da resposta para "Onde está o nosso dinheiro?". Manipulador ou não, o fato é que o jeito de Moore se comportar como narrador faz qualquer assunto árido ficar interessante. E os fãs do diretor ainda poderão apreciar um pouco mais das agruras que o dinheiro (ou a falta dele) traz em 87 minutos de extras, que incluem docs como, entre outros, "Sinto Muito, Bancos e Especuladores Imobiliários: Vocês estão Fritos"; "Chris Hedges do NY Times e vencedor do Prêmio Pulitzer em "The Killing Machine Known as Capitalism"; "Os Ricos não Vão para o Céu (Existe um Lugar Especial Reservado para Eles)"; "E se Tivéssemos Dado Ouvidos a Jimmy Carter em 1979?" e "Como Dirigir a Empresa Onde Você Trabalha". MARIA FERNANDA MENEZES

Filme: ★★★ **Extras:** ★★★★

FOTOS DIVULGAÇÃO

Espiões

Spione, *Alemanha, 1928.* **De** Fritz Lang. **Com** Rudolf Klein-Rogge, Gerda Maurus, Willy Fritsch, Fritz Rasp. 144 min. DVD. CultClassic. **Ação**

Fritz Lang usava uma linguagem moderna já no cinema mudo. Com extraordinária criatividade, ele realizou um filme de ação e espionagem cuja intriga, guardadas as distâncias de tempo, tem a ver com a série 007 e similares. Atentados fatais e desvio de documentos importantes criam um clima tenso na polícia. As esperanças se concentram no agente 326, que deve descobrir a identidade do mentor de tudo isso. Nessa luta entre o bem e o mal, o público sabe quem é o principal criminoso. O realizador de *Metrópolis* intercala cenas com sua presença diabólica e, antecipando-se aos clichês de hoje, oferece perseguições automobilísticas, desastres de trens e até uma bela mulher hesitante entre a servidão ao chefe da gangue e o amor ao agente. Lang inova ainda ao inserir o suicídio para personagens de ambos os lados: a sequência do harakiri e as cenas que a antecedem são belíssimas. Mas o melhor está no epílogo, inspirado na ópera *I Pagliacci*, onde encenação e verdade se confundem. Um fecho magnífico para esta obra-prima. A.S.

Filme: ★★★★★
Extras: ★

Música na Noite

Musik i Mörker, *Suécia, 1948.* **De** Ingmar Bergman. **Com** Birger Malmsten, May Zetterling, Naima Wifstrand, Olof Winnerstrand. 85 min. DVD. Versátil. **Drama**

No quarto longa de Ingmar Bergman, há ainda pouco espaço para a alta carga de reflexões que, posteriormente, fizeram dele um dos maiores cineastas da História. A trama é centralizada em um jovem pianista, Bengt (o excelente Birger Malmsten), que fica cego num acidente. Resvalando às vezes na pieguice, o diretor acompanha a gradativa e nada fácil adaptação de Bengt ao seu novo e escuro universo. Humilhações externas e íntimas se cruzam com momentos de sincera afeição. A amargura se faz presente, especialmente nos momentos de rejeição, mas em menor escala. Em preto e branco, essa modesta produção, como todas do diretor, oferece intenso calor humano, e esta tem luz no fim do túnel. A.S.

Filme: ★★★★
Extras: ★

Jeff Bridges e Maggie Gyllenhaal em momento meigo

Coração Louco

Crazy Heart, *EUA, 2009.* **De** Scott Cooper. **Com** Jeff Bridges, Maggie Gyllenhaal, Jack Nation, Colin Farrell. 112 min. DVD/Blu-Ray. Fox. **Drama**

Dar o Oscar a Jeff Bridges por sua performance como o cantor country Bad Blake não era só uma barbada: era a coisa certa. Afinal, além de ser um ator extremamente talentoso – e muitas vezes subestimado –, Bridges é a espinha dorsal na qual se apoia este eficiente drama de temas familiares. O diretor Scott Cooper , em sua estreia atrás das câmeras, não foge de uma estrutura dramática tradicional em "filmes de superação", mas tem crédito ao deixar seu astro fazer seu melhor com o personagem. E Bad Blake é memorável. Astro da música country de outra era, Blake sobrevive agora com apresentações em pardieiros de quinta – boliches, restaurantes –, sempre com sua companheira inseparável: a bebida. Não que ele seja um bêbado incorrigível, e sim um alcoólico que sequer percebe não ter mais o controle de sua vida. Ele é obrigado a repriorizar sua vida ao conhecer uma jornalista (Maggie Gyllenhaal) e se deixar envolver. É com sutileza que Bridges constroi a persona de Bad Blake, sem jamais cair na armadilha do "meu personagem é um bêbado", deixando sua humanidade sempre à vista – que finalmente brilha quando surge Colin Farrell, como um astro country moderno que vê Blake como mentor. Ao não mergulhar no melodrama e apresentar uma solução realista para a vida de um homem de imenso talento, *Coração Louco* se torna uma experiência agradável e redentora. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★ **Extras:** N.A.

Reds

EUA, 1981. **De** Warren Beatty. **Com** Beatty, Diane Keaton, Maureen Stapleton, Jack Nicholson. 194 min. DVD. Paramount. **Drama**

Na reavaliação de *Reds*, o tempo foi favorável ao ambicioso projeto de Warren Beatty (na vida real, irmão de Shirley MacLaine). Relatando uma história verídica, este épico permeado pela melancolia retorna bonito, empolgante e esclarecedor. Beatty é John Reed, jornalista americano que, entre 1915 e 1920, se engajou na ascensão do comunismo na Rússia, onde foi enterrado. Em meio a arroubos e dúvidas quanto às atitudes dos líderes da revolução, acontece a conturbada relação amorosa com Louise Bryant (Diane Keaton). Este é também o primeiro filme americano a oferecer uma bela e apoteótica sequência romântico-política ao som da "Internacional", o hino oficial dos comunistas cantado em russo. Foi uma ousadia na Hollywood conservadora da época, que resultou no ponto alto desta superprodução laureada com três Oscar: direção, atriz coadjuvante (Maureen Stapleton como Emma) e fotografia (do grande Vittorio Storaro). A.S.

Filme: ★★★★

Extras: ★★★★

O Marido da Cebeleireira

Le Mari de la Coiffeuse, *França, 1990*. **De** Patrice Leconte. **Com** Jean Rochefort, Anna Galiena, Roland Bertin, Ticky Holgado, Michèle Laroque. 82 min. DVD. Lume. **Drama**

Um dos filmes mais conhecidos do veterano e prolífico cineasta francês Patrice Leconte, hoje com 63 anos, *O Marido da Cabeleireira* atingiu status cult no começo dos anos 1990 pela forma charmosa, elegante e estranha (ou seja, muito francesa) com que contava uma história de amor. Antoine é um garoto apaixonado por uma cabeleireira e obcecado em sempre cortar seu cabelo. Quando adulto (e interpretado

por Jean Rochefort), ele se envolve com Mathilde (a bela Anna Galiena), também cabeleireira e mais jovem que ele, e ambos alimentam uma relação nada convencional. Narrado de forma plácida e melancólica, Leconte explora a sensual intimidade do casal em cenas de grande plasticidade, captadas pela ótima fotografia de Eduardo Serra e comentadas pela soberba trilha sonora do inglês Michael Nyman, habitual colaborador de Peter Grenaway. Um filme enxuto e preciso. Ch.P.

Filme: ★★★★

Extras: N.A.

Carey Mulligan ingressa no mundo adulto em plenos anos 1960

Educação

An Education, *EUA, 2009*. **De** Lone Sherfig. **Com** Carrie Mulligan, Peter Sarsgaard, Alfred Molina, Rosamund Pike, Olivia Williams, Dominic Cooper, Emma Thompson. 100 min. DVD/Blu-Ray? Sony. **Drama**

O drama libertário e romântico da diretora dinamarquesa Lone Scherfig (*Italiano para Principiantes*, de 2000), sua primeira produção internacional, é uma soma feliz de elementos positivos: é sempre cativante se acompanhar boas histórias sobre o despertar para a vida adulta de uma jovem de carisma, Jenny; melhor ainda quando este personagem revela uma ótima atriz, a inglesa Carey Mulligan, que de cara emplacou uma indicação ao Oscar; perfeito que esse despertar aconteça na animada Londres do início dos anos 1960, uma época charmosa e elegante, dominada pelo jazz de bom gosto; e, por fim, que bom que o envolvimento de Jenny com David, um homem mais velho que a iniciará em vários aspectos da vida, tenha sido com o talentoso ator Peter Sarsgaard, com quem rolou a maior química – Sarsgaard, um dos melhores nomes da geração já não tão jovem assim, foi visto em filmes como *A Órfã* e *Soldado Anônimo*. Assiste-se, portanto, com prazer inconfesso a uma história que, se de novo nada tem, é contada com grande intimidade e segurança por Scherfig a partir de um ótimo roteiro de Nick Hornby (*Um Grande Garoto*), que se inspirou em memórias pessoais de Lynn Barber. Por isso emplacou também indicações ao Oscar de filme e roteiro adaptado. Nos extras, além dos tradicionais comentários em off, making of e cenas excluídas, há o registro da première do filme. Ch.P.

Filme: ★★★★ **Extras:** ★★★★

Cada um com seu olhar 43, o elenco de *Lost* deixa seus fãs mais "lost" que nunca

Experiência completa

O fim de *Lost* despertou paixão e ira. A pergunta é: foi mesmo o fim?

POR MARCELO FORLANI

Quando, no meio da primeira temporada de *Lost*, cada vez mais e mais as pessoas começavam a se perguntar o que era a ilha, poucos se deram conta que já estavam vivendo em um mundo paralelo. Um mundo em que não existia mais o aqui e o agora. *Lost* não foi apenas um marco na história da TV, foi ao mesmo tempo um fruto e um ponto de mudança da sociedade como a conhecíamos até então. O que era para ser visto apenas por quem morava nos Estados Unidos, em poucas horas estava espalhado pelo mundo, em computadores pessoais, em um site wiki, em paródias, em blogs que discutiam de forma séria ou faziam músicas homenageando o episódio da semana. Tudo bem, ela não foi a primeira série a ter este tratamento, mas certamente foi a que popularizou essa mobilização toda em torno de um assunto.

O último episódio, que foi apropriadamente chamado pelo próprio canal de "o evento da década", envolveu uma nação de fãs e curiosos. Teve gente que não dormiu a noite toda esperando um download. Houve ainda os que viajaram para acompanhar ao vivo ou apenas clicaram em algum dos inúmeros links para assistir a tudo em uma pequena janela sem qualidade de um streaming qualquer. Não importava a forma, mas sim o imediatismo, a urgência pela informação. Afinal, foram seis anos acompanhando Jack, Sawyer, Hurley, Locke, Sayid, Kate, Charlie, Claire, Jin, Sun, Michael, Walt, Boone, Shanon, Ana Lucia, Liby, Ben, Desmond, Juliet, Penny, Miles, Vincent, Richard, Faraday, Lapidus, Widmore, Mr. Ecko, Rose, Bernard, Danielle Rousseau, Naomi, Keamy, Dr. Chang, Paulo, Nikki e tantos outros.

Alguns personagens ganharam o público logo de cara. Outros foram mudando e crescendo a cada episódio, a cada temporada. Outros simplesmente foram mortos deixando os fãs perplexos ou emocionados (Quem não chorou ao ler "Not Penny's Boat" na mão de Charlie que afunde o primeiro submarino).

Alguns episódios foram pura enrolação, enquanto outros já

FOTO DIVULGAÇÃO

entraram para a história da TV ("The Constant"). E assim foi caminhando a série até este dia 23 de maio de 2010.
Data que parecia distante lá em 2007, quando foi anunciado que *Lost* acabaria na sua sexta temporada.
As questões eram muitas. O que são os números? O que é a ilha? Por que Desmond não era afetado pelo magnetismo?

QUESTÕES QUE *LOST* NÃO RESPONDEU

"Nem todas as perguntas serão respondidas", já havia avisado o produtor executivo Carlton Cuse. Foram muitas, mas aqui destacamos cinco questões que não chegaram a ponto final algum na conclusão de uma das mais misteriosas séries da história da TV:

1. Qual é o verdadeiro significado daquela luz?
2. O que há de fato com os seis personagens que saem da ilha?
3. Qual é a da estátua: quem a construiu, por que ela está lá, qual seu verdadeiro significado?
4. Por que no purgatório, ou realidade alternativa, não há menção aos personagens do sr. Eko e de Walt?
5. A Iniciativa Dharma foi realmente explicada?

Agora, convenhamos: *Lost* surgiu mesmo para perguntar, não para responder...

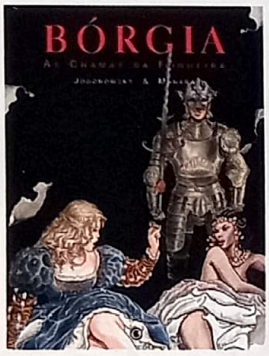
Quem são Jacob e o homem de preto? E os caras que falavam português? Qual a explicação para aquela estátua gigante de quatro dedos? Cadê o Walt? Por que a rivalidade entre Ben e Widmore? E mesmo hoje, as questões ainda são muitas! Só não são mais numerosas do que as hipóteses.
Muita gente – eu inclusive – esperava que este último ano viesse cheio de respostas, o que nunca aconteceu, causando frustrações generalizadas. Mas agora vale a pena parar e pensar. Por que foi que gastamos tantas horas das nossas vidas vendo *Lost*? Foi por causa das respostas ou das perguntas? Será que seria realmente melhor saber o significado de tudo? Não seria incoerente com toda a mítica da série responder a tudo? Eu acho que sim. E vou além para rebater outra crítica: precisava de tanta cena emotiva? Sim, até porque a emoção está em quem está assistindo. Se aquela lagrimazinha escorreu ao ver casais se reunindo mais uma vez, foi apenas porque você aprendeu a gostar daqueles personagens. A trilha sonora, mais uma vez, só preparou o terreno.
Perguntas e respostas à parte, não é aqui e agora que você vai ler a verdade absoluta sobre o final da série. Até porque ainda há dúvidas se ela realmente acabou. Não acredita? Veja por si mesmo quanta gente ainda a está discutindo. A própria Disney, proprietária da série, deixou claro que *Lost* pode continuar em outras mídias, de outras maneiras. Isso é fim? Ou será que é vida após a morte?

(Texto originalmente publicado no www.omelete.com.br)

POR ROBERTO SADOVSKI

Pecado original

Terceiro volume de Bórgia revela história que a igreja prefere esquecer



O roteirista chileno Alejandro Jodorowsky não foge de uma boa polêmica. Seja no cinema, com o western surrealista *El Topo* (de 1970), seja com experiências literárias envolvendo fábulas, religião e psicomagia. E nos quadrinhos, principalmente com a explosiva série *Bórgia*, que biografa a vida da família hispano-italiana que se tornou notória durante o Renascimento que precedeu a Idade Moderna. Este terceiro volume, *As Chamas da Fogueira* (lançado fora do Brasil em 2008, seguindo *Sangue Para o Papa*, de 2004, e *O Poder e o Incesto*, de 2006), continua o retrato violento e intensamente erótico da vida de Rodrigo Bórgia, que se tornou o papa Alexandre VI sob circunstâncias obscuras e se manteve no poder à custa de corrupção, favores sexuais e assassinato. Ao menos é essa a versão narrada por Jodorowsky, que ganha forte apelo gráfico com o traço espetacular de Milo Manara, outro mestre da arte erótica européia, responsável pelo clássico *Click* e por *Gullivera* – além de uma edição especial de *X-Men* para a Marvel. O grande problema deste terceiro *Bórgia*, porém, não está nem no texto e nem no traço: é a sensação de capítulo do meio, de obra inacabada, que perde o impacto de seu começo e é interrompida antes do clímax. Não diminui o poder de *Bórgia*, mas acoberta um pouco de seu brilho.

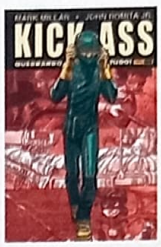
Bórgia : As Chamas da Fogueira – Jodorowsky & Manara; Conrad; 56 págs.

Para Entender o Cinema Brasileiro

A coleção A Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira é um guia útil e inédito para quem se dedica ao audiovisual

Doutora em Cinema e Políticas Culturais e pesquisadora da área audiovisual, Alessandra Meleiro dá continuidade à investigação que coordenou em cinco volumes em *Cinema no Mundo: Indústria, Política e Mercado* e agora se volta exclusivamente para o cinema brasileiro, em especial o posterior à retomada. São três volumes, o primeiro sendo *Cinema e Políticas de Estado: da Embrafilme a Ancine*, inteiramente escrito por Melina Izar Marson e com título que já explicita o conteúdo. Os dois outros volumes reúnem ensaios específicos de diferentes autores. O volume II é *Cinema e Economia Política*, que explora as características econômicas da indústria brasileira de cinema e inclui um capítulo sobre o surgimento dos blockbusters locais, e o III se intitula *Cinema e Mercado* e se detém no fundamental (e mais complicado) tripé "produção, distribuição e exibição". Como se sabe, nos dois últimos quesitos o Brasil ainda tem muito a aprender e corrigir. É uma coleção pioneira e que ajuda a entender muitos dos vícios da produção nacional de cinema. Ch.P.

A Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira – coordenação de Alessandra Meleiro; Escrituras; 240 pág.; 192 pág.; 176 pág.



Kick Ass - Quebrando Tudo

A Panini coloca nas bancas edição bem bacana de *Kick Ass*, com capa dura e extras. *Kick Ass* em papel traz o mesmo esqueleto do filme, mas com uma condução bem diferente. Ainda é a história de um adolescente que quer se tornar um super-herói, mas Mark Millar exercita seu sarcasmo e mostra que não tem simpatia pelo herói que criou. Sem falar na arte de John Romita Jr., um dos cinco maiores desenhistas em quadrinhos em atividade. Seu traço é fluido e os painéis parecem se mover com um realismo fantástico espetacular. O filme é violento? Que nada!

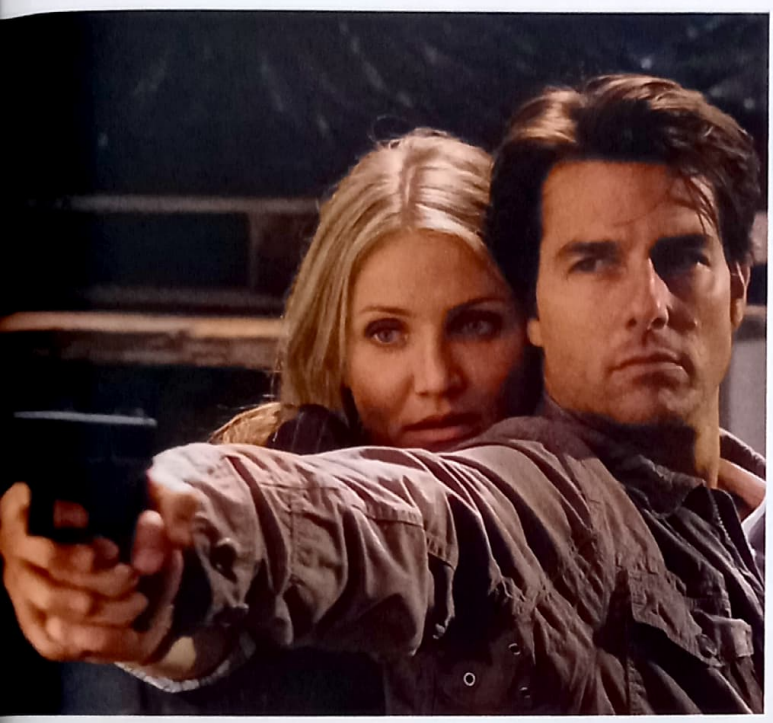
Kick Ass - Quebrando Tudo – Mark Millar e John Romita Jr.; Panini Books; 212 págs.

Scott Pilgrim Contra o Mundo

O original chega ao Brasil antes de o filme estrear (em outubro). É quadrinho pop da melhor qualidade: acelerado, bem humorado e antenado com o mundo e as pessoas – principalmente uma espécie tão difícil de codificar como os adolescentes. Mas se engana quem acha que Scott Pilgrim faz parte da "geração Malhação": é inteligente e esperto, sem ter de se ancorar em "pesquisas" e o diabo. O que Bryan Lee O'Malley fez foi contar uma história simples e original. Scott Pilgrim – baixista, roqueiro e gente boa – se apaixona por Ramona Flowers. Para ficar com ela, precisa derrotar seus sete ex-namorados do mal.

Scott Pilgrim Contra o Mundo – Bryan Lee O'Malley; Quadrinhos na Cia.; 368 págs.

Próximas atrações



ENCONTRO EXPLOSIVO

Tom Cruise e Cameron Diaz entram no jogo da espionagem nesta aventura do mesmo diretor de... *Johnny & June*!

FOTOS DIVULGAÇÃO

SALT

Angelina Jolie é perseguida pelo governo e precisa provar sua inocência neste thriller sobre identidades trocadas

ME CHUTA!

PÓS-GRADUAÇÃO EM ROTEIRO AUDIOVISUAL É NO SENAC.

A gente faz diferente hoje para você fazer diferença amanhã.

DPZ

O Centro Universitário Senac oferece curso de pós-graduação *lato sensu* em Roteiro Audiovisual. O curso aborda:

- As diferentes funções do roteirista, como autor de roteiros originais, adaptados, co-roteirização e script doctors.
- Os diversos formatos de produção, gêneros narrativos e meios de veiculação.
- Desenvolvimento de roteiros para diversas mídias, integrando cinema, televisão, internet, games e telefonia móvel.
- Identificação de oportunidade de mercado para a proposição e elaboração de projetos que viabilizem soluções narrativas e de linguagem.
- Técnicas de negociação de contrato, apresentação e defesa de ideias.

São 36 títulos em graduação, 73 títulos em pós-graduação e 109 títulos em extensão universitária. Cursos presenciais na capital e no interior do Estado de São Paulo e cursos a distância.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC
Avaliado pelo MEC como o 2º melhor no Estado de São Paulo e o 5º no país.

senac
são paulo

0800 883 2000
www.sp.senac.br/posgraduacao

F/NAZCA S&S

CULTURA.
QUANTO MAIS GENTE
TEM ACESSO,
MAIS ELA SE PROPAGA.

A Petrobras acredita que a cultura pode transformar a sociedade, por isso investe na preservação e memória, na produção, na difusão e na educação para as artes. Sempre com rigor e transparência. Tudo isso para que cada vez mais pessoas possam conhecer, valorizar e contribuir com a nossa cultura.
Saiba mais em www.petrobras.com.br.

BR PETROBRAS

O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de Minas e Energia

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL